

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – CEFE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CURSO DE MESTRADO

Lisiane Reis Brum

ÉTICA E CORPO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Caxias do Sul

2009

Lisiane Reis Brum

ÉTICA E CORPO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Evaldo Antônio Kuiava

Caxias do Sul

2009

*A ética do corpo é a ética da
sensibilidade, aquela que nasce da
capacidade que o ser vivo tem de viver a
si mesmo, de sentir e experienciar a vida.*

(Silvino Santin)

AGRADECIMENTOS

À direção do Centro de Ciências da Saúde e à coordenação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul, a oportunidade à realização desta investigação na Instituição.

Aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul, por aceitarem prontamente participar desta pesquisa e a disponibilidade em oferecer todas as informações possíveis para esta investigação.

Aos estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul, a disposição em ajudar com informações relevantes para o estudo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Evaldo Antônio Kuiava, o envolvimento em todas as etapas desta investigação e a confiança depositada no meu trabalho e na minha formação.

Ao Prof. Dr. Jayme Paviani, que me fez adquirir um olhar mais amplo sobre todos os fenômenos que envolvem a educação.

Aos professores membros da Banca Examinadora, suas importantes contribuições para a realização deste trabalho.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul, que oportunizaram-me refletir sobre o sentido da educação na atualidade.

Aos alunos do curso de Mestrado em Educação, o coleguismo durante este período inesquecível.

A Celso Brum Júnior, meu marido, o companheirismo e a compreensão nas minhas ausências, durante esta etapa tão importante de minha vida e pelo amor demonstrado.

A Terezinha Reis, minha mãe, o amor incondicional, por ser a base de todo meu amadurecimento pessoal e profissional.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

A Deus, que habita minha alma em todos os momentos.

Resumo: A ética, enquanto reflexão filosófica sobre os valores que o ser humano adota e sobre o sentido das ações que pratica, é essencial na formação de professores de Educação Física, especialmente por desenvolverem uma prática docente direcionada para o corpo e o movimento do ser humano. O corpo, na Educação Física, pode ser entendido à luz de múltiplos sentidos; no entanto, para que a prática pedagógica desse professor venha ao encontro de uma educação voltada para a totalidade do ser humano, como forma de expressão e comunicação física, psíquica, emocional e social, entende-se que a formação docente em Educação Física necessita constantemente de atenção, quanto aos aspectos voltados às implicações éticas e pedagógicas na prática docente com o corpo do outro, tendo em vista a complexidade existente nas diferentes dimensões que caracterizam o corpo humano. Na perspectiva da formação de professores preocupados em auxiliar na reflexão sobre ética, corpo e educação, acredita-se que o espaço acadêmico é o percurso pelo qual é possível oportunizar ao estudante de licenciatura em Educação Física o debate a essas questões, visto que a formação docente está estreitamente ligada ao entendimento de todo o processo de aprendizagem e da função do professor nesse processo. Esta pesquisa investigou como o curso Licenciatura em Educação Física de uma instituição particular tem contribuído para a formação da atitude ética de seus estudantes, na prática docente com o corpo do outro, tendo em vista que um olhar específico sobre as atitudes em relação ao outro, e sobre os valores atribuídos ao corpo humano, pode apresentar uma relação direta com a formação ética de cada um. Este estudo está situado na linha de pesquisa da História e Filosofia da Educação e vinculado ao Projeto Ética na Formação de Professores, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. A fim de proporcionar elementos que permitissem responder ao objetivo do estudo, foram analisados os conceitos de ética e corpo mediante revisão da literatura referenciada pelas ideias dos filósofos Aristóteles e Merleau-Ponty. O estudo se caracteriza como analítico-descritivo, de cunho qualitativo. O instrumento utilizado para coleta das informações foi a entrevista semiestruturada, cuja amostra foi composta por nove professores universitários e treze estudantes do curso Licenciatura em Educação Física. Buscou-se verificar a percepção dos entrevistados em relação à ética, ao corpo, às atitudes éticas dos professores universitários e sua influência na formação de uma conduta ética. Para a análise dos dados, foi utilizada a análise textual discursiva proposta por Moraes (2007). O estudo está dividido em uma parte introdutória, um capítulo referente à ética e ao corpo; outro sobre a trajetória metodológica e um capítulo final com a análise e interpretação das informações, além das considerações finais sobre a pesquisa. Constatou-se que estudantes e professores universitários são unânimes quanto ao reconhecimento da importância da ética para o convívio harmonioso entre os seres humanos, cujo termo é percebido pela maioria como sinônimo de moral e conduzido à questão da ação propriamente dita. O corpo é percebido pelos professores como totalidade física, emocional e social; no entanto, alguns estudantes tendem a vincular o corpo a um instrumento de trabalho, visto que o conectam à lógica imediata do mercado de trabalho sem perceber a magnitude existente em torno do corpo humano. Contudo, é possível inferir que o curso Licenciatura em Educação Física contribui positivamente para o desenvolvimento da responsabilidade e do comprometimento com a prática de ensino, por meio das atitudes de exemplo dos professores universitários, cuja prática pedagógica se caracteriza pelo respeito e pelo cuidado com a totalidade do ser humano, mesmo que uma minoria de estudantes ainda não esteja preparada para perceber isso.

Palavras-chave: Ética. Atitude ética. Corpo. Educação Física.

Abstract: Ethics, as philosophical reflection about the values that the human being takes and about the meaning of the actions that they practice, is essential in the training of Physical Education teachers, especially for developing a teaching practice directed toward the body and movement of human beings. The body, in Physical Education, can be understood by different ways, however, for the pedagogical practice of the teacher to be seen as an education directed to the totality of the human being, as a way of expression and physical communication, mental, emotional and social, we understand that teacher training in Physical Education requires constant attention on the issues focused on ethics and pedagogical implications about teaching practice with the body of others, considering the complexity that there is in different dimensions that characterize the human body. In view of the teachers training concerned to assist in reflection on ethics, body and education, we believe that the academic space is the way which it is possible to offer to the Physical Education's graduate students the debate of these issues, since the teachers training is closely linked to the understanding of the whole process of learning and the teacher's role in this process. This research aims to investigate how the degree course in Physical Education from a private institution has contributed to the formation of the ethical attitude of its students, considering the teaching practice with the body of others and considering that a specific look on attitudes in relation to others and about values assigned to the human body may have a direct relationship to the ethical education of each one. This study is related to the research line of History and Philosophy of Education and linked to the Project: Ethics in Teacher Training Program, of the Post-Graduation Program in Education at the University of Caxias do Sul. In order to provide elements that could answer the objective of this study, we analyzed the concepts of ethics and the body through the review of literature referenced by ideas of the philosophers Aristotle and Merleau-Ponty. The study is characterized as analytical-descriptive, a qualitative approach. The instrument used for data collection was semi-structured interview, the sample consisted of nine university teachers and thirteen students from bachelor's degree in Physical Education, and we tried to verify the perception of respondents considering ethics, the body, the ethical attitudes of university teachers and its influence on the formation of an ethical conduct. For data analysis, we used the textual discourse analysis proposed by Moraes (2007). The study is divided into an introduction, a chapter referent to ethics and the body, another on the methodological framework and a final chapter with the analysis and interpretation of information, besides the final considerations about the research. We realized that students and professors are unanimous in the recognition of the importance of ethics for the harmonious relationship between human beings, whose term is seen by most as synonymous as moral and conducted to question of the action itself. The body is seen by teachers as physical, emotional and social totality, however, some students tend to see the body as a working tool, and they connect the body to the immediate logic of the labor market, without realizing the magnitude that there is around the human body. However, it is possible to say that the degree course in Physical Education contributes positively to the development of responsibility and commitment to teaching practice through the example of the attitudes of university teachers, whose teaching practice is characterized by respect and care for the human being totality, even if a minority of students are not yet prepared to realize this.

Keywords: Ethics. Ethical attitude. Body. Physical Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 A ÉTICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	16
2.1 A ATITUDE ÉTICA.....	25
2.1.1 A influência das atitudes docentes.....	29
2.1.2 A responsabilidade e o cuidado pelo outro.....	36
2.2 LEITURAS SOBRE O CORPO: VISÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	41
2.2.1 Aspectos históricos: A relação com o corpo e o movimento.....	47
2.2.2 O corpo no pensamento filosófico.....	50
2.2.3 Condições pós-modernas: corpo, contemporaneidade, mídia e consumo.....	60
2.2.4 Implicações pedagógicas e éticas no trabalho docente com o corpo do outro.....	66
3 UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO ÉTICA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	74
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	74
3.2 A ESCOLHA PELA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL.....	75
3.2.1 Características do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul.....	77
3.2.2 Os participantes do estudo.....	78
3.3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	80
3.4 DEFINIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÃO.....	80
3.4.1 Entrevista.....	80
3.4.2 Análise textual discursiva.....	82
3.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	83
4 A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ASPECTOS ÉTICOS E O CORPO.....	84
4.1 ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	84
4.2 DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES.....	85
4.2.1 A concepção de ética e as atitudes que a englobam.....	86
4.2.2 A concepção de corpo e as atitudes éticas em relação ao corpo do outro.....	94
4.2.3 Princípios éticos mais vivenciados durante a trajetória acadêmica.....	103
4.2.4 A influência das atitudes dos professores universitários.....	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	121
ANEXOS.....	126
A – Autorização do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Caxias do Sul	127
B – Autorização do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul	128
C – Roteiro da entrevista para os estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física	129
D – Roteiro da entrevista para os professores do curso de Licenciatura em Educação Física	130
E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	131

F – Entrevista realizada com um dos estudantes	134
G – Entrevista realizada com um dos professores universitários	136

1 INTRODUÇÃO

O aumento de interesse das pessoas, em repensar as questões que permeiam o campo da ética, é um fato característico de uma sociedade permeada por uma série de conflitos morais e sociais, quando comumente se questiona sobre o que é certo ou errado, bem ou mal, ou o que é permitido ou não nas relações humanas. Nesse sentido, frequentemente é possível observar uma nítida troca de valores nas atitudes tomadas em um determinado contexto social. Isso pressupõe que discutir sobre o posicionamento ético das pessoas envolve constante reflexão, especialmente ao se pensar em uma prática educativa voltada para questões éticas à luz do nosso tempo.

Sabe-se que a educação ocorre em diferentes âmbitos. No entanto, sabe-se também que o sistema educacional pode contribuir significativamente não apenas para o conhecimento técnico, científico ou histórico, mas para a orientação de valores e para o aprender a conviver com os outros. Educar é uma tarefa social; logo, a escola, como instituição social, possibilita o encontro com o outro mediante um educar baseado em bons princípios, cuja descoberta do outro, como atitude ética e moral, requer um olhar atento dos professores sobre os fenômenos que envolvem o ser humano e a educação.

Numa educação atenta às exigências da contemporaneidade, professores e professoras acabam sendo fundamentais para uma educação voltada para os princípios mínimos de convivência. Por meio de estratégias pedagógicas é possível oportunizar modos de se relacionar, de analisar, de criticar, de julgar e agir em relação aos outros seres humanos, ou seja, é possível oportunizar um espaço que aponte caminhos para o enriquecimento pessoal e que contribua para a formação de um ser humano cada vez mais humano, cada vez mais ético.

Embora não seja possível pensar que o sistema educacional tem o poder de educar as pessoas integralmente, também não é possível pensar em uma sociedade mais justa sem a contribuição dos professores. Partindo dessas premissas, é possível assumir a ideia de que a profissão docente é uma das mais poderosas do mundo, pois as atitudes de um professor, seu estilo de ministrar aulas, bem como os valores fomentados em sua prática podem contribuir para a formação de elementos de cunho ético, indispensáveis na educação do ser humano.

Nesse cenário, encontra-se a contribuição da Educação Física. Envolvidos em um trabalho direcionado para o corpo e o movimento do ser humano, professores e professoras de Educação Física podem mobilizar intensamente vários aspectos do comportamento dos alunos em um espaço privilegiado de socialização, por meio das diferentes práticas corporais vivenciadas na escola, como: a dança, os jogos, a ginástica e os esportes.

O corpo¹ em movimento é capaz de revelar por intermédio dos gestos a maneira de ser de cada um, motivo pelo qual o professor de Educação Física, ao possibilitar o desenvolvimento de práticas vinculadas a uma intensa expressão de sentimentos, tem a oportunidade de participar do processo de formação de valores; do reconhecimento do aluno sobre si mesmo e do aprender a dar valor às relações humanas.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNS, 1997, p. 27), a Educação Física pode sistematizar situações de ensino e aprendizagem, garantindo o acesso a conhecimentos práticos e conceituais aos alunos, mudando a ênfase, na aptidão física e o rendimento padronizado,² para todas as dimensões envolvidas em cada prática corporal. No entanto, isso não significa que todos os professores de Educação Física consigam participar de maneira significativa na vida de seus alunos, visto a dificuldade existente em interpretar todos os fenômenos que envolvem o trabalho docente com o corpo do outro.

Se um professor ou professora de Educação Física perguntar para boa parte das pessoas sobre as lembranças das aulas de Educação Física na escola, poderá ouvir que, para muitos, a experiência possa não ter sido muito agradável, ou quem sabe, que nenhuma lembrança significativa venha à tona. Respostas como essas podem frustrar professores de Educação Física, especialmente aqueles que, verdadeiramente, acreditam em seu trabalho e na importância dessa disciplina nos currículos.

Ao serem responsáveis pelo trabalho com o corpo e o movimento, as experiências que os professores oportunizam nem sempre são agradáveis aos olhos dos alunos. Muitas vezes, o aluno, por medo de errar uma bola na cesta de basquete, de não ser escolhido para o time de futebol, ou, ainda, por medo de que seu corpo seja percebido pelos colegas como um modelo fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, acaba transformando as vivências das aulas de Educação Física em momentos frustrantes ou insignificantes. Esse espaço privilegiado de socialização, sem dúvida, exige professores preparados para enfrentar os desafios encontrados no cotidiano de ensino das práticas físicas.

¹ Segundo Mora (2001, p. 133), entende-se por “corpo” um objeto físico que possui propriedades sensíveis. Todavia, no presente estudo, a noção de corpo estará vinculada a ideia do corpo como forma de interação consigo, com os outros e com o mundo que abrange, portanto, todas as dimensões humanas: física, histórica, emocional e social. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 202), nosso corpo não é apenas um espaço expressivo entre todos os outros, mas a origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, que projeta as significações no exterior dando-lhes um significado. É ele que dá à nossa vida a forma de generalidade e prolonga nossos atos pessoais em disposições estáveis.

² De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 27), a “aptidão física”, tradicionalmente, é um conjunto de capacidades, tais como: força, resistência e velocidade, que o indivíduo deveria ter para estar apto a praticar atividades físicas. Nesse sentido, o “rendimento padronizado” diz respeito às metas de desempenho corporal que todos os alunos deveriam atingir, independentemente das características de cada um.

Por mobilizar aspectos sociais tão intensos, o professor de Educação Física precisa ter um conhecimento abrangente de seus alunos, dos limites e das possibilidades do corpo humano. Tendo em vista que o crescente interesse da sociedade pelas atividades do corpo, nos últimos anos, vem criando condições mais favoráveis para debates e reflexões na área da Educação Física, sobre a prática docente de seus professores, entende-se que estabelecer uma relação entre ética, corpo e educação, é fundamental desde a formação acadêmica do futuro professor.

Na medida em que assume a responsabilidade e o comprometimento necessários para o desenvolvimento biopsicossocial do aluno, o cuidado quanto à forma de abordagem utilizada, durante o trabalho que desenvolve, pode ser entendido como uma questão relacionada à dimensão ética, independentemente do contexto em que se encontra, seja ele professor na escola, seja na universidade.

A necessidade de encontrar um sentido mais humano para o trabalho que os professores desenvolvem nas escolas é caracterizada por diferentes discursos filosóficos e científicos, adotados pela Educação Física em relação ao corpo, e vinculadas a um amplo contexto sócio-histórico, que, muitas vezes, contribuiu para a fragmentação do trabalho pedagógico. Ao longo de sua história, a Educação Física parece ter voltado, demasiadamente, sua atenção para o cientificismo moderno, o que, por consequência, lhe trouxe uma geração de professores que, numa determinada época, não visualizou o corpo como um todo, mas como algo independente.

Pensar em corpo significa entendê-lo à luz de múltiplos sentidos. Tendo em vista as diferentes perspectivas para sua interpretação, não é possível pensá-lo apenas sob o enfoque de sua materialidade biológica, mas como forma de comunicação e expressão, capaz de captar e transmitir todas as dimensões do ser humano e de sua maneira de estar no contexto em que vive. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 205), ser corpo é estar atado a um certo mundo. Como pode fechar-se ao mundo, “meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação”. (p. 228).

Logo, a questão acerca de como entender e como desenvolver um trabalho que assuma a ideia de um corpo como um todo, de bem-estar não apenas físico, mas no equilíbrio do ser humano, é premente e complexa, pois cada professor tem uma maneira de enxergar a si mesmo, os outros e o mundo. Mesmo assim, não lhe compete mais uma leitura ultrapassada, visto que, com sua ampla formação interdisciplinar, é adequado supor que dê ênfase ao desenvolvimento equilibrado do ser humano e apresente clareza sobre as implicações éticas e pedagógicas envolvidas durante as práticas de ensino da Educação Física.

O interesse por uma formação de professores, voltada para as questões relativas à dimensão da atitude ética na prática docente com o corpo do outro, tem início a partir do momento em que se percebe a importância de pensar e enfatizar uma Educação Física com referencial teórico e prático norteados pela ética, especialmente no cotidiano acadêmico.

Na perspectiva da formação de professores preocupados em auxiliar o aluno no desenvolvimento da capacidade de reflexão, entende-se que o espaço acadêmico é o percurso pelo qual é possível oportunizar ao estudante de licenciatura o debate das questões referentes à ética, ao corpo e à educação, pois a formação docente está estreitamente ligada ao entendimento de todo o processo de aprendizagem e da função do professor de Educação Física nesse processo.

Para que a prática pedagógica desse professor venha ao encontro de uma educação voltada para a formação do homem como um todo e que o êxito de tal trabalho, mesmo que condicionado por muitos fatores, possa ser reconhecido pela sociedade, torna-se fundamental que, desde a formação acadêmica, o estudante de Educação Física, futuro professor, obtenha uma educação pautada pela ética, pois, de acordo com o *Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul* (PPLEF, 2007, p. 65), pela educação os cidadãos precisam construir os saberes (valores, atitudes, conhecimentos, comportamentos) necessários ao exercício da cidadania, isto é, necessitam saber agir e viver de modo ético.

Além disso, o *Projeto Pedagógico UCS Licenciatura - Formação Comum* (PPUCS, 2004, p. 8) expõe que os cursos de licenciatura assumem um caráter de dupla formação, ou seja, a formação pessoal/profissional do próprio graduando e a concomitante instrumentalização deste para intervir com profissionalismo, postura ética, criativa e responsável na formação básica de seus futuros alunos. Ao refletir sobre essa proposta, é plausível assumir a ideia de que o professor universitário passa a ser um grande estimulador de atitudes, pois o mesmo projeto aponta a necessidade de que esse professor seja um constante empreendedor, buscando sempre, por meio de sua prática, criar condições e ambientes de aprendizagem, que venham a propiciar o empreendedorismo de seus alunos. (PPUCS, 2004, p. 22).

No centro dessa discussão, buscando novos questionamentos e enfrentando também concepções históricas que influenciaram as práticas pedagógicas na área da Educação Física, abordar o tema sobre como as atitudes éticas em relação ao trabalho com o corpo têm sido desenvolvidas no processo de formação de professores, apoia-se na ideia de que muitos estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física possam não estar percebendo a

importância da intervenção pedagógica de seus professores em relação à formação ética, especialmente no que diz respeito à responsabilidade e ao cuidado com o outro, durante as práticas de ensino.

Considerando que as atitudes éticas sejam imprescindíveis na prática docente e que o corpo, na Educação Física, não deve ser visto pelos estudantes como mero instrumento técnico, entende-se salutar uma formação propiciada por debates e reflexões, que problematizem a questão do corpo e das relações interpessoais, visto que a falta desse tipo de intervenção pode influenciar consideravelmente o trabalho do futuro professor nas escolas.

Ao mapear o território a ser explorado, as reflexões em torno do contexto universitário no curso de Licenciatura em Educação Física, no sentido da contribuição e promoção de uma postura baseada em atitudes éticas, traduz-se na seguinte questão a qual pretende responder:

Como o curso de Licenciatura em Educação Física tem contribuído para a formação da atitude ética no trabalho docente com o corpo?

Acredita-se que este estudo poderá contribuir para a qualidade do Ensino Superior, ao demonstrar aspectos relacionados às atitudes éticas dos professores de Educação Física, em relação ao trabalho desenvolvido com o corpo, propiciando, a partir disso, um saber que crie condições para uma prática educativa preocupada com a totalidade do ser humano.

Na perspectiva de um olhar amplo sobre todos os fenômenos educativos, é possível que os professores levem em conta todo o processo de subjetividade que constitui seus princípios e valores éticos em relação ao trabalho que desenvolvem. Diante da responsabilidade atribuída à docência, os professores universitários podem refletir e debater sobre a influência que exercem sobre os estudantes, futuros professores, que também terão sua parcela de responsabilidade pela educação de cidadãos aptos a viver em uma sociedade, cuja estrutura se constrói a partir de princípios e atitudes éticas, indispensáveis na convivência com os outros.

Nesse sentido, a partir da questão principal do presente estudo, formularam-se as seguintes questões a investigar:

Questão 1: Qual o conceito de ética e de corpo, entre estudantes e professores do curso de Licenciatura em Educação Física?

Questão 2: Como os professores conduzem os aspectos voltados para a reflexão e discussão de princípios éticos norteadores da prática docente?

Questão 3: Quais princípios éticos estão sendo mais enfatizados durante as disciplinas teóricas e práticas, em relação ao trabalho com o corpo do outro?

Questão 4: É possível contribuir para a formação de atitudes éticas no cotidiano dos estudantes de licenciatura, se estas, aparentemente, já estão moldadas conforme as experiências de vida de cada um?

Considerando o tema de pesquisa e as questões de investigação, o estudo teve como propósito os seguintes objetivos:

- a) identificar o conceito de ética e de corpo entre estudantes e professores;
- b) verificar como a atitude ética tem sido abordada durante as disciplinas teóricas;
- c) verificar como a atitude ética, em relação ao trabalho com o corpo do outro, tem sido conduzida durante as aulas práticas;
- d) analisar a influência das atitudes dos professores para a formação ética do estudante.

Trata-se de um estudo analítico-descritivo, haja vista que as informações obtidas serão analisadas à luz de referenciais teóricos e na subsequente análise de entrevistas com estudantes e professores universitários do curso em questão.

Após a introdução, o segundo capítulo, *A ética e suas implicações na formação docente*, apresenta-se o referencial teórico, quando são abordadas as implicações da ética na formação docente, o conceito de atitude ética, a influência das atitudes dos professores, bem como alguns princípios norteadores da prática docente: a responsabilidade e o cuidado pelo outro. A fim de proporcionar elementos que permitissem responder aos objetivos de um estudo situado na linha de pesquisa da História e Filosofia da Educação, o quadro teórico sobre ética foi preferencialmente referenciado pelas ideias de Aristóteles, com contribuições de outros filósofos.

No mesmo capítulo, destacam-se as leituras sobre o corpo na Educação Física, onde discutem-se aspectos históricos da relação do homem com o corpo e o movimento, desde o pensamento filosófico até o corpo na contemporaneidade. Além disso, discutem-se também as implicações éticas e pedagógicas no trabalho docente com o corpo do outro. O referencial teórico sobre corpo tem como base as ideias do filósofo Merleau-Ponty.

O terceiro capítulo, intitulado, *Uma experiência de formação ética no curso de Educação Física*, descreve a trajetória metodológica da pesquisa, com as características do estudo e a escolha da Universidade de Caxias do Sul para a realização da pesquisa. Destacam-se as características do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul, os participantes do estudo, as estratégias metodológicas utilizadas para a obtenção das informações e as categorias de análise que compõem a pesquisa.

De acordo com as opções metodológicas tomadas no capítulo anterior, o quarto capítulo, *A formação docente em Educação Física: aspectos éticos e o corpo*, é destinado à organização, análise e interpretação das informações obtidas, cuja discussão é feita à luz das categorias de análise, compostas pelas concepções sobre ética e corpo entre estudantes e professores do curso de Licenciatura em Educação Física. Além disso, são expostas a percepção que ambos apresentam sobre os princípios éticos mais vivenciados durante a trajetória acadêmica e a influência das atitudes dos professores universitários durante a formação dos estudantes. Consideram-se os resultados de grande relevância para o debate educativo, visto que é nesse capítulo que articulam-se os conceitos abordados à realidade desse curso, viabilizando uma melhor compreensão dos fenômenos educativos frente ao atual quadro da Educação Física.

Por último, nas considerações finais sobre a pesquisa, apresentam-se as conclusões sobre o problema e as questões da pesquisa, bem como reflexões pessoais sobre o envolvimento da pesquisadora com o estudo, no sentido de lançar um discurso decididamente favorável às questões éticas no trabalho docente com o corpo.

Para que não haja dúvidas quanto a alguns termos utilizados durante o estudo, é necessário destacar que a expressão *professor universitário* designa aqui a pessoa que atua na universidade; o *professor* é aquele que atua nas escolas; o *estudante* indica o acadêmico matriculado no curso de Licenciatura em Educação Física, futuro professor; e o termo *aluno* indica as crianças e os adolescentes nas escolas.

2 A ÉTICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE

A sociedade atual apresenta rápidas transformações caracterizadas pela dimensão planetária da economia, pelos avanços tecnológicos e por um fluxo veloz e inesgotável de informações advindas dos mais diversificados meios de comunicação. Provenientes da globalização, esses fatores geram dúvidas e questionamentos em praticamente todas as esferas da vida humana, cujas preocupações com a insegurança, muitas vezes reduzidas à preocupação com a segurança do corpo e dos bens pessoais, são sobrecarregadas de ansiedades geradas também pela incerteza. (BAUMAN, 1999, p. 11).

Na tentativa de captar o mais rápido possível as informações acerca de tudo que ocorre no mundo globalizado, parece que o tempo se torna cada vez mais curto para dar conta de todas as tarefas impostas no cotidiano, e as informações se tornam muitas vezes desconstruídas. O fato é que, como lembra Bauman (1999, p. 8), todos nós, a contragosto, por desígnio ou à revelia, estamos em constante movimento num mundo em permanente mudança mesmo que fisicamente imóveis.

Imersos em uma vida cada vez mais intensa em todos os sentidos, rumo a uma inevitável diminuição do tempo para o lazer, o ser humano se coloca na defensiva diante dos desafios e dos conflitos que emergem nas relações sociais. Nesse cenário, o individualismo parece reinar em um contexto permeado por alarmantes processos de desumanização, no qual o atual contexto da civilização, de acordo com Kuiuava (2003, p. 19), “sugere questões que desafiam radicalmente a reflexão ética gestada na modernidade”, visto que o processo de humanização aparece como um ideal cada vez mais difícil de ser atingido pelo homem.

Na certeza de que o quadro da existência humana se depara com os limites evidentes da organização social, é possível perceber que a noção do que é certo ou do que é errado, do que é bom ou mau, justo ou injusto ou do que é permitido ou não nas relações interpessoais, revela que nosso agir acaba sendo orientado por normas e regras impostas pelo contexto social, cujo espaço, permeado por problemas de convivência, ocasiona conflitos mediante a troca e muitas vezes a perda de alguns valores.

De um modo geral, o ser humano vive à procura de explicações e compreensões sobre os problemas que encontra em todas as instâncias da vida, quando os pensamentos, quase unânimes na sociedade, se caracterizam por um profundo descontentamento relacionado à crise ética entre as pessoas. A ética, nesse sentido, surge como uma tentativa de orientar as ações que o ser humano pratica, tendo em vista que está diretamente relacionada com a experiência cotidiana.

De acordo com Kuiava (1996, p. 96), a ética “designa, por um lado, o modo de ser próprio de cada um, por outro, o conjunto de hábitos, dos comportamentos, dos costumes, indicando o lugar habitual, correto das coisas ou o lugar criado e conquistado pelo homem”. Se cada um de nós reconhece algo como correto ou não, entende-se que agregado a esse entendimento, esteja a experiência social vivida até então e que, por sua vez, envolve diferentes âmbitos de convivência, desde a família, bem como os próprios contextos político, social, econômico e cultural. Todos, inevitavelmente, contribuem para determinadas formas de enxergar o mundo e de viver em uma sociedade.

Num espaço permeado por relações sociais na família, na escola, no grupo de iguais, no trabalho, no bairro ou em qualquer outro tipo de interação, o homem contemporâneo está sujeito a um processo cíclico que se reflete em todas as dimensões de sua vida, em que não raras vezes, cada um a sua maneira, precisará fazer escolhas e agir conforme lhe for mais justo ou conveniente, mesmo que esse agir pareça inadequado, intolerante ou injusto ao olhar do outro.

Se a vida social, hoje, se distancia cada vez mais das questões éticas, é preciso sublinhar a força da influência da educação no processo de orientação e formação de um agir ético. Como lembra Paviani (2005, p. 10), em nossa sociedade, a educação em geral e a educação escolar particularmente impõem-se como algo necessário para a sobrevivência do grupo e da sociedade, na qual o processo educativo é uma totalidade:

Pode-se distinguir graus, aspectos, enfoques, com o objetivo de analisá-lo e compreendê-lo melhor. O importante é saber que não somos totalmente livres para termos a educação que queremos, pois nosso querer, desde que nascemos, vem sendo *educado* por idéias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas. (PAVIANI, 2005, p. 11).

Nessa discussão, cabe lembrar também o desafio da educação contemporânea diante da pluralidade. De acordo com Hermann (2001, p. 91), a pluralidade se constitui numa inegável marca da atual realidade sociocultural referente a uma multiplicidade de normas e formas de vida, teorias e ideias, modos de fundamentação e filosofias. Nessa perspectiva, a pluralidade se apresenta como elemento de caráter fascinante na medida em que tende a respeitar as diferenças no contexto educacional, embora, como lembra Hermann (2001, p. 128), o elogio da pluralidade, do heterogêneo e da diferença se defronte “com o próprio sentido de educar para o bem numa sociedade que altera profundamente seus processos de socialização e de formação de identidade”.

Frequentemente observa-se uma tendência no ser humano de projetar no outro a causa dos males que lhe ocorrem. Paralelamente, a dificuldade de colocar-se no lugar do outro pode

esgotar a possibilidade de discernir entre o que possa ser considerada uma boa atitude ou uma atitude justa em determinado momento. Por esse motivo, convém insistir no papel da ética nas escolas, e, nessa perspectiva, na importância da ética durante a formação docente, tendo em vista que sua presença pode desenvolver a capacidade de conhecer a si mesmo e reconhecer o outro.

Passando à descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais nada ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida. (DELORS, 2006, p. 98).

O consenso de que o ideal maior da ação educativa esteja na preparação da cidadania e na formação de uma conduta ética e solidária parece cada vez mais proclamado. Os processos pedagógicos têm se preocupado cada vez mais em fornecer saberes voltados para as formas de compreender as relações que ligam o ser humano, bem como seu comportamento na sociedade.

Segundo Delors (2006, p. 97), um dos maiores desafios da educação, hoje em dia, está no aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros. Pensamento que traduz o significado do papel do professor quanto às questões pertinentes à compreensão do outro na multiplicidade das relações humanas, pois, como diz Delors (2006, p. 49), “compreender os outros faz com que cada um se conheça melhor a si mesmo”. Além disso, cabe à educação fornecer os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado, assim como, ao mesmo tempo, a bússula que permite navegar através dele. (DELORS, 2006, p. 89).

Sendo o professor um dos protagonistas centrais no processo educativo, sua formação inicial e contínua torna-se fundamental para uma adequada intervenção nas escolas, conseqüentemente para a melhoria da qualidade do processo educacional. A prática docente visa à formação humana não somente mediante conteúdos teóricos e habilidades, mas de pensamento e escolhas que implicam uma gama variada de ações.

As expectativas depositadas pela sociedade na profissão docente crescem, na medida em que as exigências sociais vislumbram cada vez mais a necessidade de se pensar em mudanças. Valores diferentes e, até contraditórios, surgem numa educação envolta pela diversidade e em uma sociedade multicultural que, inevitavelmente, modifica a relação entre professores e alunos. Essa situação permite observar o aumento de conflitos que, de uma maneira ou de outra, dificultam a adoção de atitudes éticas e a convivência entre ambos.

Assentadas nas necessidades da sociedade contemporânea, as situações vivenciadas, no cotidiano da profissão docente, condicionam o professor numa busca incessante por elementos que lhe assegurem a sobrevivência em um universo tão complexo. Num contexto aberto à multiplicidade de ideias, opiniões, escolhas e ações, abrem-se lacunas para que cada um as ocupe de maneira a se identificar com os princípios e valores por eles aprendidos e, de certa forma, interiorizados de acordo com suas experiências.

Entretanto, cabe lembrar que, em muitos casos, as formas de pensar e agir podem sofrer modificações, de acordo com novas formas de interpretação dos fenômenos sociais e de aceitação de ações, conforme novas leituras da realidade. Leituras estas, que todo ser humano terá a possibilidade de fazer, mediante o conjunto de experiências durante a vida.

Na visão de Tojal (2004, p. 259), o pressuposto de que o homem tem consciência de si e do outro favorece a reflexão sobre as relações que exerce na sociedade e os questionamentos em torno dos princípios éticos que estabelece em sua vida e em seu modo de agir. Mesmo que no interior de cada ação humana resida a subjetividade, é muito importante uma educação para os valores humanos, motivo pelo qual, a prática docente encontra na ética os princípios que norteiam seu fazer pedagógico, pois as ações dos professores poderão ter um papel fundamental nas atitudes dos alunos ao longo da vida.

O entendimento das questões relacionadas à formação de professores envolve reflexões críticas mediante as análises que articulam teoria e prática no cotidiano de ensino, pois, como lembra Pimenta (2002, p. 93), “a educação é uma prática social”, mas a prática não fala por si mesma e exige com ela uma relação teórica. A prática dos professores é um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria e também um espaço de produção de saberes específicos, oriundos dessa mesma prática. (TARDIF, 2002, p. 234).

Nesse cenário, conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana, com sensibilidade pessoal e social, configuram um dos grandes conjuntos de conhecimentos específicos atribuídos à docência, mas que precisam oferecer bases tanto em conhecimentos teóricos quanto em ações práticas, tendo em vista que a multiplicidade de fatores encontrados na prática docente exige diversas formas de abordagem por parte do professor.

Quem se dispõe à docência precisa apresentar clareza sobre os desafios impostos e os conflitos existentes na educação. Ao enfrentar a realidade nas escolas, precisa ter consciência sobre a intervenção no processo de formação dos alunos e conhecer, de acordo com Kuiava e Sangali (2008, p. 92), “ao menos alguma teoria ética, dominar alguns dos conceitos centrais e

fazer definições e distinções, tais como: liberdade, autonomia, bem, justiça, dever, igualdade”.

No atual momento histórico, com as rápidas mudanças no âmbito científico-tecnológico, muitas vezes observa-se um processo de desvalorização da formação ética no campo educacional. No que tange às discussões sobre o saber pedagógico, o discurso pedagógico muitas vezes varia quanto à ênfase dada às diversas dimensões de ensino na formação docente, assim como no direcionamento do *que*, do *como* e do *para que* ensinar. (CARDOSO, 2003, p. 38).

Kuiava e Sangali (2008, p. 90), ao abordarem a questão da formação ética e dos valores morais no processo de ensino e aprendizagem, advertem para o fato de o incremento da formação científica e técnica, unicamente voltada ao trabalho e às demandas do mercado, parece não ter sido acompanhado da formação ética e humana. Os autores lembram que a vida de uma pessoa formada não se reduz às horas dedicadas ao exercício da profissão, ou seja, não basta saber fazer coisas, ter saber técnico, produtivo, pois esse modelo, combinado com a velocidade das mudanças na família, na sociedade, nas organizações, influencia todas as esferas da vida humana.

O dinamismo da modernidade, concomitantemente ao desenvolvimento de uma cultura global, parece instalar um quadro preocupante do ser humano, das suas atitudes e de sua própria identidade. Mudanças rápidas e constantes evidenciam um efeito de deslocamento das identidades na produção de muitas possibilidades de ação e de novas posições de identificação, cujas atitudes, mediante seus propósitos mais íntimos, tornam-se mais políticas, plurais e diversas.

Quando os indivíduos pretendem tomar decisões, reagir a acontecimentos sociais, econômicos, políticos, ecológicos e éticos, não conseguem dar conta dos desafios da atualidade. A questão não está na falta de informações e de tecnologias disponíveis para a solução de problemas, mas na formação ética dos profissionais em geral, especialmente dos profissionais da educação. (KUIAVA; SANGALI, 2008, p. 90).

Muito se discute a necessidade de um esforço imenso por parte dos professores a agir de forma ética. Segundo Neira (2003, p. 52), o êxito maior ou menor nas escolas, na tarefa de iniciação dos jovens no mundo público dos valores e dos princípios éticos, depende de um esforço conjunto de toda a instituição. Libâneo (2001, p. 45) contribui ao dizer que um dos pontos que sinaliza um posicionamento sobre novas atitudes docentes, diante das realidades do mundo contemporâneo nas escolas, é o desenvolvimento do comportamento ético. A ética na formação docente se torna indispensável para que o professor obtenha um pensamento coerente e mais seguro para antecipar ou prever situações nas quais possa ter a capacidade de

entrar num processo de interação e diálogo com o aluno, de modo a dar-lhe condições de progredir em suas atitudes.

De acordo com Tojal (2004, p. 125), a ética, como tema necessário de ser abordado em todo sistema educacional, é muito mais uma questão de atitude que se adota, a partir do conhecimento científico e generalizado sobre o homem, a sociedade e suas causas e possibilidades. Além disso, o autor ressalta ser necessária a preocupação com a preparação de profissionais éticos, que se responsabilizem pelo desenvolvimento de atitudes éticas na comunidade. Nesse sentido, o constante aprofundamento das questões éticas, tratadas à luz das permanentes dificuldades encontradas no ensino, pode favorecer uma melhor análise sobre a própria prática docente e conceber aos professores uma ação pedagógica mais próxima de atingir seus objetivos.

Os objetivos do ensino são numerosos e exigem dos professores uma adaptação constante a outros variados objetivos, que vão desde os da instituição de ensino e das disciplinas, até os objetivos dos próprios professores. No entanto, a educação, como prática social, tem como um dos principais objetivos a humanização dos homens, mediante a participação dos mesmos na construção da civilização, pois somente na sociedade humana é que há educação, nas relações sociais que os homens estabelecem entre si para assegurar sua existência. (PIMENTA, 2002, p. 84).

Infelizmente, frente às preocupações contemporâneas, a realidade das relações sociais, em meio às desigualdades socioeconômicas e discriminatórias, afeta o ritmo do ofício de professor tornando suas dificuldades mais aparentes. Paralelamente a isso, o professor encontra ainda a desvalorização de sua profissão mediante baixos salários. Segundo Lima (2003, p. 72), a desvalorização salarial não tem importância apenas direta, que seria significativa já em termos de vida prática, mas também uma consequência indireta, visto que é mais um fator que contribui para a desvalorização social do professor.

Em muitos casos, sentimentos de insatisfação e desinteresse na rotina de trabalho, aliado à desmotivação, ocasionam inibição diante das dificuldades e ao sentido que o professor atribui à docência e, conseqüentemente, às atitudes que toma nas relações com os alunos, pois,

longe dos tempos em que o professor era sempre o dono da razão, autoridade inquestionável, hoje ele se encontra em lugar bem diferente, por vezes sujeito a agressões verbais, psicológicas e até mesmo físicas por parte do alunado que conta com relativa impunidade no que diz respeito a tal tipo de atitude. Reflexo de todas as relações sociais e familiares, as relações na escola, enquanto se tornaram mais democráticas, tornaram-se também mais conflituosas, dando margem ao questionamento da validade de todas as regras, dos valores, e até mesmo do próprio professor. (LIMA, 2003, p.73).

Mesmo assim, não lhe cabe o descuido com o aluno. É necessário ter um olhar amplo, entender que o processo de ensino implica investimento pessoal, implica bem-estar consigo mesmo, para que possa atuar com princípios interiorizados na ética.

Contudo, não é possível falar em ética sem destacar, dentre muitos outros autores, a importante contribuição das reflexões de Aristóteles (384-322 a.C.) sobre um tema, incansavelmente, discutido desde a Grécia antiga e exposto em uma das obras mais conhecidas sobre ética. Aristóteles, ao considerar o homem um animal social, na obra *Ética a Nicômacos* se preocupa em estudar elementos que possam fundamentar as ações humanas, pois, segundo ele, “cumpre-nos examinar a natureza das ações, ou seja, como devemos praticá-las”. (ARISTÓTELES, 1992, II, 1104a, p. 36).

Apesar da distância temporal entre a época em que viveu Aristóteles até a atualidade, suas observações permanecem valiosas, pois considerou aspectos fundamentais na forma de lidar com as outras pessoas, ao indicar alguns caminhos para que fossem observados e cuidadosamente praticados nas relações humanas. Algumas questões contribuem até hoje para as reflexões acerca da necessidade que tem o homem de descobrir o motivo que o leva a determinadas ações, seja a busca pelo bem de si mesmo no plano pessoal ou profissional, seja por qualquer outro tipo de ideal perseguido, com o intuito de alcançar o que chamamos felicidade e o que Aristóteles (1992, I, 1097b, p. 24), declarou ser “algo final e auto-suficiente”, o fim a que visam as ações humanas.

Na sociedade atual, a diversidade de situações, em que a escolha depende de nossa própria vontade, pode tornar insegura a forma de agir e saber até que certo ponto se está agindo de forma justa. Aqui, põe-se em questão a justiça como um princípio ético evidenciado em Aristóteles. Mas, como reconhecer a justiça se o que é considerado justo para um homem pode ser entendido por outro como injusto? Além disso, é fácil sermos justos em relação a nossos propósitos; difícil mesmo é sermos justos, ao mesmo tempo, em relação a nós mesmos e aos outros. Por esse motivo, é preciso recordar Aristóteles, visto que ele considera a justiça uma forma perfeita de excelência moral,³ pois,

[...] na justiça se resume toda a excelência [...] porque ela é a prática efetiva da excelência moral perfeita. Ela é perfeita porque as pessoas que possuem o sentimento de justiça podem praticá-la não somente em relação a si mesmas como

³ Mário da G. Kury, tradutor de *Ética a Nicômacos* em edição de 1992, explica que a palavra tradicionalmente usada em português como equivalente se desgastou com o passar do tempo e seu significado adquiriu tal ambigüidade, que induziria o leitor em equívoco. Isto ocorre, por exemplo, com *areté*, geralmente traduzida por “virtude”, mas que aqui é utilizada como excelência. Em Aristóteles, o bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma, em conformidade com a excelência, do qual existem duas espécies: a excelência intelectual, ligada à instrução, e a excelência moral, produto do hábito. (ARISTÓTELES, I, 1098a, p.24; II, 1103b, 35).

também em relação ao próximo. [...] considera-se que a justiça, e somente ela entre todas as formas de excelência, é o “bem dos outros”. (ARISTÓTELES, 1992, V, 1130a, p. 93).

Cabe dizer que Aristóteles indicou caminhos para a aquisição da excelência moral. Para ele, “nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito”. (ARISTÓTELES, 1992, II, 1103a, p. 35). Nesse sentido, todo ser humano possui potencialidades para a aquisição de justiça, assim como de outros princípios éticos, especialmente se forem praticadas durante a vida. A natureza dá ao homem a capacidade para adquirir a excelência moral, mas, para isso, é fundamental um constante agir ético em relação aos outros.

Sem esquecer o fato de que cada um de nós possui opiniões diferentes sobre o bem ou a justiça, outra questão que, frequentemente, se confunde, é o conceito de ética e moral. Conhecer alguns pontos fundamentais sobre a relação entre moral e ética é imprescindível, pois moral e ética, frutos da capacidade humana, habitualmente são conceitos empregados como sinônimos, logo, de emprego intercambiável, pelo fato de ambos referirem-se a um conjunto de regras de conduta consideradas obrigatórias. (LA TAILLE, 2006, p. 25).

De acordo com Vázquez (2003, p. 23), “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”. Cortina e Martínez (2005, p. 9) complementam ao dizer que a ética, como parte da filosofia, se configura num saber que se tenta construir racionalmente por meio das análises e explicações próprias da filosofia, cujos argumentos permitem compreender a dimensão moral da pessoa humana. Em suma, como afirma Kuiava (2006, p. 31), “a ética é o que caracteriza a ação humana na sua essência”.

Por sua vez, o termo moral, na visão de Cortina e Martínez (2005, p.13-14), pode ser empregado para referir-se a um conjunto de princípios, preceitos, comandos, proibições, permissões, normas de conduta e valores que, em seu conjunto, constituem um sistema próprio de um grupo humano em determinada época histórica, ou seja, reflete uma determinada forma de viver. Além disso, o termo *moral* pode ser usado para fazer referência ao código de conduta de cada pessoa, cujas pautas e convicções podem constituir um sistema mais ou menos coerente e servir de base para os juízos morais que cada pessoa faz dos outros e de si mesmo.

Estreitamente relacionados, o conceito de moral e ética, eventualmente, são confundidos, mas ambos são essenciais à existência humana e, independentemente das diferentes correntes de pensamento ético-filosófico, é à luz da ética que é possível avaliar o agir humano, sem que seja reduzida a uma questão meramente subjetiva, mas na relação com

o outro, na relação social. (KUIAVA, 2006, p. 35). A ética é a reflexão sobre o agir e é, por meio dessa reflexão, que é possível ao ser humano agir de forma aceitável nas relações com o outro.

As ações humanas extrapolam o campo da subjetividade para alcançar uma aceitação ou aprovação no grupo. É nesse sentido que se fala num agir ético como sendo um agir com validade objetiva. A ética, como disciplina filosófica, preocupa-se em analisar os princípios que orientam o agir; por ela busca-se uma justificação dos “porquês” das ações humanas como sendo “aceitáveis” ou “inaceitáveis”, “boas” ou “más”. (ODY, 2007, p. 96).

Nunca é demasiado insistir em uma educação escolar orientada por princípios éticos, bem como no papel da ética na formação docente. Segundo Delors (2004, p. 162), uma das finalidades essenciais da formação de professores é desenvolver neles as qualidades de ordem ética, intelectual e afetiva que a sociedade deles espera de modo que possam em seguida cultivar nos seus alunos o mesmo leque de qualidades. Nesse sentido, é preciso que a educação não se volte apenas à inteligência racional, mas também às emoções, à moralidade, à motricidade, ao sentido estético, à sociabilidade e à sexualidade. (FREIRE; SCAGLIA, 2003, p. 9).

Ao admitir que cada um possa escolher sua ação, Ody (2007, p. 103) contribui ao dizer que precisamos de indivíduos preparados para escolher bem o que fazem, e assinala também a extrema importância do papel dos educadores na formação ética do ser humano. Se a ética de Aristóteles já dizia que só se adquire a excelência moral mediante o exercício constante de determinadas ações, é preciso reforçar esse hábito no sistema educacional.

No entanto, cabe lembrar que a educação não pode ser entendida apenas como um processo único e de responsabilidade total das instituições de ensino. A educação de origem tem seu início em casa, na família, baseada no amor e através de exemplos que possam incentivar a prática de atos que não tragam malefícios a si mesmo e aos outros. A escola, por sua vez, como formadora de opinião, mediante o trabalho dos professores, contribui substancialmente para o desenvolvimento de modelos de conduta, de acordo com as situações vivenciadas nas relações entre professores e alunos.

Sabe-se que, na esfera educacional, uma multiplicidade de fatores, inevitavelmente, determina a atuação do professor restringindo sua área de atuação esteja ele em qualquer instituição de ensino. Na atual conjuntura, vive-se um momento em que se põem em cheque valores, sonhos, ideias, crenças, utopias e todos os tipos de papéis sociais, inclusive, o de professor.

O professor, em sua prática, é um agente de veiculação de valores e, por isso, precisa estar comprometido e consciente de sua responsabilidade no processo de formação de seu aluno, por meio da compreensão dos fenômenos que observa, já que a vida na escola, hoje, exige muito mais do que a simples transmissão de conteúdos sistematizados. Como aponta Freire (2006, p. 33), transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o caráter formador da educação, ou seja, o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo, pois educar é substancialmente formar.

Freire e Scaglia (2003, p. 9) lembram que a educação escolar terá de enfrentar o problema da compatibilidade entre a formação do indivíduo e suas interações com a sociedade, mas ao se formar, o cidadão tem de ser suficientemente acessível ao outro colocando à disposição do interesse coletivo seu repertório de conhecimentos. Além disso, Hermann (2001, p. 130) também lembra que “cabe à educação reconhecer que os princípios éticos que a orientam só existem nos contextos, que todos eles limitam-se pela crítica e que se aprende no erro”.

Contudo, a educação não estaciona na escola e mantém seu curso nas mais diversas manifestações da cultura humana, cujos avanços e modificações podem influenciar atitudes que adotamos ou deixamos de adotar no cotidiano, todas, obviamente, trazendo em seu bojo diferentes princípios éticos, cuja pergunta necessária se constitui em saber o que vem a ser uma atitude ética.

2.1 A ATITUDE ÉTICA

As atitudes sofrem influências por parte de uma gama variada de relações, mas é a escola um dos âmbitos sociais mais importantes, e na qual a sociedade deposita o papel de principal agente pela formação de uma conduta⁴ ética e moral. No entanto, antes de explicitar a importância das atitudes dos professores e a permanente influência que os mesmos exercem na formação dos alunos, mister se faz traçar um esboço sobre o que se entende por atitude.

⁴ O termo *conduta* ou *comportamento* foi incorporado à psicologia de outros campos do conhecimento e diz respeito a todas as manifestações do ser humano, quaisquer que sejam suas características de apresentação. Segundo Bleger (1989, p. 25), o estudo da conduta se faz em função da personalidade e do inseparável contexto social, do qual o ser humano é sempre integrante. Trabalha-se implicitamente com o *a priori* de que toda conduta do homem depende de uma prévia ordenação ou existência na mente, tornando essa última como a fonte ou origem de todas as manifestações da conduta. Além disso, deve-se tomar a conduta como uma unidade complexa que se manifesta sempre em todo momento, mas o que um sujeito pensa ou deseja não é – a rigor – o que inicia a conduta; é em si mesmo uma parte da conduta total.

A palavra atitude, amplamente empregada na filosofia, sociologia e psicologia, em geral, indica a orientação seletiva e ativa do ser humano em face de um problema ou de alguma situação ou, ainda, um comportamento que permita efetuar opções de valor diante das situações impostas diariamente. A noção de atitude qualifica uma disposição interna do indivíduo perante um grupo social. (DORON, 2001, p. 90). Assim, a palavra atitude, no sentido mais simplista, nos remete então à ideia de ação, cujo termo fora definido por Aristóteles como a ação (atividade, ato) que é tida, como o processo e o resultado de atuar. Segundo ele, a ação é consequência de uma escolha, e nela as pessoas engajadas na ação devem considerar em cada caso o que é adequado à ocasião. (ARISTÓTELES, 1992, II, 1104a, p. 36).

Ao se preocupar com a forma como as pessoas viviam em sociedade, ou seja, com uma ética mais comunitária, em *Ética a Nicômacos*, Aristóteles apresenta a questão que, de seu ponto de vista, constitui a chave de toda investigação ética, ao questionar qual seria o fim último de todas as ações humanas, supondo que “toda arte e toda indagação, assim como toda ação e todo propósito, visam a algum bem”. (ARISTÓTELES, 1992, I, 1094a, p.17).

Mediante essa idéia, é possível refletir sobre as reais intenções contidas em nossas atitudes. A dinâmica das relações sociais, distante de ser simples e muito menos linear, possibilita inúmeras situações e cria diversas possibilidades de ação, nas quais é possível presenciar um constante entrelaçamento entre cada um de nós e a sociedade. Em cada ato humano se encontra um aporte de princípios éticos e morais, responsáveis pela forma como agimos diante das situações, no qual se encontra um tipo de finalidade escondida em cada ação, cada ato, cada atitude.

Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhemos tudo por causa de algo mais (se fosse assim, o processo prosseguiria até o infinito, de tal forma que nosso desejo seria vazio e vão), evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens. Não terá então uma grande influência sobre a vida o conhecimento deste bem? Não deveremos, como arqueiros que visam a um alvo, ter maiores probabilidades de atingir assim o que nos é mais conveniente? (ARISTÓTELES, 1992, I, 1094b, p. 17).

Com o intuito de explicitar o conhecimento sobre o bem a que visam as ações e a finalidade em cada uma delas, Aristóteles destaca a importância da ciência política nas cidades, visto que é ela que legisla sobre o que o homem deve fazer e o que deve se abster para atingir o bem da comunidade. A preocupação de Aristóteles gira em torno do que ele próprio chamou: “algo maior e mais completo”, ou seja, a finalidade para uma cidade, mesmo que essa finalidade seja a mesma para um homem isoladamente. (ARISTÓTELES, 1992 I,

1094b, p.18). Aristóteles entende que seja mais nobilitante atingir a finalidade de uma nação ou das cidades e, para isso, atribuiu grande importância à educação dos jovens:

Ninguém contestará que a educação dos jovens requer uma atenção especial do legislador, pois a negligência das cidades a este respeito é nociva aos respectivos governos; a educação deve ser adequada a cada forma de governo, porquanto o caráter específico de cada constituição a resguarda e mesmo lhe dá bases firmes desde o princípio – por exemplo, o caráter democrático cria a democracia e o caráter oligárquico a oligarquia, e o melhor caráter sempre origina uma constituição melhor. (ARISTÓTELES, 1985, VIII, 1337a, p. 267).

Embora prevaleça atualmente um pensamento voltado para o bem de si mesmo, para que seja possível pensar no bem do outro é preciso percorrer um caminho árduo sobre o conhecimento das próprias intenções. Como lembra Santin (1987, p. 29), a ação humana é determinada e guiada pelas nossas ideias, e essas ideias surgem da compreensão que temos de nós mesmos e do mundo que nos envolve. A estrutura de cada um, de seu modo de ser, de refletir, de compreender para buscar soluções e encontrar saídas, o modo de sentir e agir, mudando e transformando é, sem dúvida, um processo permanente na vida de qualquer ser humano, do qual fazem parte sonhos, projetos e aquisição de saberes mediante a experiência e a convivência social, além das potencialidades individuais.

Ao mergulhar no âmbito das relações sociais, cada um com seus valores e princípios, há a possibilidade de organizar o meio social em que se vive, mediante escolhas de acordo com suas necessidades e seus objetivos mais imediatos, o que supõe examinar a natureza das ações e o porquê de determinadas escolhas.

A origem da ação (sua causa eficiente, e não final) é a escolha, e a origem da escolha está no desejo e no raciocínio dirigido a algum fim. É por isto que a escolha não pode existir sem a razão e o pensamento ou sem uma disposição moral, pois as boas e as más ações não podem existir sem uma combinação de pensamento e caráter. (ARISTÓTELES, 1992, VI, 1139b, p.114).

Refletir sobre o sentido profundo colocado sob cada atitude é compreender que não somente o objetivo imediato pode ser o único agente responsável pelas ações, mas todo o processo das experiências vividas até então. Segundo Ody (2007, p. 99), cabe lembrar que o ser humano não nasce conhecedor dos valores nem carrega em seus genes o conhecimento das virtudes, pois esses são aprendidos no meio em que o ser humano é inserido. No mesmo sentido, afirma Bauman que as consequências que nossas ações podem ter tolhem-nos a imaginação moral que temos e torna impotentes as normas éticas que herdamos do passado:

Afinal de contas, elas nos dizem como nos aproximarmos das pessoas no campo de nossa visão e alcance, e como decidir quais ações são boas (e, sendo assim, devem ser feitas) e quais ações são más (e, sendo assim, devem ser evitadas), dependendo de seus efeitos visíveis e previsíveis sobre essas pessoas. (BAUMAN, 1997, p. 25).

Por isso a importância das ideias de Aristóteles, na medida em que tornou fundamental uma educação voltada para a noção de como agir em relação aos outros. Se a noção e o cultivo do bem, por exemplo, é adquirida desde a infância, especialmente por meio da família e da escola, os efeitos nas atitudes dessa criança possivelmente serão visíveis.

Nessa perspectiva, a importância da adoção de uma postura reflexiva, em relação às atitudes e às reais condições sociais que as influenciam, se faz urgente, pois, como complementa Kuiuva (2006, p. 35), “toda e qualquer ação precisa de reflexão para não perder seu rumo”. Além disso, não se torna totalmente utópico pensar que, ao praticar ações que venham ao encontro à filosofia de Aristóteles, mesmo que interpretadas sob outro contexto e época, estaríamos conduzindo adequadamente nossas ações na época atual, visto que suas observações são extremamente pertinentes, na medida em que nos possibilitam pensar os problemas da atualidade.

Em suma, na visão de Aristóteles, a preocupação com a vida humana, no sentido de realização e vontade de ser feliz, é muito forte. Para cada ação existem muitas escolhas, mas todas elas visam a algum bem, cujo fim só pode ser a felicidade, mesmo que, dependendo das circunstâncias, as pessoas identifiquem o bem e a felicidade com coisas diferentes, pois cada um vai agir de acordo com o que acredita ser o melhor para si. Como já dizia Aristóteles, a felicidade é um objetivo alcançado que todos os homens consideram acompanhado pelo prazer. (ARISTÓTELES, 1985, VIII, 1338a, p. 270).

Contudo, é pelo hábito que se torna possível ao homem praticar atos bons, justos e moderados mediante o aperfeiçoamento das qualidades morais, e é nesse momento que a escola surge como um formidável campo de aprendizagem ou reforço de tais qualidades.

Se pequenas atitudes da vida cotidiana, como as de um professor, ao manter um laço de caráter positivo nas ações educativas, possivelmente poderão influenciar as atitudes dos alunos e, conseqüentemente, sua postura e comportamento na sociedade, então a ideia de Aristóteles, com indagações sobre o fim que todos desejamos e destinamos às nossas ações, nos convida a pensar no entrelaçamento existente entre todos os seres humanos e o quanto estão todos subordinados às ações alheias. No caso da profissão docente, as atitudes do professor se constituem numa constante orientação às várias formas do agir humano.

Com efeito, se não fosse assim não haveria necessidade de professores, pois todos os homens teriam nascido bem ou mal dotados de suas profissões. Logo, acontece o mesmo com as várias formas de excelência moral; na prática de atos em que temos de engajar-nos dentro de nossas relações com as outras pessoas, tornamo-nos justos ou injustos; na prática de atos em situações perigosas, e adquirindo o hábito de sentir receio ou confiança, tornamo-nos corajosos ou covardes. (ARISTÓTELES, 1992, 1103b, p. 36).

Na profissão docente, indiscutivelmente, deve existir o engajamento de ações éticas na relação com o outro e aí, segundo Tardif (2002, p. 147), estamos diante de um aspecto malconhecido, que é o das atitudes éticas dos professores em relação aos alunos, aos saberes e à aprendizagem. Fala-se na organização do trabalho, nos cortes no orçamento, na excelência e no sucesso, mas pouco se discute sobre a dimensão ética que se manifesta no trabalho com diferentes alunos.

As atitudes éticas desempenham um papel fundamental na aprendizagem, devido ao processo de interação e de abertura que o professor pode proporcionar ao aluno. Nesse sentido, é preciso despertar nos professores a vontade de refletir sobre suas atitudes e sobre a forma como conduzem as situações de ensino, pois, como afirma Nóvoa (2000, p.10), “ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”.

Logo, adquirir a sensibilidade de perceber a importância de uma conduta ética é abrir espaço para a conscientização no meio educacional, sobre a intervenção de professores preparados para avaliar suas atitudes éticas em relação às outras pessoas, especialmente desde sua formação acadêmica. A atitude ética, quando evidenciada no espaço pedagógico, surge como referência e pode influenciar a conduta cognitiva, ética, afetiva, social, emocional e até mesmo motivacional do aluno, embora, muitas vezes, os protagonistas do contexto educacional possam não estar preparados para perceber isso.

2.1.1 A influência das atitudes docentes

Compreender que a formação dos alunos se constitui na primeira fase de um longo processo de formação de identidade e que as atitudes dos professores poderão ter significativa influência sobre eles, é reconhecer que pequenas atitudes assumidas hoje poderão ter consequências profundas amanhã.

O que nós e outros fazemos tem “efeitos colaterais”, “consequências não-antecipadas”, que podem abafar quaisquer bons propósitos que se fazem e produzir desastres e sofrimento que nós e ninguém quisemos ou vislumbramos. (BAUMAN, 1997, p. 25).

Em tese, pode-se dizer que a formação de professores, independentemente da área, necessita, constantemente, da análise crítica de sua prática educativa, tendo em vista a complexidade de ideias, valores e hábitos pedagógicos, que emergem desde o universo acadêmico e vão, paulatinamente, se instaurar no universo escolar. Assim, estrutura-se um

ciclo que, entre experimentação e descobertas, atinge todos os sujeitos em uma sociedade, pois, como lembra Neira (2003, p. 48), a aventura da convivência dos seres humanos em sociedade desafia-os a enfrentar e procurar responder à questão de como agir na relação com os outros.

Ao sugerir a urgência de se pensar nas atitudes nas relações mútuas, ensinar novas formas de convivência se configura como um grande desafio para professores que buscam garantir sua competência docente. A competência docente pode ser entendida como a capacidade de o professor responder, satisfatoriamente, aos problemas encontrados na escola, já que, ao entender a educação como responsável pela mediação entre a cultura historicamente construída e o aluno, concomitante ao processo de desenvolvimento humano, inclui exigências técnicas, políticas, profissionais e humanas. (SEVERINO; FAZENDA, 2002, p. 35).

De acordo com Tardif (2002, p. 39), um professor ideal seria aquele que conhece sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia. Além disso, é preciso desenvolver um saber prático baseado na experiência com os alunos, na articulação entre a prática e os saberes docentes.⁵ Essas múltiplas articulações fazem dos professores um grupo social cuja existência depende, em grande parte, da capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes como condições para sua prática.

De modo geral, pode-se dizer que não bastam os domínios de conhecimentos teóricos e técnicos, mas é preciso um engajamento progressivo no interesse pelo aluno, por sua aprendizagem e por seu desenvolvimento. Como aponta Tardif (2002, p. 43), “saberes-mestres não existem mais”, pois nenhum saber é por si mesmo formador. Saber alguma coisa não é mais suficiente, é preciso também saber ensinar.

Ao entender que na educação é preciso conhecer o que se faz, Paviani (2005, p.12) ressalta que “professor, no sentido pleno, é aquele que reflete sobre sua própria experiência e tem consciência dos limites da ação pedagógica”. Nessa perspectiva, os aspectos inerentes à formação humana devem ser compreendidos em toda sua abrangência durante a formação de professores, visto que podem se instituir em elementos limitadores da prática docente.

Severino e Fazenda (2002, p. 43) referem-se aos aspectos inerentes à formação humana, os elementos próprios da natureza humana, como: identidade, projetos pessoais,

⁵ Segundo Tardif (2002, p. 36), pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

representações, vida emocional, intersubjetividade, consciência corporal, autoconceito, espiritualidade, sensibilidade de ouvir o outro, capacidade de disciplina pessoal, generosidade, compromisso pessoal com utopias e muitos outros. Esses elementos podem se tornar alguns dos condicionantes da profissão docente, mas que permitem ao professor desenvolver sua habilidade e capacidade de reajustar expectativas e percepções anteriores, especialmente sobre a visão idealista adquirida no início de sua formação docente.

Por meio das experiências do cotidiano, o professor vai percebendo as limitações, as incertezas e as necessidades dos alunos, quando passa a reconhecer e dar mais atenção à multiplicidade de ações que lhe são possibilitadas, assim como as possíveis causas de certas atitudes manifestadas pelos alunos, especialmente àquelas referentes à dimensão ética. Ao adotar a concepção de Kuiava e Sangali (2008, p. 98), de que a ética é uma reflexão filosófica sobre as normas, os conteúdos morais e os atos humanos, assume-se a ideia de que a formação de professores necessita de constante amparo ético, que propicie práticas educativas mais efetivas, com saídas adequadas e satisfatórias à realidade atual.

Na visão de Nóvoa (2000, p. 115), ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida se torna um processo de formação, tanto de professores quanto de alunos, visto que supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem-fim de relações, pois ninguém se forma sozinho, no vazio. É na confluência desses fatores que cada pessoa, permanecendo a mesma, vai redefinindo seus valores, aprimorando suas atitudes e se reconhecendo ao longo da história.

Segundo o mesmo autor, as opções que cada professor faz desvendam em sua maneira de ensinar, sua maneira de ser, pois é praticamente impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (NÓVOA, 2000, p. 17). Por esse motivo, justifica-se a importância de uma formação que mantenha um certo equilíbrio do professor em relação a uma postura ética, tendo em vista que a escola surge como um dos primeiros espaços em que o ser humano se depara com novas regras de comportamento.

A influência das atitudes dos professores pode ser bastante marcante na vida dos alunos, sejam elas positivas e/ou negativas. No entanto, como já exposto, é apropriado considerar que refletir e questionar sobre atitudes humanas implica o entendimento de que inúmeros fatores encontram-se subjacentes a elas, e que, em cada momento, nas mais inusitadas situações, as atitudes tomadas podem pôr à prova os valores de cada ser humano.

O professor, ao conhecer e entender melhor esse processo, poderá refletir, analisar, julgar e tentar encontrar soluções para atingir seus fins pedagógicos. Nesse sentido, precisará

fazer escolhas e tomar decisões, sobre as quais precisará fazer o julgamento das atitudes e do contexto em que se inserem. A pluralidade de saberes, de um certo modo, lhe permite um maior domínio sobre a forma de julgar, pois, como já dizia Aristóteles, “o homem instruído a respeito de um assunto é um bom juiz em relação ao mesmo”. (ARISTÓTELES, 1992, I, 1095a, p. 18).

Todavia, para saber julgar de modo adequado, é preciso também buscar a adequação no modo de escutar, de orientar, de intervir e também de como manter a boa comunicação com o aluno. É nessa rede de interações que os alunos também acabam julgando seus professores, especialmente porque será na forma da comunicação do professor, que o aluno poderá identificar sua conduta ética.

Entender a ação pedagógica significa reconhecer vários fatores que a limitam, mas também situar-se num campo de atuação que eleva o professor à condição de influenciador de atitudes, ações e posturas mediante o modo como desempenha seu papel de educador. Segundo Nóvoa (2000, p. 16), existe uma mistura de vontades, de gostos, de experiências e até de acasos que foram consolidando gestos, rotinas e comportamentos. Logo, cada um terá seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos e de utilizar os meios pedagógicos. Essas estratégias possibilitarão aos alunos uma leitura sobre o papel desempenhado pelo professor.

Mas a questão sobre o desempenho de algum papel exige uma leitura cuidadosa, tendo em vista que cada um tem a capacidade e a necessidade de desempenhar vários papéis. No palco familiar, passa-se do papel de filhos para o papel de pais, mas continua-se sendo filhos, da mesma maneira que, ao passar para o papel de avós, continua-se, ao mesmo tempo sendo pais e filhos. No cenário social, do papel de crianças, de estudantes e de jovens, transporta-se para o papel de adultos e, em seguida, para a condição de meros expectadores de uma sociedade que se transforma.

Segundo Bauman (1997, p. 26), nossa presença, em cada um desses ambientes, acaba sendo fragmentária como as próprias tarefas que desempenhamos e, nenhum desses papéis, nos abarca “por inteiro”, com o que somos “verdadeiramente”, pois cada papel tem em anexo, um resumo, que estipula o que exatamente se deve fazer, como e quando. Entretanto, como lembra Paviani (2005, p. 12), um carpinteiro, ou um electricista, mesmo não sendo capaz de teorizar a prática, não prejudica seu desempenho profissional ao executar as tarefas que mecanicamente lhe são solicitadas, o que o diferencia do professor que, ao lidar com pessoas, sempre numa relação entre sujeitos, necessita ter clareza sobre as possibilidades e os fins do ato de educar.

As manifestações no campo educacional estão, inevitavelmente, ligadas à experiência de vida de cada professor e de cada aluno, por meio da qual estarão inseridas as formas de se relacionar, de interagir e de refletir sobre si, os outros e o mundo, e na qual, a ação provavelmente será a expressão daquilo que somos. Dessa forma, para que fosse possível assinalar o cenário e o enredo que caracterizam a formação das atitudes e suas reais intenções, seria necessário conhecer os caminhos percorridos por quem pratica a ação.

Nesse cenário, cada professor terá um estilo e cada um combinará diferentes papéis, visto que, em alguns momentos, poderão exercer o papel de excelentes facilitadores, em outras vezes, apenas de transmissores de conhecimentos teóricos e técnicos. Essas diferentes combinações podem favorecer e permitir aos alunos diferentes significados e modos de agir.

O campo educacional configura-se num espaço significativo de relações capazes de possibilitar a vivência de valores e a adoção de atitudes éticas, que poderão interferir nas ações futuras do ser humano na sociedade. Obviamente, como sugere Fávero (2007, p.117), “seria ingênuo de nossa parte acreditar cegamente que a escola é capaz de educar o cidadão integralmente”. Contudo, as atitudes do professor têm um papel extremamente importante no processo de formação, pois “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”. (FREIRE, 2006, p. 112).

Nessa discussão, cabe lembrar que todos os professores, independentemente da disciplina, interferem na vida dos alunos, mas que suas atitudes não diferem das atitudes de qualquer ser humano. Como assinala Neira (2003, p. 67), as atitudes são as formas, as tendências ou as predisposições relativamente estáveis nas quais cada pessoa realiza sua conduta, de acordo com seus valores, cujas atitudes podem exemplificar-se na forma de cooperar com o grupo, de ajudar os colegas, respeitar o meio ambiente, participar das tarefas, etc.

Dependendo das circunstâncias e da interpretação alheia, as atitudes do professor poderão ser significantes para a conduta dos alunos. Paquay et al., ao se referir à prática do professor, recorre à seguinte afirmação:

Toda uma situação contextualizada, complexa e incerta requer uma grande quantidade de tomadas de decisão do professor que pode planejar, preparar seu roteiro, mas continua havendo uma parte de “aventura”, ligada aos imprevistos que têm origem nessas ações em andamento e no desconhecido proveniente das reações dos alunos. (PAQUAY et al, 2001, p. 27).

As reações dos alunos podem ser diversas, pois é preciso considerar também as diferentes disciplinas que compõem o currículo e que podem provocar simpatia e motivação, ou desagrado e desinteresse no aluno. Nenhum professor deve negar a especificidade de sua

disciplina, mas precisa entender que o sentido atribuído pelos alunos não apenas à disciplina, mas especialmente ao professor, dependem muito do contexto do qual emanam, de grupos (família, sexo, classe social, linguagem, religião e princípios éticos), motivos pelos quais as situações de ensino tornam-se contextualizadas, complexas e incertas.

Ao considerar que as atitudes residem em um processo estabelecido entre a história de vida de cada ser humano e os limites estabelecidos pela sociedade, no sentido da organização social, é possível constatar que professor e aluno, entrelaçados num espaço de relação em que cada um assume os papéis a ele inerentes, por sua vez, muitas vezes não percebem a interferência que causam um no outro, nem as interferências que já sofreram desde cedo em sua vida.

Algumas trajetórias pessoais podem induzir, desde a infância, no interior da vida familiar e escolar, atitudes favoráveis a uma postura ética ou, muitas vezes, inadequada aos padrões estabelecidos pela sociedade. Ainda que seja difícil analisar a complexidade das ações humanas, o campo educacional, mediante a transmissão de saberes e a análise das práticas, por meio da constante vivência entre os atos de ensinar e aprender, é um dos espaços propícios para abrigo ético na formação dos alunos na escola, assim como imprescindível na formação de estudantes, nas licenciaturas, dispostos a serem professores.

Segundo Paviani (2008, p. 21), os atos de ensinar e aprender fazem parte do trabalho do professor e do aluno, isto é, “de decisões e de ações, de condutas e relações sociais e históricas”. Nesse sentido, será possível contribuir para a formação de uma conduta ética, se esta, aparentemente, parece já estar consolidada conforme as experiências de cada um? Será possível, no pouco tempo reservado ao ambiente de ensino, seja ele escolar ou universitário, contribuir para a reflexão sobre atitudes éticas em relação ao outro, tendo em vista o tempo restante em que o ser humano se depara com infindáveis situações e contextos diferenciados, fora do ambiente de ensino?

O mais urgente da questão configura-se no fato de que cada professor, responsável pela formação de seus alunos, precisa explicitar seus objetivos tendo sempre em vista que suas atitudes postulam, implicitamente, os vínculos com seus valores e com a educação. Paviani aponta:

Não há educação sem formação. Não há ação pedagógica sem um agir formativo. Não se trata de mostrar a relevância de determinados valores, virtudes, etc. nem de descrever a natureza dos atos virtuosos, dos valores, das normas, mas de apontar como o agir do professor pensa e em que direção pensa, os valores ou por que certos atos são virtuosos e, ainda, necessários para o bem estar do indivíduo e da sociedade em que vive. (2008, p. 23).

Ainda na visão de Paviani (2005, p. 12), o professor precisa conhecer o que faz, como e para que faz, visto que é ele, no sentido pleno, que reflete sobre sua própria experiência, tem consciência dos limites da ação pedagógica, além de ter o seu trabalho articulado sempre numa relação entre sujeitos, necessitando, ao lidar com pessoas, ter clareza sobre as possibilidades e os fins do ato de ensinar.

Nesse sentido, é possível nutrir a ideia de que o aluno, orientado e conduzido pela experiência dos professores, pode ser profundamente influenciado pelo seu pensar e pelo seu agir. O professor, muitas vezes, passa a ser visto como um profissional reflexivo, crítico e criativo, mas é preciso lembrar que, subjacente ao pensamento do professor, existe a ação docente, dirigida por suas crenças, seus juízos e seus valores, visto que pensamento e ação estão intimamente ligados. (MIZUKAMI; REALI, 2002, p. 50).

Embora seja possível identificar o aprofundamento das questões éticas, por meio de obras filosóficas, a realidade parece não contemplar o entrelaçamento de tais posicionamentos nas práticas diárias. Diante das novas tendências sociais, a dificuldade em focar a ética na educação tende a contribuir para os mais diversos modelos de conduta em que a escola, juntamente com a família, assume um papel importante na formação ética. Em Ody, é possível encontrar um referencial que estabelece o elo existente entre a educação e o estudo da ética:

A educação volta-se ao ensino da técnica, ao ensino narrativo histórico e ao ensino científico. Educar indivíduos conscientes é educar para o pensar. Somente pelo pensamento inteligente é que alcançamos consciência da realidade e buscamos mudanças. Mas esse educar consciente precisa ser orientado por bons princípios. É nesse momento que entra o estudo da ética. (2007, p. 105).

A implantação de uma consciência ética no contexto educacional encontra forte resistência com o advento da globalização, que, na visão de Bauman (1999, p. 8), “é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível,” que afeta a todos na mesma medida. O mundo globalizado impõe novos hábitos e comportamentos que emergem das influências advindas das mais diversas formas de comunicação disponíveis e instaura no imaginário humano normas e valores voltados para o individualismo, tornando o trabalho do professor ainda mais difícil.

Segundo Hermann (2001, p. 129), a educação é um acontecimento temporal, complexo, incontável e necessário, em que não há garantia possível da ação correta que assegure o fim desejado. Nessa perspectiva, a ética vem servir de elemento de mediação entre os procedimentos técnicos e teóricos e nas relações com o outro, considerando que as relações

que o professor estabelece no ambiente de ensino devem estar baseadas no incremento da formação do ser humano em sua totalidade e no seu desenvolvimento equilibrado.

A visualização de uma cultura voltada para a formação das atitudes éticas é um trabalho longo, advindo de investimentos e intensas interações voltadas para o descobrimento de novos valores. A educação é objeto de um amplo debate social que, segundo Nóvoa (1995, p. 67), em função de crenças e aspirações, formulam-se diferentes exigências em relação ao comportamento e à ação dos professores, por meio de uma excessiva expectativa depositada neles pela sociedade.

Haverá momentos delicados e decisivos que, inevitavelmente, poderão marcar o aluno conforme as interpretações que fizer, a partir das atitudes do professor e da boa comunicação entre eles. Espera-se, nesse sentido, que os professores sejam pessoas inspiradoras e orientadoras de vidas, cujo trabalho possa incluir a cooperação, a comunhão e ajudas, mediante trocas e um diálogo interativo com seus alunos. Freire (2006, p. 65) afirma que a responsabilidade do professor é sempre grande, pois a natureza de sua prática eminentemente formadora sublinha a maneira como a realiza. É preciso lembrar que sua presença é de tal maneira exemplar, que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que os alunos fazem dele ou dela, ou seja, todos deixam alguma marca no aluno.

É na completude das atitudes do professor que alguns princípios éticos poderão ter eco na vida do aluno, mediante as situações em que a interação entre ambos ocorre. Da mesma forma, durante a formação de professores, o estudante poderá ampliar sua compreensão a respeito dos valores que emergem das relações que estabelece com o professor universitário e estabelecer a conexão entre essa relação, por intermédio de uma interpretação que contemple o quanto a profissão docente merece ser descrita e interpretada, dada a responsabilidade e o cuidado com o outro.

2.1.2 A responsabilidade e o cuidado pelo outro

Como já exposto, o ser humano mantém uma busca constante pelo esclarecimento de questões relacionadas ao comportamento humano, ao que é certo ou errado, ou o que poderia ser considerada uma boa ação. Aristóteles já mencionava que toda ação visa a algum bem e, embora partindo-se desse pressuposto, torna-se difícil imaginar que algumas pessoas encontram dificuldade em manter pensamentos articulados com o que Aristóteles consideraria como boas ações na sociedade e o que imagina-se ser salutar para a sociedade nesse momento,

especialmente na profissão docente: a adesão de princípios éticos voltados para a responsabilidade e o cuidado com o outro.

Nesse sentido, sem a pretensão de julgar determinadas atitudes e as possíveis consequências que podem gerar, lança-se primeiramente um olhar especial para um dos princípios fundamentais na educação, e imprescindível no cotidiano dos professores: o da responsabilidade. Essa noção de responsabilidade estaria baseada no quanto o professor se sente responsável pelos seus atos e por suas consequências, ou seja, na responsabilidade pelo que ele faz. No pensamento de Jonas, a noção de responsabilidade se traduz da seguinte maneira:

[...] uma noção em virtude da qual eu me sinto responsável, em primeiro lugar, não por minha conduta e suas consequências, mas pelo objeto que reivindica meu agir. Responsabilidade, por exemplo, pelo bem-estar de outros, que considera determinadas ações não só do ponto de vista da sua aceitação moral, mas se obriga a atos que não tem nenhum outro objetivo. (JONAS, 2006, p. 167).

No entanto, o objeto que reivindica o agir responsável do professor não pode ser comparado a um objeto material. Conforme aponta Tardif (2002, p. 131), o objeto material pode ser analisado e reduzido aos seus componentes funcionais, diferentemente do ser humano, que pode ser chamado de um “objeto complexo”; aliás, o mais complexo do universo, pois é o único que possui uma natureza física, biológica, individual, social e simbólica ao mesmo tempo.

Nesse sentido, a prática do professor exige atitudes caracterizadas pela boa vontade e por motivações diversas, visto a importância em considerar o modo como conduz as situações de ensino e as consequências que podem gerar ações descompromissadas com a responsabilidade no seu agir. Conforme Kuiava (2006, p. 55 e 58), que retoma as ideias de Jonas, a pluralidade escondida atrás do termo responsabilidade detecta uma noção de responsabilidade pelo que se faz, não apenas voltada ao agir privado de cada agente social, mas voltada ao domínio da política pública, em que a preocupação de Jonas, ao colocar a responsabilidade no centro da ética, é com o futuro da humanidade e com as gerações futuras, ou seja, sua sobrevivência.

Seguindo a tendência de Jonas em colocar a responsabilidade como princípio ético, julga-se natural que o professor assuma uma atitude responsável revelada num único motivo condutor: o aluno. Convicto da necessidade da responsabilidade nas ações humanas, Jonas (2006, p. 168) afirma que “alguém é responsável até mesmo por seus atos os mais irresponsáveis”, observação, aliás, pertinente e atual, considerando-se que a profissão docente

pode interferir, vultosamente, na vida humana, mediante os saberes e a experiência dos professores, mesmo que condicionados pelas dificuldades no contexto de trabalho. Afinal:

[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares. (TARDIF, 2002, p. 11).

Oportunamente, Bauman (1997, p. 23) coloca que vivemos e agimos na companhia de uma multidão de seres humanos, “cuja vida e ações dependem do que fazemos e que influenciam por sua vez o que fazemos, o que podemos fazer e o que devemos fazer”. Essas colocações contribuem com a ideia de que o professor se configura como um dos protagonistas na contribuição do aflorar do princípio ético da responsabilidade em seus alunos.

O professor assume responsabilidades podendo agir de diferentes maneiras no encontro com os alunos, pois é no encontro com o outro que é possível conhecer alguns pontos fundamentais sobre a ética. Segundo Levinas, o encontro com Outrem é imediatamente nossa responsabilidade por ele. “A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo, amor sem Eros, caridade, amor em que o momento ético domina o momento passional, amor sem concupiscência.” (LEVINAS, 1997, p. 143).

A responsabilidade reservada ao outro e o comprometimento do professor com o ensino e a aprendizagem do aluno, assim como, o respeito às diferenças de cada um, supõem, antes de mais nada, que o professor conheça muito sobre si mesmo e suas atitudes, pois pensar em si e no outro é pensar no sentido que se dá à vida e à forma como a organizamos.

De acordo com Fávero (2007, p. 114), o sentido que damos a nossa existência e o modo como solucionamos os problemas que surgem nas relações com outras pessoas são de nossa responsabilidade, de modo que devemos ser responsáveis pelas consequências das nossas ações e atitudes, pois delas dependem a convivência humana e a realização de ser humano de cada pessoa.

Pode-se dizer que, ao examinar criticamente e discutir sobre os princípios que fundamentam suas atitudes durante a prática docente, o professor está sendo responsável, na medida em que se preocupa com a formação do aluno e com sua própria formação. No entanto, ao se preocupar com tantos aspectos, o professor também está sendo cuidadoso, pois sabe que, ao lidar com atributos humanos e sociais, está inserido num contexto imbricado por diferentes interpretações que dependem, em parte, do modo como conduz as situações com o outro.

Segundo Tardif (2002, p. 145), os ofícios ou as profissões de relações humanas apontam para problemas de valor, pois seus próprios objetos são seres humanos que emitem juízos de valor e, como seres humanos, possuem direitos e privilégios, motivo pelo qual a dimensão ética se encontra no próprio cerne do trabalho. Nesse sentido, ao interagir com grupos de alunos tão diferentes, o professor tem o desafio de agir sobre eles e atender às necessidades singulares de todos, o que gera o problema da equidade, e que exige, portanto, muito cuidado por parte do professor.

Confunde o pensamento a semelhança existente entre o cuidado e a responsabilidade pelo outro. O termo *cuidado* também pode ser traduzido por *preocupação*. (MORA, 2001, p. 141). Ao levar em conta que uma atitude de cuidado pode expressar uma variada gama de intenções, apoiar-se na ideia do cuidado apresentada por Boff (1999) parece ser o caminho mais plausível para abordar o cuidado em relação ao outro, especificamente do professor em relação ao aluno, tendo em vista que Boff é um autor que interpreta a ética sob o conceito da palavra cuidado.

Na visão de Boff (1999, p. 33), “cuidar é mais que um ato; é uma atitude” e defende a ideia de que mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo, o cuidar representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e também de envolvimento afetivo com o outro. A questão da ética, portanto, diz respeito também à determinação do que é uma atitude de cuidado, ou descuido e descaso com o aluno, de acordo com a abordagem adotada pelo professor em situações de ensino.

A preocupação do professor com as aulas, com os materiais que deverá utilizar nessas aulas, com seus livros pertence à atitude do cuidado material. No entanto, mesmo que muitos cuidados possam ser definidos, a atitude de cuidado pessoal e social parece, em termos de educação, ser louvável. Por meio de estudos sobre a palavra cuidado, Boff (1999, p. 91) a traduz da seguinte maneira:

Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude [...] A atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade.

Na educação, a intersecção entre a responsabilidade e a atitude de cuidado pode expressar a intenção pedagógica em dar ênfase à preparação ética do aluno. Essa intenção está expressa na ação, nas atitudes do professor fundamentadas em seus princípios éticos e influenciadas pelos condicionantes da profissão. Sobre o agir do professor, Paviani (2008, p.

27) lembra que “a ação pedagógica possui as características fundamentais da ação em geral”.

E ainda diz:

Por isso, é necessário explicitar o conceito de ação como processo e não apenas como definição. A ação é mais do que um ato isolado, é um domínio, é um conjunto de elementos ou, melhor dito, é uma rede conceitual. Mas, antes de mostrar a complexidade do conceito, pode-se afirmar, em síntese, que toda ação (conduta, comportamento) tem duas bases nucleares, de um lado, os motivos (interesses, emoções, razões) e, de outro lado, as regras (sociais, morais, jurídicas). São os motivos e as regras que permitem tomar as decisões que dão origem às ações. (PAVIANI, 2008, p. 27).

A responsabilidade e o cuidado em situações de ensino provavelmente seriam mais efetivos e enriquecedores quando pautados pelo interesse ao aluno e não apenas como uma regra social imposta e enfraquecida de reflexão. O professor em seu cotidiano precisa compreender os princípios que norteiam sua prática, para, por meio delas, enriquecer sua vida pessoal e profissional.

Nessa perspectiva, o professor poderá convir facilmente com o fato de que agir eticamente na docência significa compreender que determinadas ações podem ser determinantes na vida das pessoas com as quais interagem, visto que, segundo Levinas (1997, p. 148), ser ético é o essencial da consciência humana, pois todos os homens são responsáveis uns pelos outros.

É nesse quadro que se inclui, a partir de agora, a atuação do professor de Educação Física, cuja prática está diretamente envolvida com o corpo e o movimento do aluno. Sua atividade exerce papel crucial em diversas manifestações do movimento humano, objetivando o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para o bem-estar geral e a qualidade de vida. Na escola, oportuniza um educar mediante situações que contribuem no processo de desenvolvimento das relações socioculturais, diante da construção da cooperação, solidariedade e integração social.

O ensinar, como meio de fazer parte de vidas humanas, exige responsabilidade, cuidado, respeito e compromisso de vida por parte de qualquer professor. Todavia, o professor de Educação Física, particularmente, envolvido com um trabalho direcionado para o corpo e o movimento do ser humano, pode provocar mudanças profundas no comportamento dos alunos em relação à integração de todos os aspectos da saúde e aptidão mental, social, emocional e física.

Na sociedade atual, observa-se aumento no interesse pelas atividades do corpo nos últimos anos, criando condições mais favoráveis para debates e reflexões na área da Educação Física, acerca de como tratar bem o outro e, especificamente, como tratar com responsabilidade e com cuidado o corpo do outro, sem enxergá-lo apenas como um corpo-

objeto que deve ser condicionado à perfeição de exercícios e à aprendizagem mecânica de gestos.

Ao partir do pressuposto de que a ética é essencial na convivência humana e de que o corpo estabelece comunicação consigo, com os outros e com o mundo, acredita-se ser indispensável que os professores de Educação Física estejam atentos a ações baseadas em valores e princípios voltados para a responsabilidade e o cuidado com o outro.

Contudo, para que se perceba melhor a dimensão da atuação desse profissional e o cuidado que lhe exige o trabalho com o corpo do outro, é preciso conhecer alguns pontos fundamentais sobre o corpo humano, mediante a exposição de leituras que possam sinalizar as mais diversas formas de interpretação que cada um de nós possui sobre o próprio corpo e sobre o corpo dos outros.

2.2 LEITURAS SOBRE O CORPO: VISÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao longo da História, o corpo humano foi discutido sob diferentes contextos, abordagens, práticas e significados. Leituras sob diferentes enfoques e realidades podem ser encontradas na filosofia, na educação e na ciência, nas quais os discursos, sejam eles do passado, sejam eles atuais, contribuem para a compreensão de fatores subjacentes à visão de corpo que cada um de nós possui sobre o próprio corpo e sobre o corpo das outras pessoas.

Na sociedade atual, a visão de corpo se mantém imersa a uma multiplicidade de fatores, cujo tema, acompanhado por tendências fragmentadas e por todos os tipos de interferências culturais e sociais, se matiza, se renova e se transforma pelo desejo do homem de encontrar caminhos que busquem o sentido de todos os acontecimentos no corpo, estejam eles no campo físico, afetivo ou social. Entretanto, encontrar caminhos que possam revelar diferentes formas de conceber o corpo humano parece apresentar-se como tarefa demasiadamente complexa, especialmente na área da Educação Física.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a Educação Física propicia uma experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar, de forma intensa e explícita, os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos. (PCNS, 1997, p. 24). O documento também aponta a necessidade de considerar, além de aspectos fisiológicos e técnicos, as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais. Mesmo reconhecendo uma proposta que assume a

importância em incorporar todos os aspectos inerentes à condição humana, professores e professoras de Educação Física, provavelmente, encontram dificuldades em articulá-los na realidade da prática docente.

É importante pensar que a Educação Física, dentro de um contexto intrincado de sentidos, que permitem a compreensão das relações entre as pessoas, se caracteriza por práticas pedagógicas veiculadas a um amplo contexto sócio-histórico, que contribui significativamente para o direcionamento do trabalho pedagógico. Nesse processo, um aspecto relevante na atuação docente são os pressupostos teóricos que fundamentam a prática do professor de Educação Física e o sentido que atribui ao corpo humano, tendo em vista que, cada vez mais em voga, anuncia-se a tendência de uma noção de corpo voltada para a totalidade⁶ do ser humano.

Ao longo de sua história, a Educação Física parece ter voltado, demasiadamente, sua atenção para os aspectos fisiológicos e técnicos, o que, por consequência, lhe trouxe uma geração de professores que, por longo tempo, não se preocupou em abranger e analisar criticamente as diferentes dimensões que caracterizam o corpo e o movimento. As diferentes concepções, visões, os entendimentos da área da Educação Física, bem como os discursos adotados em relação ao corpo, se traduzem na realidade existente nas condições de ensino dessa disciplina nas escolas, quando, muitas vezes não se questiona o sentido ou o porquê do fazer, mas apenas como fazer.

As leituras do professor de Educação Física sobre o corpo apresentam-se vinculadas a discursos filosóficos e científicos de cada época, em que o corpo, tema antigo e, paradoxalmente, tão atual, foi conduzido de maneira demasiadamente fragmentada. Além de diferentes correntes filosóficas que contribuíram para a visão dualista entre corpo e alma, nas quais se mantinha a superioridade do espírito em detrimento ao corpo, a Educação Física também carregou a ideia de instrumento utilizado para obtenção de objetivos alheios (classe médica, militar, etc.), tendências que objetivaram a manutenção da saúde corporal e a aquisição e o desenvolvimento de capacidades físicas.

A Educação Física acabou sendo caracterizada nas escolas pela atenção à organização dos corpos, à higiene da população e à melhoria da mão de obra. Nesse contexto, foi instrumento dos médicos higienistas, como meio de obtenção da saúde física e da moralidade. Atuou na preparação de corpos: corpo de mãe, corpo de soldados e corpos de

⁶ Objeto da filosofia antiga como o “todo” do ser. Para os gregos a totalidade das coisas ou a totalidade da realidade não é só um conjunto das coisas individuais; e isso significa que o *todo não é mera soma das partes*. No problema do todo não está em questão a *quantidade* da realidade que se quer dominar, mas a *qualidade da aproximação a essa realidade*. (REALE, 2002, p. 389).

crianças, cujas práticas introduziam a ideia de disciplinarização de gestos e cuidados com o corpo, em função de ideais patrióticos da época.

Nesse sentido, como lembra Bruhns (2003, p. 43), a mais simples observação em torno de nós demonstra que nosso corpo pode ser afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e por inúmeros fatores sociais e culturais. A tomada de consciência crítica sobre esses fatores pode ser, portanto, um ponto de referência para novas interpretações da realidade; de mudança de conceitos e de superação de visões fragmentadas de corpo, insuficientes, nos dias de hoje, para o ensino de qualidade da Educação Física.

Ao ganhar maior vitalidade, os debates sobre o corpo são, agora, atravessados por diferentes termos, de maneira a contemplar e permitir uma visão da Educação Física que não se reduza apenas ao movimento, mas que possa integrar, no ato educativo, o resgate do sentido do sensível e do corpóreo na vida das pessoas sem, em nenhum momento, excluir o processo histórico como fator determinante da atuação pedagógica dos profissionais dessa área. A compreensão do corpo na Educação Física envolve, portanto, a relação com certa totalidade.

A Educação Física como ato educativo relaciona-se diretamente à corporalidade e ao movimento do ser humano. Implica, portanto, uma atuação intencional sobre o homem como ser corpóreo e motriz, abrangendo as formas de atividade física, como ginástica, o jogo, a dança e o esporte. Essas formas de atividade física são fenômenos culturais, correspondem as formas de apropriação do mundo pelos homens, e, como tal, são realidades sócio-históricas, integradas no processo dialético da história da humanidade. Educação Física como fenômeno educativo é um momento da totalidade concreta do real. Sendo assim, somente pode ser compreendida em sua relação com essa totalidade, em sua articulação e interconexão com os outros fenômenos sociais. (GONÇALVES, 2004, p.134).

A forma de agir do professor de Educação Física encontra a presença maciça de significativos fatores sociais. Segundo Paviani (2005, p. 10), mesmo que a educação escolar esteja hoje profundamente marcada pela investigação científica, que lhe determina o conteúdo, é importante considerar igualmente a complexidade de aspectos ideológicos, econômicos, sociais, políticos e religiosos, visto que o processo educativo é uma totalidade.

O agir do professor em relação ao aluno e a forma como conduz as situações de ensino necessitam ser caracterizados muito mais do que pela aplicação de técnicas baseadas no percurso histórico e/ou no monopólio da prática científica. Dessa forma, entender as tendências que forneceram à Educação Física visões fragmentadas de corpo, bem como a ideia de disciplina voltada para fins disciplinadores, tecnicistas e/ou militaristas, auxilia o professor de Educação Física a questionar sua prática e buscar novos caminhos para a realização de uma prática docente coerente com a realidade do aluno na contemporaneidade.

No quadro social contemporâneo, ao mesmo tempo que grandes avanços científicos e tecnológicos parecem denunciar um enorme distanciamento do homem com o corpo, existe também a aproximação do homem com toda a riqueza existente em seu desenvolvimento biopsicossocial. Daí a importância, como aponta Gonçalves (2004, p. 141), de o educador conhecer como se desenvolve o educando, como é o seu corpo e como ele aprende seus movimentos. Entretanto, mais do que o resultado da atuação de forças fisiológicas ou biomecânicas, o acento principal precisa estar no termo *humano*, pois

[...] é o homem como um todo que se movimenta, o homem como um ser que pensa, sente e age, existindo em um mundo com o qual interage dialeticamente. É importante que o profissional de Educação Física se conscientize da necessidade de busca de uma integração, fundamentada em uma visão do homem como um todo. (GONÇALVES, 2004, p. 141).

Nesse momento, em que os temas em voga parecem denunciar um esgotamento do lado humano em nossa sociedade, a afirmação de Santin (1987, p. 25) vem ressaltar a importância de pensar o homem global, como um todo unitário, pois, segundo o autor, o homem não age por partes, mas age sempre como um todo. Seu pensamento, as emoções e os gestos são sempre totais e não ora físicos ou psíquicos.

Nessa reflexão, possivelmente, o melhor caminho para a um olhar mais aguçado sobre o fenômeno educativo na Educação Física parece ser o da sensibilidade dos professores em perceber e desvendar, acima de tudo, os valores que enriquecem e que contribuem para o desenvolvimento de suas próprias potencialidades, tanto no plano pessoal quanto no profissional.

Um melhor conhecimento sobre si mesmo pressupõe uma melhor avaliação sobre sua ação, por meio de um olhar diferente em relação ao educando, na medida em que valoriza as expressões e manifestações de cada aluno, de cada corpo, ou seja, de cada ser humano. Ao falar do professor e do ato de ensinar, Tunes et al. (2005, p. 697) pontua que “a compreensão que o professor tem do aluno e do que deve realizar com ele tem muitas implicações para o seu trabalho”, cujo papel docente desdobra-se em funções descobertas e assumidas de acordo com o desenvolvimento do aluno.

Assim, um olhar atento sobre a vulnerabilidade existente na visão de corpo demonstra o quanto o processo histórico, as experiências, as expectativas e representações subjetivas influenciam várias formas de pensar e agir, em relação ao corpo humano. Diante disso, não se pode negar o fato de que as questões que emergem, ao perceber que muitas vezes o professor de Educação Física não corresponde às expectativas dos alunos, podem ser também direcionadas para todos os sujeitos em uma sociedade. O que se entende por corpo?

Como respondemos à nossa visão de corpo? O que mais nos chama a atenção no corpo humano e que tipo de interpretação fazemos sobre nosso corpo e sobre o corpo das pessoas que visualizamos?

Evidentemente, não há uma única resposta para essas questões. Além disso, seriam respostas demasiadamente complexas. No entanto, é possível que algumas delas possam estar contidas nas várias contribuições teóricas, principalmente no campo filosófico. Santin (1987, p. 17) salienta que a filosofia se desenvolve mais como uma reflexão questionante, pois trata-se de uma indagação sobre as possíveis significações e intencionalidades a serem detectadas. Além disso, o maior objetivo da filosofia foi sempre buscar reflexões sobre a problemática do homem com o mundo em que vive, pois

[...] a reflexão filosófica busca traçar os componentes básicos de uma compreensão da realidade humana, e, fundada na mesma, passa a traçar linhas de estratégias para a intervenção nesta mesma realidade. Será a partir desta compreensão que o homem passa a agir. (SANTIN, 1987, p.18).

Buscar reflexões sobre a relação do homem com seu corpo significa adentrar em território amplo, arriscado e inundado de representações e significados, cujo tema é constantemente sujeito à interpretação, porém dificilmente com certezas, tendo em vista as diferentes opções de abordagem e respostas que vão ao encontro da mentalidade de cada época, bem como das condições sociais, políticas, econômicas e culturais. Nesse sentido, a abordagem do tema precisa ser clara, pois, quando se fala em corpo, qualquer que seja o ponto de partida para reflexão, é imprescindível, mas ao mesmo tempo complexo demais, fazer referência a todas as suas interfaces.

Ao considerar as mudanças em suas formas de concepção, desde a religião à ciência, o corpo humano é compreendido no entrecruzamento de múltiplos elementos, de acordo com as tendências na sociedade. A partir de determinados conceitos e idéias, o ser humano formou esquemas de interpretação e significação de corpo que, a partir das atitudes tomadas em cada época, interferem em nossa visão de corpo até hoje. Um exemplo real de que a pluralidade de contextos ocasiona uma pluralidade de ações, conhecimentos e entendimentos que são transformados constantemente.

Em cada época, a importância dada ao corpo assinala os rumos e valores assumidos pela sociedade e historicamente transmitidos, pensados e ressignificados em diferentes momentos e contextos sociais. Sua trajetória assinala momentos de ofuscamento e repressão, evidenciando um passado de negação e sofrimento. Corpo que lutou, sofreu e se escondeu por traz dos padrões peculiares de cada época. Nesse sentido, precisou ser repensado e libertado. Novos valores surgiram e no entrecruzamento dos fatores políticos, econômicos e culturais, o

corpo passou a ser mais discutido, pesquisado e inevitavelmente utilizado como instrumento e objeto da ciência, cuja área, segundo Bombassaro (1995, p. 37), é responsável por “grande parte da imagem que fazemos do mundo em que vivemos”. Kemp (2005, p. 56) apropriadamente coloca que, hoje, as conquistas alcançadas conjuntamente com a pesquisa tecnológica e o desenvolvimento de sofisticados aparelhos criaram um crescente mercado em torno da estética, e os resultados dessas pesquisas fazem com que a nossa sociedade conheça o corpo “cl clinicamente” como nenhuma outra sociedade já conheceu.

Cada vez mais explorado e manipulado, as interferências sofridas no corpo permitem ir além da tentativa de estender a vida ou encontrar formas mais aprofundadas e eficazes referentes aos cuidados com a saúde do corpo. É possível encontrar também a dedicação de estudos às relações entre corpo, sociedade e educação. Todas essas questões, percorrendo os rumos da reflexão, exprimem a vontade do homem em entender o corpo humano sob a ótica da totalidade. Os debates sobre o corpo, incessantemente, nos desafiam a pensar em seus limites, na medida em que definitivamente é possível defini-lo como o depositário de toda experiência social, o suporte da identidade.

Segundo Bertherat e Bernstein (2001, p. 3), o corpo é a única realidade perceptível que não se opõe à inteligência e a sentimentos. Por isso, tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro, pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade. Nessa perspectiva, vale a pena transportar-se ao passado e visitar, na história do pensamento filosófico, a conturbada e maravilhosa relação do homem com o corpo e o movimento.

Todavia, antes de compreender as interferências filosóficas no tratamento dado ao corpo, é importante, num primeiro momento, situar o olhar para os movimentos de nossos ancestrais, numa época em que a atividade física demonstrava a intensidade existente na aprendizagem e evolução de movimentos e o desenvolvimento do poder expressivo do ser humano.

Além disso, sem descartar a ideia de um corpo que, inevitavelmente, se modifica conforme o contexto, é importante, num segundo momento, considerar as experiências corporais na contemporaneidade, advindas com o processo da globalização, e a reação do homem frente às rápidas mudanças sociais e culturais.

2.2.1 Aspectos históricos: a relação do homem com o corpo e o movimento

Voltar a atenção para o entendimento da Educação Física significa adentrar na visão histórica sobre o corpo e o movimento do ser humano. A história revela que o ambiente físico, no qual nossos antepassados viviam, obrigava-os a uma intensa prática de atividades físicas. Ao contextualizar o corpo no processo civilizatório, compreende-se que a forma de o homem se relacionar com sua corporalidade,⁷ inevitavelmente, é modificada conforme o momento histórico em que vive. A passagem histórica das atividades corporais vislumbra o quanto o tratamento dado ao corpo é afetado, continuamente, pelos fatores sociais e culturais de cada época e que, conseqüentemente, afetam os rumos percorridos pela Educação Física.

Segundo Gonçalves (2004, p. 14), o homem apresenta, ao longo da História, inúmeras variações na concepção e no tratamento de seu corpo, assim como nas formas de comportar-se corporalmente, revelando, assim, as relações com o corpo num determinado contexto social. Na visão da autora, do habitat do homem pré-histórico até a sociedade atual, o homem enfrenta um progressivo distanciamento da espontaneidade e expressividade corporal, concomitante a uma maior instrumentalização do corpo. Na medida em que o homem alcança um grande desenvolvimento científico e tecnológico, constata-se, lado a lado, uma condição desfavorável com a corporalidade, ameaçada por problemas de saúde física e mental, pois,

enraizadas nas condições sociais, políticas e econômicas da moderna sociedade industrial capitalista, as relações com a corporalidade refletem o sentimento de inadequação, perplexidade e despersonalização do homem contemporâneo e trazem em si o irracionalismo, presente em todas as instâncias da vida humana [...] o homem moderno sofre as conseqüências do stress, padecendo grande parte da humanidade de doenças psicossomáticas e de doenças causadas pela falta de movimentos. (GONÇALVES, 2004, p. 27).

No interior das grandes estruturas sustentadoras da sociedade do capitalismo e envolto à moderna tecnologia e aos aparatos burocráticos e administrativos, os movimentos do homem contemporâneo tornam-se estereotipados, condicionados a uma rotina. Nesse sentido, experimenta movimentos corporais inadequados e inexpressivos, bem distantes da realidade vivida por seus ancestrais, quando os movimentos corporais, de acordo com um contexto favorável à vida ativa, eram caracterizados por intensa atividade física.

⁷ O termo *corporalidade* indica as formas de o homem comportar-se corporalmente; revela as relações do corpo com um determinado contexto social, em que variam as técnicas corporais relativas a movimentos (andar, correr, nadar, etc.); os movimentos corporais expressivos (posturas, gestos, expressões faciais); a ética corporal, que abrange ideias e sentimentos sobre a aparência do próprio corpo (pudor, vergonha, ideais de beleza etc.), e o controle de estrutura dos impulsos e das necessidades. (GONÇALVES, 2004, p. 14).

Desde a Pré-História, as atividades físicas eram indispensáveis à vida do ser humano. Segundo Marinho (1980, p. 28), pelas condições de vida que o ambiente físico exigia, o homem pré-histórico possuía excepcionais qualidades físicas. As caminhadas, a perseguição à caça, o terreno acidentado, o refúgio em altas árvores, o transporte da caça e de objetos pesados são alguns exemplos de atividades que lhe garantiam força, velocidade, resistência e desenvolvimento muscular. Sua sobrevivência, como lembra Gonçalves (2004, p. 15), dependia diretamente da acuidade de seus sentidos, da agilidade e da rapidez de seus movimentos e das reações corporais. Imerso em acontecimentos que o faziam interagir de forma extremamente dinâmica, essa realidade foi traçada pela constante necessidade de movimentos corporais intensos, mas que, aos poucos, precisou ser modificada conforme a mudança de hábitos e estilos de vida.

Diante de novas necessidades, as formas de comportar-se corporalmente sofreram transformações decorrentes do processo de evolução da vida humana; nela, novos hábitos foram surgindo por meio da constante preocupação em adquirir melhor eficiência em seus movimentos. Dessa forma, o homem primitivo passou a utilizar seu tempo disponível para o treinamento de seus movimentos, objetivando o aprimoramento das habilidades físicas. Posteriormente, mediante um lento e longo processo, o homem precisou deixar de ser um pastor nômade para se transformar em agricultor às margens dos grandes rios, criando os primeiros grupamentos humanos.

As relações do homem com sua corporalidade se modificam. Se antes estava habituado a correr, pular, lutar, saltar e nadar em função de sua sobrevivência, muitos passam, agora, a dominar técnicas rudimentares de agricultura e domesticação de animais. Esse processo acaba causando a diminuição de atividades corporais mais intensas, e novamente foi necessário o aprimoramento das habilidades físicas para a otimização de gestos e de práticas de sobrevivência. (OLIVEIRA, 1983, p.14).

A nova realidade exigiu a necessidade de treinamento⁸ do corpo. O homem, dependente do ato físico preocupou-se e se preparou para estar bem fisicamente, por meio da elaboração de treinamentos físicos que pudessem manter seu corpo em ótimas condições físicas. Contudo, não é possível deixar de fazer referência à outra forma de manifestação

⁸ Os movimentos vividos pelo homem primitivo são os mesmos que a ciência sistematizou e trouxe para os métodos modernos de educação física. Assim, os resultados de movimentos de marchar, escalar, correr, saltar, lançar, atacar e defender, levantar e transportar, não só a sistematizada do homem primitivo quanto a metodizada do homem moderno, são os mesmos: desenvolvimento de órgãos e aperfeiçoamento de funções. Todavia, a sistematização dos exercícios e a consciência dos fins a atingir são as diferenças fundamentais que caracterizam os métodos modernos e a movimentação natural dos homens primitivos. (MARINHO, 1980, p. 30).

corporal, que ganhava atenção especial entre os costumes dos povos antigos. Caracterizada pela prática de movimentos ritmados e expressivos, a dança sempre foi uma das atividades mais significativas entre os povos.

Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar os seus sentimentos, era praticada por todos os povos [...] A dança primitiva podia ter características eminentemente lúdicas como também um caráter ritualístico, onde havia demonstrações de alegria pela caça e pesca feliz ou a dramatização de qualquer evento que merecesse destaque, como os nascimentos e funerais. (OLIVEIRA, 1983, p. 15).

Por meio da liberdade de movimentos, a dança se apresentava como uma arte valiosa na cultura dos povos, com papel fundamental na vida social do ser humano, cuja movimentação dos corpos registrava e traduzia a relação do homem com seu corpo. Uma relação baseada na criatividade e na expressividade corporal, praticada na dança que, posteriormente, ganhou as mais variadas expressões na cultura de muitos povos. Entre os egípcios, por exemplo, a dança foi objeto de especial atenção, pois as pinturas e desenhos encontrados em paredes de tumbas apresentavam a realização de danças expressionistas; ginásticas, guerreiras, satíricas, fúnebres e religiosas, realizadas por pares ou grupos, caracterizando todos os acontecimentos sociais, com celebrações em meio à intensa participação corporal. (MARINHO, 1980, p. 11).

Além da dança, o jogo é outra forma de manifestação constatada desde as épocas iletradas, que tem forte relevância social. Segundo Oliveira (1983, p. 16), o salto em altura e a corrida são alguns exemplos da importância das atividades pré-esportivas para os homens antigos, cujos jogos implicavam criar uma ordem moral e social, em que, tanto vencedores como vencidos, deveriam aceitar os resultados com esportividade. Cabe lembrar que, desde a Pré-História, a prática guerreira, a dança e os jogos estiveram sempre presentes nas manifestações culturais, traduzindo a interação da Educação Física na cultura humana. No entanto, é a civilização grega que iniciará um novo ciclo na História, com um mundo mais civilizado e com o descobrimento do valor humano. Sua cultura será comentada mais adiante.

O resgate dessa minúscula parte da História vem ao encontro da ideia de Paviani (2008, p. 9), ao dizer que “o retorno é um modo de redescobrir, debaixo do pó dos séculos e das tradições, aquilo que foi acumulado na história da humanidade e da educação”, na qual o conhecimento das origens se torna útil e necessário, especialmente para entender e transformar a realidade que nos envolve.

Nessa perspectiva, a ideia aqui pretendida é pensar as relações do homem com a sua corporalidade e a inevitável e necessária adaptação do corpo humano às condições a que o

ambiente o expõe, pois, como assinala Gonçalves (2004, p. 13), os regulamentos e o controle do comportamento corporal são uma construção social, resultante de um processo histórico, em que o homem interage de forma dinâmica, atuando e modificando a realidade que atua sobre ele.

Atualmente, mergulhado na comodidade da era tecnológica e na perversidade do capitalismo, tendo em vista a sobrevivência diante de tamanha competitividade no mercado de trabalho, o homem passa a dominar técnicas extremamente avançadas num processo cada vez mais evidente da diminuição da atividade física, o sedentarismo. Com o aumento do conhecimento científico sobre o corpo e suas necessidades fisiológicas, a preocupação passa a girar em torno de uma vida mais ativa, por meio de uma busca incessante por um tempo disponível para os cuidados com o corpo.

O homem de hoje, como aponta Gonçalves (2004, p. 27), embora combatendo doenças e prolongando a vida através da ciência, vive na dependência de muitos produtos da moderna tecnologia, mediante muitas formas de locomoção e comunicação. Essas novas possibilidades de atividades corporais terminam por acentuar a pobreza de vivências de cada pessoa, de forma imediata, como ser corporal e motriz.

Ao considerar a dificuldade em abordar o tema corpo em sua totalidade, haja vista seus diferentes discursos, a contribuição de uma Educação Física que contemple a formação das pessoas precisa ser impulsionada pelo entendimento do pensamento filosófico sobre a problemática do homem e de sua corporeidade. Isso porque muitas aulas de Educação Física ainda se desenvolvem, excessivamente, por critérios que acentuam a visão dicotômica de corpo entre os professores. Ao retratar uma época em que grandes filósofos ofereceram à humanidade concepções do corpo humano, será possível perceber o quanto suas ideias, até hoje, se mantêm presentes e imprescindíveis para a compreensão do sentido que cada um de nós, sendo professores ou não, atribui ao corpo humano.

2.2.2 O corpo no pensamento filosófico

As características da atividade física dos povos primatas traduzem a interatuação da Educação Física na cultura humana e foram essas antigas civilizações que exerceram poderosa influência sobre os gregos, o povo que mais desenvolveu a educação física por meio de sua cultura. A Grécia legou às civilizações que a sucederam um incomparável tesouro de cultura iniciando um novo ciclo na história com o início de um mundo civilizado e do

descobrimto do valor humano onde a Educação Física mereceu especial consideração no plano educacional. (MARINHO, 1980, p.47; OLIVEIRA, 1983, p. 21).

Nesse período, as atividades físicas sempre foram consideradas como elementos característicos da civilização grega, em que a ginástica e o atletismo ocupavam lugar especial. O aparecimento dos primeiros grandes filósofos do mundo ocidental, Sócrates, Platão e Aristóteles, em muito contribuíram para a valorização da atividade física no plano educacional grego, numa concepção de educação baseada na comunhão do corpo e do espírito, tornando esta educação a mais humanista de todas. (OLIVEIRA, 1983, p.26).

A ênfase direcionada para a educação intelectual visava testar as aptidões dos alunos para que apenas os mais inclinados pudessem ter acesso a uma formação completa através de treinamentos para o corpo e para a mente. Contudo, com Sócrates é que o homem passa a ser alvo de questionamentos filosóficos e sua doutrina, segundo Reale (1993, p. 261), pode ser resumida nessas proposições convergentes: “conhecer a si mesmo” e “cuidar de si mesmo”, sendo que conhecer a “si mesmo” não quer dizer conhecer o próprio nome nem o próprio corpo, mas examinar-se interiormente e conhecer a própria alma.

Nessa trajetória, Platão (427-347 a.C.), aluno de Sócrates, concebeu à educação do indivíduo o objetivo da formação do ser humano virtuoso. Segundo Paviani (2008, p. 21) Platão, criador da metafísica, conhecimento que pretende explicar a totalidade de tudo que existe, “foi o criador de uma filosofia de dimensão pedagógica e de caráter profundamente ético”. Contudo, o ser humano platônico vive em conflito com as inclinações e desejos do corpo, nitidamente encontrado em *Fédon*, diálogo no qual Platão descreve os últimos instantes de vida de seu mestre Sócrates.

[...] o corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (sim, verdadeiramente é o que se diz) não recebemos na verdade nenhum pensamento sensato [...] nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas [...] por sua culpa ainda, e por causa de tudo isso, temos preguiça de filosofar. (PLATÃO, 1979, 66c, p. 67).

Cabe lembrar que seria preciso um estudo minucioso nos textos de Platão, sobre as ideias em relação ao corpo e a alma, para uma interpretação adequada à realidade em que ele viv, tendo em vista o fato de que Platão (1979, 67a, p. 68) declara explicitamente ser “impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter conhecimento puro”. Todavia, conforme Gonçalves (2004, p. 43), mesmo carregando a ideia de cisão entre dois mundos, Platão, em seus últimos escritos, não atribuiu um papel tão negativo ao corpo e até admitiu que o exercício poderia ser benéfico à alma, ao proporcionar o equilíbrio entre o corajoso e o filosófico. E explica:

[...] Os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por ficar mais grosseiros do que convém, e os que se dedicam apenas à música tornam-se mais moles do que lhes ficaria bem (410 d) [...] Para estas duas faces da alma, a corajosa e a filósofa, ao que parece, eu diria que a divindade concedeu aos homens duas artes, a música e a ginástica, não para a alma e o corpo, a não ser marginalmente, mas para aquelas faces, a fim de que se harmonizem uma com a outra, retesando-se ou afrouxando até onde lhes convier. (PLATÃO, 2001, III, 410d; 412a, p. 148; 150).

Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão e defensor da instrução para a virtude, não atribuía ao corpo o mesmo papel que Platão. Segundo Gonçalves (2004, p. 43), no pensamento de Aristóteles, sobre a constituição da natureza humana, reconhece o papel do corpo e dos sentidos no conhecimento, pois para ele a alma está presente como a forma, e o corpo, como a matéria, na qual a alma é a forma do corpo, causa final de sua conformação orgânica e o princípio do seu movimento.

A educação dos jovens requeria uma atenção especial, cujo plano educativo da época era constituído por quatro ramos de educação: a gramática e o desenho, úteis na vida e com muitas aplicações; a música, cultivada pelo prazer, e a ginástica, que contribuía para a bravura. (ARISTÓTELES, 1985, II, 1338a, p. 269). Aristóteles valorizava tanto a ginástica que a chamava de ciência, cuja finalidade era investigar os exercícios mais úteis ao corpo, segundo a constituição de cada pessoa. (OLIVEIRA, 1983, p. 26).

Segundo Hourdakís (2001, p. 39), Aristóteles também se preocupou com a ordem de prioridades na instrução e na educação, nas quais a formação, baseada nos hábitos, deve vir antes da formação baseada na razão, e o exercício do corpo deve vir antes do exercício do espírito. Ao enxergar o aluno como um organismo físico, propõe confiar as crianças primeiramente ao ginasta, que se ocupará da formação de seus corpos, e, posteriormente, ao mestre de ginástica, responsável pelos exercícios práticos. Para as crianças eram direcionados exercícios leves, para que seu crescimento não fosse prejudicado, quando, na puberdade, exercícios mais pesados eram enfatizados:

Quando, porém, após a puberdade, os jovens tiverem dedicado três anos a outros estudos, então convirá consagrar o período seguinte a exercícios pesados e uma dieta rígida; não se deve fatigar ao mesmo tempo o corpo e a mente, pois as duas espécies de fadiga produzem efeitos antagônicos: a fadiga do corpo prejudica o espírito, e a deste prejudica o corpo. (ARISTÓTELES, 1992, IV, 1339a, p. 273).

Ainda, segundo Aristóteles (1985, IV, 1339b, p. 274), “não se aprende com entretenimentos – ao contrário, o aprendizado requer esforço”. Se, em seu pensamento, o aprendizado requer esforço, Aristóteles propõe que o homem adquira bons hábitos em sua formação, pois para ele quem quiser ouvir proveitosamente exposições sobre a ciência política em geral, por exemplo, deverá ter adquirido bons hábitos em sua formação. (ARISTÓTELES, 1992, I, 1095b, p. 19).

Na visão de Aristóteles, assim deve ser desde a infância, cujos hábitos só podem ser adquiridos por meio da educação. Tese que, segundo Hourdakis (2001, p. 148), parece permanecer até hoje, tendo em vista que, mais do que nunca, a escola é dotada da missão de preparar os jovens para viver numa sociedade em movimento, incerta e aberta. Seguindo esse raciocínio, a escola também pode auxiliar na leitura do corpo, especialmente por meio das aulas de Educação Física.

Entretanto, diante das muitas interpretações possíveis de corpo na sociedade atual, é possível que a visão de corpo possa estar, demasiadamente, voltada para aspectos científicos, biológicos ou econômicos, ou demasiadamente voltada para aspectos culturais, sociais ou espirituais. Nesse sentido, é plausível assumir a ideia de que, entre esses possíveis extremos, possa ser necessário existir uma visão mais amena, em que certo equilíbrio ou meio-termo entre as várias interfaces do corpo torne possível uma relação mais cuidadosa do ser humano com o próprio corpo.

O próprio Aristóteles já fazia referência à questão do meio-termo. Mesmo que Aristóteles tenha apontado esse termo sob a ótica da virtude, relacionada com as emoções e as ações, cuja qualidade deve atingir o alvo do meio-termo, essa expressão, sem dúvida, pode ser utilizada em vários âmbitos, especificamente quando se fala em corpo. Aristóteles definia o meio-termo de duas maneiras e assim esclarece:

De tudo que é contínuo e divisível é possível tirar uma parte maior, menor ou igual, e isto tanto em termos da coisa em si quanto em relação a nós; e o igual é um meio termo entre o excesso e a falta. Por “meio termo” quero significar aquilo que é equidistante em relação a cada um dos extremos, e que é único e o mesmo em relação a todos os homens; por “meio termo em relação a nós” quero significar aquilo que não é nem demais nem muito pouco, e isto não é único nem o mesmo para todos. (ARISTÓTELES, 1992, II, 1106b, p. 41).

Mas, tendo em vista a complexidade do tema corpo, a dificuldade em encontrar um possível meio-termo pode ser tarefa árdua. O corpo nos faz experimentar algo de um jeito, ou de outro, e não do mesmo jeito que os outros corpos; não igual a qualquer outro, pois não existem corpos iguais, apenas semelhantes, assim como não existe meio termo de maneira idêntica em relação a cada um de nós, visto que somos movidos por sentimentos e valores. Na visão de Aristóteles, nas emoções e ações há excesso, falta e meio-termo, nas quais “o excesso é uma forma de erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio-termo é louvado como um acerto”. (ARISTÓTELES, 1992, 1106b, p.41).

Seguindo a trajetória dos filósofos gregos, percebe-se que a Grécia traça uma época muito significativa para a Educação Física. O modelo ateniense de educação serviu de paradigma a todo mundo grego e nos serve como reflexão até hoje. Eram amantes da cultura,

seus locais para a prática esportiva, além de servirem para a Educação Física, serviam também para a formação intelectual do povo, cuja prática esportiva subsistia como meio de formação do homem total, visto que o homem é somente humano quando completo. (OLIVEIRA, 1983, p. 22).

Nesse cenário, por não apresentar um caráter eminentemente militar, no final do século V, devido a lutas internas que os enfraqueceram, os gregos deixaram-se dominar pelos romanos, povo que não valorizou a cultura grega.

A prática das atividades físicas vai perdendo todos os seus ideais humanistas que talvez tenham sido o mais belo exemplo já inscrito na história da Educação Física. Os atletas começaram a especializar-se prematuramente, contrariando os objetivos educativos, estéticos e de saúde que foram tão tenazmente perseguidos durante séculos. (OLIVEIRA, 1983, p. 28).

A história da Educação Física em Roma não oferece uma leitura orgulhosa sobre o tratamento dado ao corpo. Respeitadas as particularidades do homem romano, a interpretação sobre a Educação Física pode ser traduzida à luz da análise da forma inexpressiva do esporte, quando os jovens romanos passavam por um verdadeiro adestramento físico, capaz de habilitá-los em função dos ideais cívicos. (OLIVEIRA, 1983). O corpo nesse período era submetido a práticas extremamente deformadas de atividades físicas, e o povo romano não percebeu e não encontrou atividades físicas que tivessem a mesma expressão e o mesmo padrão ético e estético dos gregos.

Contudo, a divisão do Império Romano marca o início da Idade Média (395), que se caracterizou pela disputa entre três poderes para a direção do mundo europeu: o poder militar, o poder civil e o crescente poder religioso que pregava o descaso pelas coisas do corpo para a salvação da alma e o desprezo pelas coisas terrestres em função da conquista de uma vida celestial. (MARINHO, 1980, p. 76). Esses fatores foram determinantes para uma época em que o corpo fora totalmente esquecido, tendo em vista a separação absoluta entre o intelectual e o físico. Além disso, com o monopólio educacional exercido pela Igreja, através do tradicional conceito de educação como disciplina, os castigos corporais faziam parte do autoritarismo, que impedia uma efetiva ação pedagógica. (OLIVEIRA, 1983, p. 34).

No palco da problemática de um mundo violento e totalmente desumano, o homem precisou reagir contra as limitações impostas ao espírito e contra a opressão e o aprisionamento do corpo a regimes demasiadamente severos. Nesse cenário, o Renascimento (séculos XV e XVI), movimento intelectual, estético e social, que representou reação à decadente estrutura feudal do início do século XIV, trouxe uma nova concepção de mundo e de homem. Voltado para o redescobrimto da individualidade e da liberdade do ser humano,

mediante novas iniciativas em todos os âmbitos da ação humana, a produção renascentista, rica em propostas pedagógicas, resgata a importância do corpo, sob a influência dos filósofos medievais e da reinterpretação dos pensadores da Antiguidade grega. (OLIVEIRA, 1983, p. 36; GONÇALVES, 2004, p. 48).

Conflituosas percepções do corpo humano são inauguradas com o advento da mentalidade Renascentista e muitos pensadores dedicam suas reflexões acerca da importância dos exercícios físicos, avaliando a inclusão da ginástica, de jogos e de esportes nas escolas. Segundo Oliveira (1983, p. 37), “um sem-número de pensadores renascentistas dedicou suas reflexões à importância dos exercícios físicos”, e todas suas idéias fertilizaram o campo que fundamentou os alicerces da Educação Física escolar. Entre os pensadores que influenciaram a Educação com suas idéias e que destacaram a Educação Física de maneira especial, estão John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).

Conforme aponta Gonçalves (2004, p. 50), Locke, representante do Empirismo, corrente cujo mérito está em abrir novas perspectivas para o conhecimento científico, reduz o corpo a ser um instrumento do espírito e, como tal, precisa se manter forte e saudável, e a Educação Física deveria propiciar a formação do caráter e da moralidade, por meio da conservação da saúde e do desenvolvimento de destrezas corporais, numa nítida teoria formuladora de um conceito disciplinar de educação. (OLIVEIRA, 1983, p. 38).

Assim como Locke, as formulações teóricas de Rousseau também contribuíram para o desenvolvimento das ideias educacionais do fim do século XVIII e século XIX, ao dedicar atenção aos exercícios físicos, fornecendo os elementos essenciais a serem desenvolvidos no século XIX, sobre a necessidade e importância da Educação Física como elemento na educação do homem. (SOARES, 1994, p. 50). Segundo Gonçalves (2004, p. 52), Rousseau resgata o homem como um ser corpóreo, com suas necessidades e paixões, e também o homem como um ser espiritual e histórico, que possui razão e livre-arbítrio.

Rousseau coloca suas impressões sobre a importância de uma vida ao ar livre desde a infância, advogando em favor da prática de exercícios físicos, pois, segundo ele, “todos os que refletiram sobre a maneira de viver dos antigos atribuem aos exercícios da ginástica esse vigor de corpo e alma”. (ROUSSEAU, 1999, p. 142). Em Rousseau, a criança,

como está continuamente em movimento, é forçado a observar muitas coisas [...] toma aulas de natureza e não dos homens [...]. Assim, seu corpo e seu espírito exercitam-se ao mesmo tempo [...] e continuamente as duas operações; quanto mais forte robusto se torna, mais sensato e judicioso fica. Esse é o meio de um dia obter o que acreditamos ser incompatível e o que quase todos os grandes homens reuniram, a força do corpo e a força da alma, a razão de um sábio e o vigor de um atleta. (1999, p. 132).

Mesmo que a atenção aos exercícios físicos tenha sido alvo de muitos filósofos, dentre eles, não é possível deixar de fazer referência a Descartes (1596-1650), pois, como lembra Gonçalves (2004, p. 50), é ele o responsável por cavar um profundo abismo entre o mundo material e o espiritual, cujos espírito e matéria constituem-se em dois distintos princípios. Para ele, não é clara a ideia de uma união do corpo e da alma, e coloca na mente o centro e o suporte de toda a realidade.

Em Descartes (2005, p. 26), o corpo humano é formado e composto por uma certa configuração de membros e outros acidentes semelhantes, enquanto a alma é pura substância e não é composta por quaisquer acidentes. Segundo Gonçalves (2004, p. 51), como consequência da separação cartesiana do corpo e da alma, “os fatos psíquicos e fisiológicos começaram a ser estudados separadamente, permanecendo, até hoje, objeto de ciências distintas”.

Essa separação, sem dúvida, teve e ainda tem grande influência nos rumos percorridos pela Educação Física, especialmente nas práticas pedagógicas, visto que cada área trata o corpo sob uma determinada perspectiva. Além disso, Descartes também contribuiu para a visão do corpo como máquina, tendo em vista que compara o funcionamento do corpo humano com o funcionamento de um relógio.

E embora, no que tange ao uso a que o relógio foi destinado por seu operário, possa eu dizer que ele se desvia de sua natureza quando não marca bem as horas; e embora, da mesma forma, considerando a máquina do corpo humano como tendo sido formada por Deus para ter em si todos os movimentos que nela costumam existir, eu tenha motivos para pensar que ela não segue a ordem da natureza, quando sua garganta está seca e o beber prejudica-lhe a sua conservação. (DESCARTES, 2005, p. 127).

Particularmente, o século XIX foi muito importante para o entendimento da Educação Física, pois foi nesse século que os conceitos básicos sobre o corpo e sua utilização como força de trabalho, foram elaborados. Esse período é marcado pela consolidação do Estado burguês, e a burguesia como classe que, interessada em manter sua hegemonia, precisou investir em um homem que pudesse suportar uma nova ordem política, econômica e social, “cuidando” dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos desse homem. (SOARES, 1994, p. 9).

Além disso, é o século que caracteriza-se por uma grande revolução científica nos laboratórios e na industrialização; a Educação Física passará a ser a expressão física de uma sociedade capitalista, e encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, fazendo-se protagonista de um corpo “saudável”.

Na consolidação das idéias da Revolução Burguesa, a Educação Física se ocupará de um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticolosamente estudado e, cientificamente, explicado... Ela negará o funambulismo, os acrobatas, a especulação e buscará as explicações para o seu proceder na visão da ciência hegemônica na sociedade burguesa: a visão positivista de ciência [...] Esta abordagem de ciência, calcada nos princípios da observação, experimentação e comparação, é aquela que realizou ao longo dos séculos XVII a XIX aquilo que poderíamos chamar de uma naturalização dos fatos sociais, criando um “social biologizado”. (SOARES, 1994, p. 10 -11).

O modelo de conhecimento adotado por esse pensamento, que se baseia ainda na física, mas, sobretudo, na biologia e na história natural, é o modelo mecanicista, no qual a tríade formada pelo sujeito que conhece, pelo objeto do conhecimento e pelo conhecimento, como produto do processo cognitivo, não possui uma relação dinâmica. O conhecimento é cópia do objeto, é reflexo, cuja gênese está em relação com a ação mecânica do objeto sobre o sujeito, razão pela qual esse modelo é qualificado de mecanicista. (SOARES, 1994, p. 13).

A perspectiva do corpo, ao longo da história da Educação Física, vem assumindo diferentes formas e, no século que se seguiu à Revolução Industrial e Francesa, o mundo passou a ser visto de outra forma. A exemplo das relações sociais, estabelecidas durante a época da Revolução Industrial, o capitalismo contribuiu para a condição de um corpo no sentido de máquina, separado do prazer e preparado para o trabalho. Com o crescimento das cidades e a conseqüente diminuição dos espaços livres, que pudessem proporcionar a prática de atividades físicas, a permanência de trabalhadores numa mesma posição durante horas e o aumento das horas de estudo e a imobilidade imposta aos jovens mediante severa disciplina, acabaram sendo fatores determinantes para o verdadeiro renascimento físico e a uma maior atenção à Educação Física. (OLIVEIRA, 1983, p. 40).

Todavia, é o pensamento do filósofo Karl Marx (1818-1883) que trouxe uma nova forma de o homem ver o mundo. Marx contribuiu para a concepção de um homem com essência histórica, cujo processo de vida social, político e espiritual fica condicionado pelo modo de produção da vida material, e a própria consciência dos homens está imersa nesse processo, ou seja, o homem se configura a partir das relações que estabelece nesse processo; do conflito existente entre as forças produtivas sociais e das relações de produção. (MARX, 1991, p. 30).

O fato é que, antes de Marx, as relações entre o homem e o mundo não eram pensadas em sua concretude. No pensamento filosófico, havia uma excessiva valorização da razão, em detrimento do homem em sua totalidade – um ser espiritual, mas também corpóreo e sensível, que cria e age sobre a realidade material e social que o rodeia. Segundo Gonçalves (2004, p. 60), em Marx a corporalidade do homem é pensada por intermédio de todos os

sentidos com os quais o homem se afirma no mundo objetivo, pois seus sentidos são sentidos humanos, e seus objetos são objetos humanos, criados pelo próprio homem e a ele destinados, sendo, portanto, o corpo do homem um corpo que se torna humano por sua atividade produtiva.

O pensamento de Marx, a nosso ver, é uma fonte importante de reflexões para a Educação Física, pois abre caminhos para a compreensão do homem contemporâneo e da realidade sócio-histórica em que ele vive, desvelando as relações fetichizadas consigo mesmo e com os outros. (GONÇALVES, 2004, p. 63).

Na sociedade capitalista, as ideias de Marx correspondem a uma forma de vida, cuja força de trabalho se configura como meio de desenvolvimento das necessidades do capital. Nesse sentido, ao transpor suas ideias na contemporaneidade, é possível perceber que, de lá para cá, o homem se mantém cada vez mais absorvido pelo trabalho produtivo e acaba reprimindo, ao mesmo tempo, suas próprias necessidades humanas, corpóreas e espirituais.

Contudo, sem se furtar à contribuição de muitos filósofos e das propostas que, de uma forma ou de outra, fertilizaram e impulsionaram a prática pedagógica da Educação Física, o autor de referência, no campo das reflexões acerca das concepções de corpo e que as estudou profundamente, é, sem dúvida, Merleau-Ponty (1908-1961), pois é ele quem buscará a compreensão e esclarecimento da existência humana.

Merleau-Ponty, por meio da fenomenologia,⁹ possibilitará à Educação Física uma visão do corpo e do movimento, integrados na totalidade humana, visto que, até então, a corporeidade não havia ainda sido pensada de forma tão radical. Como aponta Paviani (1998, p. 9), “a fenomenologia de Merleau-Ponty insiste na superação das dicotomias alma e corpo, consciência e mundo”, por meio da descrição dos paradoxos e ambigüidades reveladas pelo estudo da percepção e do corpo próprio.

Para ele, o mundo é a experiência imediata, ou seja, o homem não está dentro ou fora do mundo, e essa experiência só se descobre ao compreender o homem como um ser corporal e pensamento ao mesmo tempo. (PAVIANI, 1998, p. 21). Ao conhecer suas descrições sobre a maneira como o ser humano enxerga e percebe os objetos ao seu redor, na obra *Fenomenologia da percepção* é possível entender como cada um de nós enxerga e percebe o próprio corpo. Como lembra Gonçalves:

O homem, para ele, é ambigüidade. Nele estão presentes os dois mundos – o mundo do corpo e o mundo do espírito – numa tensão dialética, sendo, ao mesmo tempo, interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, corpo e espírito, natureza e cultura,

⁹ Segundo Merleau-Ponty, “é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências”: a essência da percepção e da consciência, por exemplo. A fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo a não ser pela facticidade. É a ambição de uma filosofia que seja uma ciência exata, mas é também um relato do espaço, do tempo e do mundo vividos numa tentativa de descrição de nossa experiência, tal como ela é. (1999, p. 1).

num movimento que é a própria vida e o tecido da história. (GONÇALVES, 2004, p. 65).

Nesse contexto, parece fundamental, ao ler sua obra, a capacidade de colocar-se por inteiro em seu texto e reconhecer, em suas idéias, a experiência corpórea do ser humano no mundo. Numa perspectiva espacial, ao falar dos objetos que nos rodeiam, Merleau-Ponty (1999, p. 104), diz que “olhar um objeto é entranhar-se nele, aonde os objetos formam um sistema em que um não pode se mostrar sem esconder os outros”. Essa ideia em relação ao corpo humano nos remete às questões referentes ao olhar do ser humano para os corpos de seus pares que, de acordo com as circunstâncias e o enfoque observado, se reduz a um olhar encerrado em uma determinada perspectiva, tendo em vista que quem vê, vê sempre de um determinado lugar.

Suas reflexões possibilitam uma visão do corpo e do movimento integrados na totalidade humana, ao encontrar o sentido do corpo na relação homem-mundo, afirmando que o corpo humano é semelhante a uma obra de arte. (PAVIANI, 2007, p.14). Em suas ideias, estão presentes no homem o mundo do corpo e o mundo do espírito, sendo seu pensamento um pensamento do ser humano como intencionalidade, como consciência e corpo desvelando sua unidade, a partir da raiz sensível, corpórea e de sua experiência de ser humano no mundo.

O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles[...] sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122).

O corpo é o veículo pelo qual nos articulamos com o mundo, com as pessoas, com os objetos, com o mundo visível e o sensível, fundamentais na relação do homem com o mundo. Nessa perspectiva, a ideia de Bertherat e Bernstein (2001, p. 3) vem ao encontro do pensamento de Merleau-Ponty, ao dizer que tomar consciência de que somos nosso corpo significa ter acesso ao ser inteiro, pois o corpo e o espírito, o psíquico e o físico, e até a força e a fraqueza não representam a dualidade do ser, mas uma completa unidade. Além disso, Santin (1987, p. 26) contribui significativamente ao apontar que o homem é corporeidade,¹⁰ gesto, expressividade e presença expressiva, comunicativa e criadora, ou seja, a realidade humana, e que é, também, a realidade da Educação Física.

¹⁰ O termo *corporeidade* diz respeito à forma de o homem ser no mundo. O corpo é, assim, expressão e comunicação, em que é possível falar de uma linguagem corporal que revela, por meio da exterioridade, a nossa interioridade: pensamentos e sentimentos, ligados à situação do momento, mas trazendo consigo toda nossa história pessoal. Revela também a sociedade em que vivemos, que, ao longo do processo histórico, desenvolve diferentes formas de comportar-se corporalmente e expressar sentimentos e valores. (GONÇALVES, 2004, p. 103).

Sem correr o risco de andar à deriva, adentrar numa pequena parte da história do pensamento filosófico talvez tenha contribuído para uma leitura mais crítica sobre a relação do homem com sua corporeidade e sobre a visão do corpo na Educação Física. Contudo, é fundamental a partir de agora considerar as experiências corporais na contemporaneidade e a reação do homem frente às rápidas mudanças sociais e culturais.

2.2.3 Condições pós-modernas: corpo, contemporaneidade, mídia e consumo

A sociedade atribuiu ao corpo, nos últimos anos, uma diversidade de práticas e de sentidos. Entretanto, a diminuição da preocupação pelo destino das almas, das quais os antigos filósofos tanto se ocuparam, trouxe um rápido crescimento com a preocupação da formação do corpo. À medida que cresce o campo das investigações, destinado a compreender antigas concepções de corpo e a desenvolver novas descobertas em relação a ele, aumentam também a intervenção de profissionais e especialistas em diversos segmentos corporais. Em contrapartida, a excessiva preocupação com o corpo, por boa parte da população, muitas vezes pode ultrapassar o limite do bom senso e se tornar uma obsessão.

De maneira demasiadamente simplista, o corpo pode ser entendido como um objeto físico com propriedades sensíveis que causam, nos organismos biológicos, impressões ou estímulos. (MORA, 2001, p. 133). Entretanto, pensar em corpo significa entendê-lo à luz de múltiplos sentidos, desde a noção de corpo físico, como matéria orgânica, à sua dimensão como “ser no mundo”, visto que, como já exposto, as mudanças em suas formas de abordagem e em suas possibilidades, constantemente, se renovam e atravessam a história.

A descoberta das funções do corpo, por meio de estudos anatômicos, fisiológicos e biológicos oportuniza, ao ser humano, inúmeras possibilidades de intervenção no corpo humano. Mediante intervenção da ciência, a compreensão de corpo, inevitavelmente, vincula-se à ideia de um corpo-máquina, que pode ser facilmente explorado. A partir dessa racionalidade, é perceptível a rapidez dos impulsos da ciência e dos avanços tecnológicos, cujo alfabeto corporal do discurso científico facilmente encontra meios de separar, medir e, muitas vezes, julgar o corpo humano. A noção de corpo biológico parece exprimir a vontade, o desejo, a determinação e mesmo a necessidade do ser humano em produzir um organismo saudável, forte e resistente.

Sob essa ótica, intensificam-se na contemporaneidade a leitura de textos a respeito de qualidade de vida, saúde fisiológica, doenças, alimentação, estética corporal, sexualidade,

enfim, um verdadeiro tornado de informações manifestadas na busca incessante por novos padrões de beleza, felicidade e manutenção da saúde. Conseqüentemente, muitas dessas informações, advindas das mais diversas áreas e dos meios de comunicação, acabam instalando no imaginário do ser humano a necessidade de encaixe a determinados padrões de corpo.

Sem furtar comentários à importante contribuição das descobertas da biologia, medicina e áreas afins, o tratamento de doenças e transplantes de órgãos, indiscutivelmente, trouxeram cura e aumento na expectativa de vida. Cirurgias estéticas e a utilização de próteses, em diferentes partes do corpo, têm contribuído, substancialmente, não somente no tratamento de doenças, mas também na correção de partes do corpo que não são bem-vindas e que podem ser melhoradas, mesmo que, muitas vezes, sem necessidade aparente.

Na sociedade atual, novos modelos de corpos são formados. Em ritmo acelerado ao extremo, o homem enfrenta um progressivo distanciamento de seu corpo, mediante a diminuição de movimentos corporais, que acabam causando doenças psicossomáticas próprias do *stress* e sedentarismo. É inegável o fato de que um mundo avançado tecnologicamente tenha facilitado, consideravelmente, o processo de comunicação e a velocidade de informações no domínio das ciências humanas e sociais, acerca dos numerosos caminhos e das possibilidades de conhecer o corpo.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que, no âmbito do cotidiano de cada ser humano, o corpo se firma como um veículo transportador de uma verdadeira explosão, que se manifesta desde o olhar até incontáveis gestos que, inevitavelmente, podem revelar a identidade de um ser humano no mundo, mas, ao mesmo tempo, também a pode esconder. Por esses motivos, é tão difícil falar em corpo, do corpo ou sobre o corpo.

Portanto, é preciso desligar-se, por hora, do corpo—objeto da anatomia e fisiologia e concentrar-se no corpo como suporte da identidade e que, segundo Merleau-Ponty (1999, p. 205), nos mantém atados ao mundo. Sabe-se que, hoje, a evolução da ciência parece permitir que o ser humano desfrute de outras formas de conhecimento, mediante uma riqueza de crenças e experiências espirituais traduzidas em novas visões de corpo dedicadas à totalidade do ser humano. Totalidade composta pelo corpo físico, pelo espírito, pelo intelecto e por todos os sentimentos manifestados na maneira de ser de cada pessoa.

O corpo é, simplesmente, a morada de cada um, que legitima a fronteira entre o interno e o externo, o dentro e o fora, a aparência e a essência, na certeza quase eufórica do reconhecimento de seus mais variados códigos. O corpo troca informações com o mundo lá

fora e, como comenta Katz (2005, p.120), é um sistema aberto e é o santuário íntimo de cada ser humano.

Por esse motivo, merece ser percebido sob todos os aspectos, visto que se torna reflexo da sociedade, que articula significados sociais, e não apenas um receptáculo de processos exclusivamente biológicos. (LEAL, 2001, p. 93). Kemp (2005, p. 5), lembra que é possível constatar em todas as culturas, extintas ou existentes, o quanto o ser humano interfere em seu corpo, seja na vestimenta, nos adornos, nas pinturas e até em modificações, de acordo com os padrões vigentes de cada época. Por meio da experiência social, cada ser humano adquire e estabelece uma relação com seu corpo, cuja experiência social pode ser revelada.

Segundo Leal (2001, p.75), sua postura, forma, disposição, suas manifestações e sensações emitem inúmeros significados, os quais são compreendidos por meio de uma imagem, construída por nós, mas também construída pelos outros. Diante disso, existe sempre uma determinada compreensão, ou melhor, uma determinada percepção acerca do próprio corpo e existe também a concepção sob o ponto de vista das pessoas que observam nosso corpo.

Ao nos olharmos no espelho e percebermos nossa imagem, provavelmente lhe atribuímos os mais diversos significados, imersos a uma visão de mundo, de vida, de contexto social, de cultura, de valores e, certamente de sentimentos. Todavia, na percepção de outras pessoas nossa imagem talvez esteja vinculada a outros significados, tendo em vista que a leitura e interpretação alheia, devido à experiência de cada um, inevitavelmente acaba sendo diferente da nossa.

Segundo Katz e Greiner (2005, p. 86), hoje sabe-se que nada é puramente determinado pela genética ou pelo ambiente, mas que somos um verdadeiro produto complexo de ambos, pois não é possível pensar em corpo sem ambiente, já que ambos são desenvolvidos em codependência. Em vista disso, esclarece:

As informações do meio se instalam no corpo; o corpo alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças. (KATZ; GREINER, 2005, p. 90).

Como consequência dessa interferência, o corpo, como é percebido no cotidiano, pode também se configurar como o retrato de uma sociedade de consumo. Como afirma Crespo (1990, p.7), “os novos valores de beleza, felicidade ou juventude identificam-se com um corpo que se transforma em objeto de cuidados e desassossegos”. Isso contribui para a formação de diferentes sentidos e modelos de corpos, desde o corpo saudável, forte e feliz, ao corpo doente, fraco e sofrido.

Nesse cenário, a medicina descobre o tratamento de doenças e utiliza próteses em determinadas partes do corpo. Cirurgias estéticas aparecem como a solução para a incessante busca do corpo perfeito, por meio de próteses, reformas, enxertos. A indústria cosmética é capaz de impor ao imaginário das pessoas produtos que vão além das necessidades. Fórmulas mágicas tentadoras e produtos constantemente reformulados com o intuito de manter o consumidor atento e atormentado pela obsessão do corpo, surgem com extrema rapidez no mercado. A intenção é fazer com que estejamos sempre famintos por algo novo, que sejamos, como diz Bauman (1999, p. 90), impacientes, impetuosos, indóceis e, acima de tudo, facilmente instigáveis.

Seguindo a tendência mundial, produtos que possam melhorar o aspecto do cabelo, do rosto, do busto, dos segmentos corporais afetados por doenças e partes indesejáveis, ao que tudo indica, serão sempre bem-vindos. Dessa maneira, por todos os argumentos expostos a partir da evolução do homem, parece acertado inclinar-se a uma posição simpática de que grande parte da população possa estar voltada para visões de corpo extremamente extremistas.

A resposta pertinente à maneira como se percebe o corpo parece estar no íntimo de cada um. São os valores e o sentido atribuídos ao próprio corpo que, inevitavelmente, afetam a maneira de ser no mundo, o que torna a questão, acerca de como entender o corpo humano na contemporaneidade, premente e complexa. Premente em razão da necessidade expressa pelo homem, e complexa, em razão da exigência de ser conduzida cuidadosamente, especialmente quando se tem a forte influência da mídia nas visões de corpo por nós assimiladas.

A influência da mídia que, incessantemente, procura estabelecer uma relação de homem com o corpo, baseada no ideal de uma beleza física, especificamente, de um corpo jovem e belo, contribui substancialmente para a formação de modelos de corpos. Os meios de comunicação social podem trabalhar a temática da corporeidade sob inúmeros discursos: da sensualidade, da sexualidade, da estética, da higiene, de etnia, do esporte, etc. Normalmente, o objetivo da mídia é garantir a atenção de nosso olhar e fazer com que cada pessoa leia tudo que se pode ler no traço corporal.

Normalmente, a beleza, a juventude e o sucesso profissional são traços marcantes na mídia. Nesse sentido, o corpo pode ganhar espaço para diferentes significados e pode se tornar alvo do desejo voraz de quem acredita que o corpo ideal, ditado pela exigência atual, pode ser uma das mais importantes vias de acesso à realização pessoal. Sem a intenção de discutir a importância de determinados procedimentos cirúrgicos, por exemplo, lança-se o olhar para o grau de necessidade e importância com que alguns procedimentos são vistos pelo

ser humano, visto que, como ato quase desesperado, o desejo pela transformação do corpo está acima da capacidade de se importar com as condições em que tais transformações se realizam.

Num espaço social, em que emergem uma multidão de propostas para os mais variados objetivos de um corpo à altura dos padrões contemporâneos, questionar em que medida o ser humano é seduzido pelas tendências ditadas pela mídia supõe analisar elementos importantes. Seguindo essa linha de raciocínio, é possível inclinar-se à ideia da existência de um corpo-objeto, que se torna conseqüentemente alvo de consumo.

Não se torna inoportuno mencionar que se vive em uma sociedade demasiadamente consumista. Bauman (1999, p. 88) explora a ideia de que nossa sociedade molda seus membros, acima de tudo, pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. Todavia, mesmo que em qualquer época o ser humano tenha sido consumidor, a diferença entre os dois estágios parece ser, como diz Bauman, apenas de ênfase e prioridades:

A diferença entre os dois estágios da modernidade é “apenas” de ênfase e prioridades, mas essa mudança de ênfase faz uma enorme diferença em praticamente todos os aspectos da sociedade, da cultura e da vida individual. As diferenças são tão profundas e multiformes que justificam plenamente falar da nossa sociedade como sendo de um tipo distinto e separado – uma sociedade de consumo. (1999, p. 88).

Nessa perspectiva, Bauman (1999, p. 88) ainda chama a atenção para uma questão que parece ser emergente nos dias atuais, ao lembrar: o homem ainda é capaz de distinguir se consome para viver ou se vive para consumir? Evidentemente, não se questiona o consumo às necessidades básicas de sobrevivência, mas o fato de, muitas vezes, sermos levados a um consumismo desnecessário e extremo, até mesmo em relação à própria condição financeira.

Nesse cenário, a mídia é peça fundamental. Ao visitar com facilidade e rapidez os espaços que a tecnologia proporciona, informações advindas de todos os cantos do mundo: da TV convencional, por cabo ou via satélite; do rádio, do jornal e/ou da internet, é possível perceber que barreiras parecem não existir mais, cuja distância de um lado do planeta ao outro, diminui consideravelmente ou, como diz Bauman (1999, p. 85), se anula, pois “o espaço deixou de ser um obstáculo - basta uma fração de segundo para conquistá-lo”.

Segundo Kellner (2001, p. 9), “há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana”, ou seja, todos somos afetados por ela, visto que domina o tempo de lazer, molda opiniões políticas, comportamentos sociais e fornece material para que as pessoas forjem sua identidade. No espaço da mídia não faltam, portanto, modelos de corpos que influenciam profundamente muitos aspectos da vida

cotidiana, ao utilizar instrumentos que seduzam o ser humano e o levem a identificar-se com determinados corpos.

De acordo com as últimas tendências do mercado, é possível escolher várias receitas para um corpo que satisfaça todas as necessidades do mercado de consumo. No mercado da moda, roupas, sapatos e acessórios ganham destaques em passarelas e ditam não apenas as tendências mundiais em relação aos adornos que enfeitam o corpo, mas aos padrões de beleza feminina. O fato é que o mercado do consumo e da mídia vive à procura de necessidades que ainda nem foram percebidas por nós, e essa relação parece ser irresistível.

A cultura de consumo oferece um deslumbrante conjunto de bens e serviços que induzem os indivíduos a participar de um sistema de gratificação comercial. A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. (KELLNER, 2001, p. 11).

Interessada em buscar cada vez mais adeptos que se identifiquem com seus anúncios, a mídia contribui para contornar as tendências no contexto sociopolítico, visto sua característica imediata e onipresente na contemporaneidade. Nessa perspectiva, abordar o corpo na mídia, ou pensar os processos na corporeidade, na relação entre corpo, mídia e consumo, pode abrir um leque de questões, especialmente na Educação Física.

Segundo Kemp (2005, p. 27), somos seres dependentes da participação em uma coletividade e, como tais, precisamos ver e atribuir a tudo algum significado. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, na maior parte das vezes, preocupamo-nos com um modelo de corpo que nos classifique de acordo com determinado padrão e, inevitavelmente, acabamos classificando outras pessoas, de acordo com critérios aprendidos na própria cultura, mas também desencadeados pela mídia. Como lembra Kellner (2001, p. 90), a cultura da mídia fornece o material para que muitas pessoas construam o seu senso de classe, de etnia e raça; de nacionalidade; de sexualidade, assim como de “nós” e “eles”. Dessa forma, é capaz de ajudar a modelar visões que prevalecem no mundo e valores extremamente profundos, como definir o que é bom ou mau, positivo ou negativo.

Sob essa ótica, o universo da criança e dos adolescentes é repleto de curiosidades e, nesse universo, a mídia procura um espaço significativo por meio de anúncios e imagens de toda ordem, sejam privilegiando meios visuais, auditivos, sejam ainda ambos. Nesse contexto, ganham destaque pela mídia os produtos nas linhas da alimentação, vestuário e acessórios, os quais contribuem para a formação do adulto consumista. Além disso, muitas imagens expostas pela mídia acabam mexendo com emoções e ideias de quem é mais vulnerável a uma realidade extremamente complexa, como, por exemplo, as imagens voltadas

para o adulto bem-sucedido economicamente; para o adulto jovem, que faz sucesso como ator ou atriz, cantor ou cantora, e os modelos de corpos estampados nas revistas de moda, saúde e esporte.

Ao ser uma forma de cultura comercial e industrial, a mídia pode trazer aspectos positivos e/ou negativos na vida social, influenciando, de maneira significativa, o modo como as pessoas pensam e se comportam, assim como o comportamento das crianças na escola, espaço cujo significado do corpo pode mais facilmente ser manipulado pelos meios de comunicação.

Como aponta Vaz et al (2002, p. 87), em um momento em que a publicidade e a informação se confundem, as técnicas corporais atingem um enorme *status* relacionado, simultaneamente, ao consumo, ao saber e à felicidade. É nesse contexto que a escola, como espaço em que o conhecimento pode adquirir algum sentido, não somente nos aspectos cognitivos, mas muito em função da complexidade existente no processo socioafetivo e cultural, pode contribuir para o ensino e a reprodução de grande parte das práticas e dos cuidados com o corpo como, forma de desenvolver um conhecimento ajustado sobre si mesmo.

2.2.4 Implicações pedagógicas e éticas no trabalho docente com o corpo do outro

Não se pode pensar o ensino dos elementos da cultura corporal e a formação de professores sem considerar o amplo contexto no qual se colocam o corpo e as práticas corporais. (VAZ et al., 2002, p. 86). Também não é possível pensar nas práticas corporais sem levar em conta a opinião dos alunos sobre as aulas de Educação Física.

Muitas vezes alguns alunos declaram nas escolas que gostam mais é das aulas de Educação Física; no entanto, quando interrogados sobre a importância das disciplinas, a Educação Física nem sempre está no topo das mais importantes. Como afirma Lovisollo (1997, p. 44), o que os alunos apreciam na escola são os momentos de sociabilidade com professores e alunos, quer nas atividades que implicam movimento corporal, quer no plano do diálogo. Nesse sentido, o professor de Educação Física pode apresentar algumas vantagens, pois seu trabalho docente pode mobilizar intensamente vários aspectos do comportamento humano, por meio de diferentes práticas corporais.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 24), a Educação Física mobiliza aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade, fazendo com que o professor

tenha um conhecimento mais abrangente de seus alunos. Tendo em vista a importância da atividade corporal, da ginástica e dos esportes na escola, cabe ao professor de Educação Física refletir sobre a contribuição de sua prática na formação dos alunos e, a partir disso, tomar atitudes que oportunizem o desenvolvimento das potencialidades biológicas, psicológicas, sociais, emocionais e culturais do aluno. O professor, sendo um oportunizador e facilitador em situações educativas, pode criar condições favoráveis para o desenvolvimento e a aplicação de práticas corporais e cuidados com o corpo, cuja tarefa, conforme apontam Vaz et al. (2002, p. 93), deve ser exercitada ainda no período de formação universitária.

A possibilidade de oferecer um grande conjunto de práticas com o corpo caracteriza a Educação Física como espaço privilegiado de situações de socialização por intermédio do esporte, do jogo, da dança, da ginástica ou de qualquer outro elemento que possa expressar a riqueza existente no movimento humano. Para Santin (1987, p. 34), o movimento humano pode ser compreendido como uma linguagem, como uma capacidade expressiva, em que o homem se expressa por seus movimentos, gestos e posturas, pois o corpo é fala e expressão, e cada um se expressa no seu olhar, na sua face, no seu andar, cujo movimento será pleno de sentido e sempre intencional.

Quanto ao aspecto intencional, Santin (1987, p. 36), de maneira clara e objetiva chama a atenção para alguns componentes intencionais internos, que são constituídos por significados e sentidos que acompanham os movimentos, e dois deles, acredita-se que mereçam atenção especial dos professores de Educação Física: o prazer e a competitividade.

O prazer entende o movimento feito e assumido como fruição de valores estéticos, éticos e afetivos. O movimento é vivido como satisfação, como prazer. Nos movimentos de expressão corporal, de dança ou arte, podemos perceber a idéia do que é o movimento como prazer. (SANTIN, 1987, p. 36).

Na escola, em muitas circunstâncias, é possível observar por meio dos movimentos dos alunos, elementos-chave que fazem parte de sua história de vida. Quando o professor percebe que o aluno consegue se desvencilhar de algumas amarras que qualquer experiência possa lhe ter trazido, é possível que tenha a certeza de que, naquele momento em que o movimento se torna mais leve e o aluno mais feliz, a prática corporal, quem sabe, tenha sido incorporada na totalidade do aluno.

Isso faz lembrar Merleau-Ponty (1999, p. 193) quando diz que “um movimento é aprendido quando o corpo o compreendeu, quer dizer, quando ele o incorporou ao seu mundo”. Sob essa ótica, o prazer nas aulas de Educação Física, quando verdadeiramente incorporado ao movimento, pode se constituir na chave-mestra para a realização de um ensino de qualidade e, conseqüentemente, para a identidade da Educação Física.

É fundamental chamar a atenção também para o componente interno da competitividade, não como forma de competição numa demonstração de superioridade em relação ao outro, mas como uma possibilidade ou como Santin coloca,

[...] como um exercício de superação de resistência, pois ele se coloca como uma busca de equilíbrio, de harmonia, de beleza. [...] O movimento parece ser sempre um esforço para o encontro, para a aproximação buscando superar distâncias, obstáculos, sejam físicos ou psíquicos. (1987, p. 36).

Ainda que um dos objetivos do professor de Educação Física possa ser vislumbrar esse componente interno no aluno, seu desenvolvimento é mais difícil de ser observado, pois fatores como idade e experiência de vida do aluno podem limitar esse tipo de competitividade. No entanto, acredita-se que o professor, ao conhecer essa possibilidade e ao procurar manter o seu próprio equilíbrio pelo autoconhecimento, possa intervir de maneira mais efetiva durante as situações de ensino, visto que compreende melhor o aluno, seu desenvolvimento interno e os fatores externos que se articulam com a maneira de ser de cada aluno.

Na trajetória da vida escolar e das práticas corporais na Educação Física, a competitividade interna parece prevalecer como elemento essencial atribuída ao professor, pois quem se conhece melhor é capaz também de compreender, dialogar e conhecer melhor o outro. No entanto, cabe ao professor encontrar os meios que desencadeiem no aluno a vontade, a satisfação e o prazer pelas práticas corporais, componentes internos indispensáveis ao aluno.

Como disciplina que oportuniza a socialização e o ensino e/ou o desenvolvimento de valores, a Educação Física escolar deve oferecer elementos para que o aluno futuramente procure descobrir no movimento o encontro consigo mesmo. Uma das práticas mais populares na escola, e que fundamenta a prática da Educação Física, sem dúvida, são os jogos que, como parte da cultura humana, se caracterizam pelo desenvolvimento do respeito, da capacidade de justiça (e de injustiça), pelo trabalho em equipe, pela valorização da solidariedade e da dignidade. (PCNS, 1997, p. 30). Entretanto, muitas aulas de Educação Física ainda parecem apresentar um caráter excessivo em relação à prática esportiva, fazendo com que a Educação Física escolar seja vista como um instrumento para os fins do esporte.

Muitas questões que emergem dos relacionamentos dos homens, entre as atividades, podem surgir durante a prática de esportes na escola, dentre as quais, o professor precisa estar atento para intervir durante os conflitos que possam surgir e, ao mesmo tempo, encontrar a melhor forma de abordagem para conduzir os alunos às reflexões sobre o corpo no esporte, pois sua dinâmica faz aparecer a relação contraditória entre os valores que orientam nossas condutas, tornando-se, assim, um importante espaço para reflexão ética.

Mergulhada em um campo extremamente fecundado pela supervalorização do corpo, a Educação Física pode auxiliar na reflexão quanto às questões de natureza política, filosófica, social e pedagógica que abrangem o trabalho docente com o corpo, cuja responsabilidade do professor inclui o investimento em novas práticas de ensino e no cuidado quanto às questões referentes às implicações pedagógicas e éticas no trabalho com o corpo do outro.

Nesse sentido, algumas considerações sobre as implicações pedagógicas durante as práticas corporais precisam ser salientadas. Nos ambientes educacionais existem muitas práticas que contribuem para o desenvolvimento biopsicossocial do aluno e que, paralelamente, servem de elementos para pesquisas que objetivem a adequação das propostas pedagógicas à realidade do aluno, seja no plano biológico e físico, seja em relação aos aspectos afetivos e sociais.

Isso implica o conhecimento do professor de Educação Física sobre a realidade em que vai atuar, em que condições físicas e estruturais e, especialmente, conhecer o público-alvo, a quem o trabalho será destinado. Nesse contexto, é fundamental conhecer as principais dificuldades, as limitações e as possibilidades físicas e psicológicas da faixa etária trabalhada; as tendências; as motivações, e o que é capaz de prender sua atenção, tendo em vista a complexidade existente na constituição desse conjunto, bem como a dificuldade de enxergar tantas variáveis.

Merleau-Ponty (1999, p. 107) aponta que “se deve haver aqui um objeto absoluto, é preciso que ele seja uma infinidade de perspectivas diferentes contraídas em uma coexistência rigorosa, e que seja dado como que por uma só visão com mil olhares”. Mesmo que seja difícil obter de qualquer professor uma visão tão aprofundada, é importante, como lembra Gonçalves (2004, p. 77), que o professor de Educação Física tenha essa visão do homem como subjetividade e a compreensão de que as ações motoras têm um sentido subjetivo que está enraizado na história de cada um.

O corpo tem ossos, músculos, sangue, órgãos internos e, talvez também, algumas disfunções que se desenvolvem secretamente em seu interior. O fato é que, mesmo sem poder visualizar, sabe-se que está tudo lá, pois a estrutura do corpo humano é conhecida, ou seja, conhece-se o que há em seu interior e esse olhar não difere de um ser humano para outro, visto que o corpo humano tem a mesma funcionalidade biológica.

Todavia, o olhar pedagógico sobre o corpo humano implica reconhecer que esse corpo se modifica constantemente aos olhos de quem o vê e, mesmo que esse olhar percorra o corpo sob diferentes ângulos e possíveis perspectivas, dificilmente poderá extrair efetivamente os significados e sentimentos, ou seja, a história que esse corpo pode contar e

que, se fosse plenamente apreendida pelo olhar pedagógico, corresponderia, talvez, a mil olhares.

Nesse âmbito, as implicações pedagógicas quanto à interação do aluno com a aprendizagem, em situações de aula, e a maneira como essa aprendizagem contribui na sua interação com as práticas corporais oferecem alguns fatores para reflexão. Dentre eles, como exposto nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 37), há os riscos de segurança física, inerentes ao próprio ato de se movimentar, como: falta de equilíbrio, escorregões, pequenas tombadas, quedas e impacto com bolas; o grau de excitação somática que o próprio movimento produz no corpo durante as atividades, como elevação de batimentos cardíacos e do tônus muscular; a expectativa de prazer e satisfação; os gritos e as comemorações, que podem gerar os mais variados sentimentos; as características individuais e vivências anteriores do aluno, ao se deparar com formas de compreender e relacionar-se com o próprio corpo, com o espaço, com os objetos e com os outros, e a própria exposição num contexto social.

Para minimizar possíveis implicações em situações inusitadas, as situações de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física devem auxiliar o aluno durante qualquer tipo de situação que possa gerar sentimentos de insatisfação ou fracasso perante si mesmo e aos olhares alheios, quando um olhar desatento do professor, ao invés de contribuir para o desenvolvimento de uma visão positiva em relação às práticas corporais, acaba transformando essa experiência em uma frustrante recordação das aulas de Educação Física.

Todavia, concomitantemente ao desenvolvimento de características físicas, considera-se primordial a atenção dos professores para o desenvolvimento dos movimentos dos alunos, de acordo com seu próprio ritmo e de acordo com as características pessoais que constituem sua personalidade, fundamentais, para a constituição do estilo de movimento que cada pessoa apresenta durante as práticas corporais e que se transforma constantemente. Em relação à parte fisiológica, o movimento dá forma ao corpo e, quando construímos um movimento, uma ação psicomotora, o gesto é produzido ao transportar a tensão de um músculo para o outro, passando por articulações, pela movimentação dos ossos e informando, por meio da pele, as mudanças na sua forma. (KATZ, 2005, p. 115). Quanto à expressividade, Santin lembra que os movimentos da Educação Física devem ser gestos criativos.

E cada um tem seu gesto original, próprio, pessoal. Cada um tem seu timbre de voz, seu sotaque, seu modo de falar. Assim também tem sua originalidade de movimento, de caminhar e de expressão gestual. Tem-se, portanto, na Educação Física, realmente educação, educação humana e não apenas treinamento físico. (1987, p. 26).

Respeitadas essas particularidades, oportuniza-se aos alunos a possibilidade de conhecerem melhor seu corpo. Cada um pode enxergar seu corpo em diferentes ângulos; ângulos tais que nenhum outro ser humano poderá enxergar, simplesmente porque habita-se um corpo, da mesma forma como nunca enxergaremos nosso corpo como enxergam os olhos de quem o vê.

Cabe, aqui, recordar novamente Merleau-Ponty (1999, p. 108): “Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo”, pois o corpo é o meio de comunicação com o mundo, ou seja, de toda nossa experiência com ele. (p.136). Sendo assim, é preciso considerar as implicações éticas que o trabalho docente com o corpo do outro pode gerar.

Como já discutido no capítulo 1, independentemente das diferentes correntes de pensamento ético-filosófico, é à luz da ética que é possível avaliar o agir humano, sem que seja reduzida a uma questão meramente subjetiva, mas na relação com o outro, na relação social. (KUIAVA, 2006, p. 35). Segundo Jares (2008, p. 15), toda relação humana pressupõe determinados valores, formas de organização, sistemas de relação, normas para enfrentar conflitos, modos de expressar os sentimentos, expectativas sociais e educativas, maneiras de exercer o cuidado, ou seja, as relações humanas implicam determinado modelo de convivência, visto que, sem isso, não há possibilidade de conviver com os outros.

Igualmente, pode-se falar que todo trabalho pedagógico apresenta em seu âmbito a mesma obrigatoriedade em obedecer a alguns elementos determinantes em sua prática, como projetos institucionais, tradições metodológicas, condições estruturais e físicas além, certamente, da própria condição de professor, aliás, como elemento-chave na organização de efetivas práticas de ensino.

Nesse caso, professores podem ser comparados a auxiliares do ramo da administração, tendo em vista que acabam executando planos administrativos que, muitas vezes, descaracterizam seus métodos de ensino e acabam usurpando do professor a vontade de tentar avaliar criticamente sua prática. Como aponta Jares (2008, p.141), há anos vem sendo denunciada uma progressiva tentação de burocratização e desqualificação da função docente, o que, mediante contínuos conflitos nas atividades docentes, não deixa de ser uma forma de violência contra essa profissão.

Entretanto, analisar as implicações éticas no trabalho docente, especialmente, em relação ao corpo do outro, precisa de alguns cuidados. Primeiramente, toma-se como base a questão do respeito pelo outro, como condição indispensável para o trabalho docente com o corpo. Como afirma Jares (2008, p. 31), o respeito é uma qualidade básica e imprescindível

que contém implícita a ideia de dignidade humana e supõe a reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa. O professor de Educação Física precisa respeitar os limites físicos e psicológicos do aluno, suas limitações e suas necessidades mais acentuadas, além de outros fatores que emergem do contexto social como de gênero, a diversidade cultural, a linguagem, a etnia, entre outros.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069/1990, art.17), o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo dessa forma a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, das ideias e crenças. Todavia, em um mundo onde se fundamentam sonhos e fantasias, o professor de Educação Física deve permanecer em estado de alerta quanto às representações e a imagem que o aluno pode atribuir ao professor.

Geralmente, a criança não tem noção das conseqüências, mas o adulto tem a capacidade de prever suas ações e também suas conseqüências. O fato de as aulas de Educação Física mobilizarem aspectos éticos e de sexualidade exige cautela durante a prática de ensino, pois o aluno, envolto em ideias e fantasias, como já exposto anteriormente ao falar da mídia, pode encontrar, no professor ou na professora, a figura de pai, mãe, irmão, ou qualquer outra representação afetiva que, se não for bem-conduzida, poderá ocasionar transtornos para ambos, o que não significa apenas uma questão de respeito em situações de ensino, mas de responsabilidade e de cuidado.

Segundo Gardner (2009, p. 187), “acima de todas as demais responsabilidades, os professores listam em primeiro a sua responsabilidade para com os alunos”. Acredita-se que alguns fatores ajudam a explicar o porquê dessa atribuição. Dependendo da faixa etária da criança, em muitos casos é possível perceber que o professor é uma das pessoas que mais passa seu tempo com o aluno e, por isso, tem a oportunidade de conhecê-lo melhor. Em um mundo repleto de modelos, sabe-se que, atualmente, os professores não listam em primeiro lugar como modelos profissionais para os alunos, devido a vários fatores.

No entanto, como lembra Gardner (2009,p. 187), além do considerável tempo que os professores devotam ao ensino, eles também agem como modelos exemplares e como mentores desses alunos. Embora a maioria dos professores se dê conta de que não está simplesmente ensinando as disciplinas a que se propõe, nem sempre se sentem à vontade com o fato de ter responsabilidades adicionais; como exemplo, o fato de muitas vezes surgir a necessidade de preencher o papel dos pais.

À medida que as famílias se tornam cada vez mais fragmentadas, cresce em importância a consistência do relacionamento professor-aluno. Os professores fazem

mais do que satisfazer as necessidades dos seus alunos; eles se interessam e se preocupam profundamente pelos alunos. (GARDNER, 2009, p. 188).

Com efeito, a escola, como grande âmbito de socialização, e o professor, como grande mediador e facilitador nesse processo, deixam vestígios na vida do aluno, contribuindo para valores e atitudes que essas crianças e jovens terão futuramente. Nesse cenário, o trabalho do professor de Educação Física torna-se fundamental, pois tem a possibilidade de vincular o movimento humano ao desenvolvimento de qualidades pessoais, ao encontrar sentido ético-social durante a prática de ensino.

De acordo com Gonçalves (2004, p. 92), “na relação diante do mundo e do outro está o fundamento da atitude ética”, pois envolve um momento de reconhecimento do ser peculiar do outro. Contudo, preocupar-se com as reais condições de aprendizagem do aluno e com o seu próprio conhecimento, exige do professor um olhar extremamente crítico e consciente sobre o que Aristóteles já enfatizava ao dizer que “o aprendizado requer esforço”. (ARISTÓTELES, 1985, IV, 1339b, p. 274).

Como assinala Bauman (1999, p.11), ao se dizer que questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida provavelmente seja o serviço mais urgente a prestar aos outros e a nós mesmos, é seguramente afirmar que questionar as premissas do trabalho com o corpo do outro é o trabalho mais urgente que um professor de Educação Física pode prestar ao seu aluno.

3 UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO ÉTICA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos, as decisões e estratégias adequadas para examinar o estudo, tendo como referência o problema, os referenciais teóricos apresentados e uma experiência de formação ética em um curso de Educação Física. Nesse caso específico trata-se de escolher um projeto pedagógico do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

O ser humano é um ser que se empenha numa busca infindável pelo conhecimento acerca de si e dos fenômenos que o envolvem e, para isso, mantém um esforço investigativo aprofundado em pesquisas nas ciências humanas e sociais, e as direcionadas para a educação possuem um número bastante considerável de pesquisadores.

Nesse sentido, considerando a importância de uma pesquisa, é necessário relatar a opinião de Lüdke e André sobre a pesquisa em educação:

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral, isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (1986, p. 1-2).

De maneira a apresentar o percurso metodológico que se pretende empregar neste estudo, toma-se como base o referencial teórico sobre as abordagens qualitativas e os estudos descritivos. Bauer e Gaskell (2002, p. 23) lembram que a pesquisa qualitativa se caracteriza por evitar números e lidar com interpretações das realidades sociais, nas quais o protótipo mais conhecido provavelmente é a entrevista.

Segundo Trivinos (1987, p. 130), o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa, pois uma das grandes postulações desta pesquisa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas.

Na pesquisa qualitativa, de acordo com Lüdke e André (1986, p.12), “há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”, o que permite iluminar o dinamismo interno das situações. Além disso, é rica em dados descritivos, apresenta um plano aberto e flexível focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.18).

Para a presente pesquisa, procuraram-se referenciais teórico-históricos e filosóficos que abrangessem os elementos da ética, vinculados especialmente à formação de professores. Num

segundo momento, pela revisão da literatura voltada para as concepções de corpo ao longo da história da Educação Física, procurou-se estabelecer a relação entre ética, corpo e educação. Dessa forma, ao considerar os referenciais teóricos expostos e os objetivos do estudo, constatou-se que esse estudo se caracteriza como um estudo qualitativo de natureza descritiva.

3.2 A ESCOLHA PELA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Um dos fatores para a escolha da Universidade de Caxias do Sul para a realização desta pesquisa deve-se ao contato direto da pesquisadora com atividades desenvolvidas por essa Instituição na área da Educação Física, especificamente na coordenação da Academia-Escola da Universidade, vinculada ao curso de Licenciatura e ao curso de Bacharelado em Educação Física, o que possibilita o relacionamento da pesquisadora com professores e estudantes.

Mediante a constante aproximação com os protagonistas do meio acadêmico, é possível vivenciarem-se situações com os estudantes nas quais, muitas vezes constata-se uma visão ainda muito frágil sobre os pressupostos que fundamentam a profissão, mesmo estando muitos deles em processo final de formação acadêmica. Essa constatação se dá por meio da observação de algumas atitudes e posicionamentos dos estudantes quanto às questões referentes à ética e ao corpo.

A formação docente se caracteriza por um processo de ampla preparação científica, pedagógica, ética, política e técnica, no qual estudantes e professores interagem e aproveitam melhor o conhecimento, de modo a viabilizar seu aprimoramento. Entende-se que encontrar correspondência com esse conhecimento na realidade vivenciada no contexto educacional é imprescindível para uma Educação Física com qualidade, tendo em vista a observação de que a excessiva preocupação com o conhecimento técnico reduz a atenção dos estudantes quanto às questões pertinentes aos princípios éticos na prática docente. Nesse sentido, buscou-se fundamentação teórica quanto aos objetivos propostos pelo curso Licenciatura em Educação Física, que viessem ao encontro de perspectivas voltadas para uma educação preocupada com os valores humanos.

De acordo com o *Projeto Pedagógico UCS Licenciatura Formação Comum (PPUCS)*, (2004, p. 8), a licenciatura assume caráter de formação pessoal/profissional do estudante e a concomitante instrumentalização deste para a formação básica de seus futuros alunos, assumindo, assim, um caráter de dupla formação. Nesse sentido, além da constante busca em oportunizar aos futuros professores acesso a conhecimentos produzidos e

acumulados ao longo da História, professores universitários se tornam responsáveis pela reelaboração desse conhecimento, mediante discussões, reflexões e debates de forma crítica e de acordo com a realidade, indispensáveis para a formação pessoal e profissional.

Segundo o *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul*,

as demandas educacionais apresentadas pela sociedade contemporânea impõem uma nova compreensão do conhecimento, não mais restrito às ciências exatas, mas abrangendo a dinâmica das múltiplas possibilidades que decorrem do agir humano em seu universo de relações, e envolvendo as dimensões filosófica, técnica, ética e estética, que vão além do mero agir científico. (PPLEF, 2007, p.12).

Sabe-se que, por muito tempo, a Educação Física reduziu sua prática a objetivos reducionistas voltados para o desenvolvimento da aptidão física e de habilidades motoras. Nesse sentido, mesmo que tenha se deixado contaminar pela concepção mecanicista/funcionalista, caracterizada pelo dualismo corpo/mente, matéria/espírito, é preciso buscar estratégias para a superação da fragmentação e do dualismo.

Isso significa que a Educação Física precisa alicerçar-se em uma educação voltada para os valores humanos e resgatar o sentido do corpo e do movimento na educação, pois como aponta o *PPLEF* (2007, p. 13), o corpo é reconhecido como o próprio homem, em uma construção constante, no qual quanto mais se interage e se solidariza com o outro, mais se aproxima de sua própria identidade.

Um dos objetivos expostos pelo *PPLEF* (2007, p.15) é a formação de professores “orientados por valores éticos e sociais, próprios de uma sociedade plural e democrática, para analisar a realidade social e nela atuar como agente de transformação no âmbito da cultura do movimento humano”.

Nesse sentido, supõe-se que os professores responsáveis pelas disciplinas teóricas e práticas do curso Licenciatura em Educação Física contemplem em sua ação docente uma intervenção fundamentada nas dimensões política e técnica, mas especialmente, articuladas pela dimensão ética.

Todavia, em se tratando de formação de professores, após verificar alguns objetivos teóricos expostos no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física, constata-se que é imprescindível buscar informações que venham ao encontro dos objetivos propostos para o estudo.

Para isso, de modo a descobrir como o curso Licenciatura em Educação Física contribui para a formação da atitude ética, torna-se necessário verificar a percepção dos estudantes nesse sentido e a participação e o direcionamento das ações dos professores

universitários, pois cabe lembrar que pensar ética e politicamente a formação de professores requer que se considere, em primeiro lugar, os protagonistas do fazer educativo e as relações produzidas nesse processo.

3.2.1 Características do curso Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul.

Situada na Região Nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul é uma instituição de caráter comunitário-regional, mantida pela Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade sem fins lucrativos, cujo resultado do trabalho é totalmente reinvestido na qualificação dos serviços prestados à comunidade.

Tendo como objetivo qualificar e titular profissionais para o desempenho da função de professores de Educação Física escolar, o curso Licenciatura em Educação Física iniciou suas atividades em 27/12/1976, na Universidade de Caxias do Sul, com a oferta da Licenciatura Plena em Educação Física. A implantação do curso justificou-se pela carência de profissionais que pudessem atender às disciplinas curriculares nas escolas públicas e privadas do Município de Caxias do Sul.

Com o crescimento da demanda por profissionais especializados que pudessem suprir as necessidades do mercado extraescolar, em 2002, foi criado o curso Bacharelado em Educação Física. Segundo o *Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física (PPLEF)* (2007, p. 6), com a implantação do curso Bacharelado em Educação Física, o projeto da licenciatura precisou ser reformulado, direcionando seu foco de atenção para a formação do professor de Educação Física na educação básica. Dessa forma, a formação do licenciado em Educação Física precisou:

Orientar-se para a construção de um perfil que leve em consideração os elementos fundamentais, em nível pessoal e profissional, necessários ao pleno exercício da docência no componente curricular Educação Física em todas as etapas e modalidades da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). (PPLEF, 2007, p. 16).

Para oportunizar ao licenciado o direcionamento de estudos de seu interesse, assim como ações no sentido de contribuir para sua formação profissional, além de 200 horas complementares a serem cumpridas juntamente com 2.700 horas-aula previstas na carga horária, o curso ainda prevê 120 horas em disciplinas com caráter eletivo.

Nesse contexto, estão inseridas também as disciplinas de estágio. O curso compreende o estágio supervisionado,

como um momento essencial e privilegiado do processo de formação, que oportuniza ao licenciado o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para o seu desempenho profissional e a construção de uma identidade profissional docente, que corresponda às exigências e demandas da sociedade contemporânea. (PPLEF, 2007, p. 27).

Assim, o Estágio Supervisionado é de suma importância na formação do futuro professor, pois o contato direto com o cotidiano escolar proporciona a articulação entre teoria e prática, de modo a superar a ênfase na racionalidade técnica, tradicionalmente presente nos cursos de licenciatura, que reduzem o estágio a uma atividade prática que acontece no final do curso.

Embora a inserção do estudante na realidade escolar possa não garantir a aquisição das competências necessárias à profissão docente, é no estágio supervisionado que, mediante experiências concretas oportunizadas pelo efetivo exercício da docência, o estudante terá condições de refletir, analisar e compreender sua ação na medida em que, ao identificar problemas e, subsidiando-se da teoria, poderá buscar alternativas para o enfrentamento da situação.

Quanto à concepção metodológica adotada pelo curso, de acordo com o PPLEF (2007, p. 22), a perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem busca o desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social e a afirmação de valores e de princípios democráticos. Tendo em vista a superação do modelo conservador e fragmentado de transmissão da informação, o curso promove uma relação aberta, em que o conhecimento é construído pela interação entre professores e estudantes, numa ação pedagógica embasada na atitude de parceria e de corresponsabilidade entre ambos.

Em relação ao processo de avaliação, o curso busca uma avaliação processual, formativa e contínua, entendida como o conjunto das ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem, de modo que possa adequar sua ação pedagógica às necessidades dos alunos. A avaliação é compreendida como estratégia de ensino e de promoção de aprendizagem e está intimamente ligada ao professor responsável pela disciplina, visto que como um momento privilegiado de pesquisa e investigação, possibilita ao professor refletir sobre sua ação docente e seu papel político na educação.

3.2.2 Os participantes do estudo

Os focos de análise para o presente estudo foram estudantes e professores do curso Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul. De modo a

homogeneizar o grupo a ser estudado, de acordo com o conhecimento que possam ter acerca das questões pesquisadas, alguns critérios precisaram ser adotados.

A seleção de estudantes matriculados na disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, no Ensino Fundamental e Médio, pareceu a escolha mais adequada, pois, de acordo com o *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física* (2007, p. 29), a prática pedagógica é uma fonte capaz de gerar, no futuro professor, uma postura reflexiva e investigativa sobre a realidade na qual ocorrem os processos educativos.

Por esse motivo, considerou-se fundamental a participação de estudantes que estivessem inseridos no cotidiano escolar, tendo em vista que o conhecimento e as experiências até então vividas, durante a vida acadêmica, podem servir de fonte riquíssima para o presente estudo.

Como lembram Vaz et al. (2002, p.17), ao antecipar a relação com a escola, o curso pode oferecer as condições necessárias para o ensino e a aprendizagem de conhecimentos, pois espera-se que, nessa fase, os estudantes possam compreender melhor a realidade a partir das suas relações, da identificação das dificuldades, da identificação dos alunos, enfim, de analisar essa prática e criar formas de modificá-la.

Os estudantes foram selecionados com base nos seguintes critérios:

- 1) Estudantes matriculados na disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, no Ensino Fundamental e Médio;
- 2) Estudantes do último semestre do curso.

Para a seleção dos professores, seguiram-se os seguintes critérios:

- 1) Formação em Educação Física (Licenciatura Plena, Licenciatura ou Bacharelado);
- 2) Mestrado na área da Educação Física (Educação Física, Ciências do Movimento Humano, Ciências e Jogos Desportivos);
- 3) Mínimo de experiência de cinco anos de docência no curso Licenciatura em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul.

Foram realizadas entrevistas com 22 participantes, que se disponibilizaram a contribuir para o estudo. O roteiro semiestruturado foi dividido em dois grandes blocos: informações sobre ética e informações sobre corpo. Todavia, também foram coletadas algumas informações gerais sobre os participantes, conforme o quadro a seguir:

Público-alvo	Gênero	Nº Participantes	Faixa etária	Tempo no curso (anos)
Estudantes	Homens	9	24 a 29	5 a 7
	Mulheres	4	23 a 26	5 a 6
Professores	Homens	5	38 a 62	5 a 30
	Mulheres	4	43 a 52	5 a 25
Total		22	*43	*17,5

Quadro 1: Dados dos participantes

*Média

Para o sigilo das informações, optou-se pela utilização de pseudônimos, de E1 a E13 para os estudantes e, de P1 a P9 para os professores. Nos Anexos G e H, apresenta-se uma entrevista realizada com um dos estudantes e com um dos professores, respectivamente.

3.3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O detalhamento metodológico teve por objetivo orientar a pesquisa, as etapas de desenvolvimento, o processo de seleção dos participantes, os procedimentos e o instrumental de coleta e análise de dados. Primeiramente, a fim de proporcionar elementos que permitissem responder aos objetivos do estudo, elaborou-se um quadro teórico em que se ficou centrado nos conceitos dos temas centrais da pesquisa.

Tendo em vista que todo estudo que pretende abranger o fenômeno educativo necessita do amparo filosófico, a revisão da literatura relacionada à ética e às atitudes éticas do ser humano foi, preferencialmente, referenciada pelas ideias de Aristóteles na obra intitulada *Ética a Nicômacos*. Com o intuito de orientar o desenvolvimento do tema corpo, numa perspectiva da totalidade humana, tomaram-se como base as ideias de Merleau-Ponty expostas na obra *Fenomenologia da percepção*.

Após composto o quadro teórico acerca da dimensão da ética e de corpo, concomitante à contextualização com o tema proposto e a articulação com a realidade contemporânea, a pesquisadora iniciou a definição dos instrumentos para a coleta das informações.

3.4 DEFINIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÃO

3.4.1 Entrevista

A entrevista representa uma técnica de trabalho fundamental para este estudo, devido ao tipo de interação que proporciona. Considerando que o objetivo proposto foi investigar como o curso de licenciatura contribui para a formação da atitude ética de seus estudantes, acredita-se que a entrevista se constituiu em importante instrumento para subsidiar a análise das informações, pois por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa, que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (DESLANDES, 2002, p. 57). Lüdke e André, sobre essa questão, apontam:

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas [...] o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986 p. 33-34).

Concorda-se com os autores quando mencionam que “ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). A entrevista pessoal garante resultados mais confiáveis, pois fornece os dados básicos para o desenvolvimento das relações entre os atores sociais e sua situação, quando o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, das atitudes, dos valores e das motivações em relação ao comportamento das pessoas em um determinado contexto. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 65). A entrevista semiestruturada é a mais indicada para este estudo. Segundo Triviños, a entrevista semiestruturada,

ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas. (TRIVINÓS, 1987, p.146).

De modo geral, a entrevista semiestruturada permite ao investigador fazer perguntas específicas, de acordo com os objetivos do estudo, mas deixa o entrevistado à vontade para responder com seus próprios termos. Essa interação, mediante a troca de ideias e de significados, permite a exploração e o desenvolvimento de várias realidades e percepções. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 73).

Quanto aos procedimentos adotados para a realização das entrevistas, ao estudo proposto, todos os cuidados quanto ao respeito aos entrevistados foram tomados. Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Caxias do Sul para a realização do estudo, os professores e estudantes do curso Licenciatura em Educação Física,

que concordaram em participar da pesquisa, após contato por telefone, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A realização das entrevistas foi autorizada pelo Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Caxias do Sul e pelo curso Licenciatura em Educação Física. Foram definidos previamente local e horário para a realização das entrevistas, de acordo com a disponibilidade de cada participante, além de assegurados seu anonimato e sigilo quanto às informações. Durante as entrevistas, foi utilizada uma máquina digital marca Casio Exilim modelo EX-Z80A.

3.4.2 Análise textual discursiva

Por ser uma importante ferramenta para a compreensão e construção do significado daquilo que os atores sociais exteriorizam no discurso, propôs-se para este estudo, a análise textual discursiva, cujo termo *discurso*, como apontam Bauer e Gaskell (2002, p. 247), é empregado para se referir a todas as formas de fala, textos e conversações.

Segundo Moraes (2007, p. 113), a análise textual trabalha com textos e amostras de discursos, na qual os materiais submetidos à análise podem ser entrevistas, registros de observações, diálogos, depoimentos, além de outros. A análise envolve identificar e isolar enunciados; categorizar esses enunciados submetidos à análise, e produzir textos, integrando nestes a descrição e interpretação.

[...] a análise textual qualitativa é um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos e dos discursos dentro dos quais foram produzidos. (MORAES, 2007, p. 114).

Nesse sentido, Bauer e Gaskell (2002, p. 266) lembram que “uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso”, ou seja, é uma interpretação na qual o analista do discurso não irá argumentar que sua maneira é a única maneira de ler um texto e dedicará atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado.

Assim, para o presente estudo, foram identificados os enunciados que compuseram as entrevistas, classificando as unidades de análise e dispondo-as em categorias (subconjuntos de um todo maior, caracterizando-se cada uma delas por determinadas características específicas, mas que se integram no todo da pesquisa), pois, como afirma Moraes (2007, p.

116), uma estrutura em categorias auxilia a descrição, a interpretação e compreensão do objeto de pesquisa.

3.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Definir as categorias de análise constitui-se em uma tarefa complexa que exige rigor e atenção daquele que realiza a pesquisa, tendo em vista que essa é a forma pela qual organizam-se os dados para efeito de análise. Nesse processo, após transcritas, as entrevistas foram lidas e relidas concomitantemente a anotações, à identificação das falas e finalmente à análise.

A partir da análise e interpretação das informações, detalhadas no próximo capítulo, foram definidas as categorias de análise, relacionadas ao foco de estudo em analisar: “Como o curso Licenciatura em Educação Física tem contribuído para a formação da atitude ética no trabalho docente com o corpo?”, e aos objetivos propostos. As categorias foram expostas no capítulo 4, referente ao item sobre a organização das informações.

4 A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ASPECTOS ÉTICOS E O CORPO

Nesta fase da dissertação são apresentadas a descrição, a análise e a interpretação das informações, por meio de um processo que, de acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p.170), implica trabalho de redução, organização e interpretação dos dados, iniciada já na fase exploratória e que acompanha toda a investigação. O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão para as informações, cuja análise e interpretação exigem tempo e esforço do pesquisador. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 85).

Nesse sentido, primeiramente foram organizadas as informações contidas nas entrevistas. Posteriormente, de modo a estabelecer relações entre a revisão de literatura e os achados da pesquisa, partiu-se para a discussão e interpretação dos dados.

4.1 ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Para uma melhor compreensão do leitor sobre as informações com as quais se trabalhou neste estudo, é necessário apresentar como os dados foram organizados, de acordo com o instrumento utilizado, e a partir do objetivo do estudo em analisar como estudantes e professores percebem a contribuição do curso Licenciatura em Educação Física na formação da atitude ética no trabalho docente com o corpo.

Tanto para os estudantes quanto para os professores, a pesquisa está estruturada em dois grandes blocos temáticos, estreitamente inter-relacionados, com o objetivo proposto no estudo:

Bloco 1 – Ética: foi introduzido o conceito de ética entre estudantes e professores; quais as atitudes que englobam a ética e quais as estratégias utilizadas pelos professores que mais favorecem as questões de cunho ético. Desses aspectos, destaca-se a capacidade dos professores em contribuir para a formação ética dos estudantes por meio de suas atitudes;

Bloco 2 – Corpo: bloco dedicado a averiguar o conceito de corpo entre estudantes e professores e a obter informações sobre o trabalho docente com o corpo do outro em relação às atitudes tomadas pelos professores universitários.

No quadro 2 apresentam-se os blocos e a totalidade das unidades de significado que configuram a pesquisa:

	ESTUDANTES	PROFESSORES
	<i>Unidades de significado</i>	<i>Unidades de significado</i>
BLOCO 1 ÉTICA	<ul style="list-style-type: none"> - Conceito - concepção de ética - Atitudes que englobam a ética - Princípios éticos vivenciados nas aulas 	<ul style="list-style-type: none"> - Conceito - concepção de ética - Atitudes que englobam a ética do professor - Metodologia - problematização das questões éticas
BLOCO 2 CORPO	<ul style="list-style-type: none"> - Conceito - concepção de corpo - Princípios - Percepção de atitudes éticas no trabalho docente com o corpo - Percepção da influência dos professores 	<ul style="list-style-type: none"> - Conceito - concepção de corpo - Princípios éticos priorizados nas aulas - Contribuição na formação de atitudes éticas

Quadro 2: Blocos e unidades de significado

A entrevista para os estudantes tem sete questões, sendo quatro referentes à ética; duas relacionadas ao corpo e uma relacionada à influência das atitudes dos professores universitários. A entrevista para os professores tem cinco questões: três sobre ética e duas relacionadas ao tema corpo.

4.2 DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Após explorar as falas dos participantes da pesquisa em maior profundidade, foi possível lançar as bases para uma análise crítica sobre as percepções de estudantes e professores universitários a respeito da formação da atitude ética no meio acadêmico, tal como existe hoje no curso Licenciatura em Educação Física.

A fim de buscar respostas às perguntas formuladas e aos objetivos propostos, iniciou-se o processo de análise dos textos, quando se procurou voltar à compreensão aprofundada sobre o *corpus*.¹¹ Após o surgimento das unidades de análise ou, de significado, passou-se à categorização, quando foram incluídas as unidades de significado referentes aos temas ética e corpo.

A partir dos blocos temáticos propostos *a priori* sobre ética e corpo, e da análise cuidadosa das falas, para uma melhor compreensão sobre o foco da pesquisa, optou-se pela

¹¹ Segundo Moraes (2007, p. 16), a análise textual concretiza-se a partir de um conjunto de documentos denominado *corpus*. O *corpus* representa as informações da pesquisa e, para a obtenção de resultados válidos e confiáveis, requer uma seleção e delimitação rigorosa.

divisão do tema em quatro categorias, assim expressas, para a discussão e interpretação das informações: concepção de ética e atitudes que a englobam; concepção de corpo e atitudes éticas em relação ao corpo do outro; princípios éticos mais vivenciados durante a trajetória acadêmica, e influência das atitudes dos professores universitários.

4.2.1 A concepção de ética e as atitudes que a englobam

Ao falar em ética, retoma-se o conceito apresentado no segundo capítulo, em que a ética surge como uma tentativa de orientar as ações do ser humano em um determinado contexto social. Conforme exposto, a ética, por um lado, designa o modo de ser próprio de cada um, por outro, o conjunto de hábitos, dos comportamentos e dos costumes que indicam o lugar habitual, correto das coisas ou o lugar criado e conquistado pelo homem.

É a partir da ética que se pode analisar, avaliar e julgar as ações humanas conforme os valores e a cultura provenientes da sociedade em que cada ser humano está inserido. Nesse sentido, assume-se, juntamente com Kuiava e Sangalli (2008, p. 98), que a ética é uma reflexão filosófica sobre os atos humanos, as normas e os conteúdos morais, quando se tem em vista o bem comum e o projeto humano, de humanização e de busca de sentido e de realização a uma vida digna e feliz.

Aristóteles já apontava a chave para a investigação ética ao questionar qual seria o fim último de todas as ações, o supor que toda ação visa a algum bem, cujo bem só pode ser a felicidade, tida como um bem supremo e autossuficiente. Quando fala em autossuficiente, Aristóteles não se refere àquilo que é suficiente apenas para um homem isolado, “mas também para seus pais, filhos, esposa e, em geral, para seus amigos e concidadãos, pois o homem é por natureza um animal social”. (ARISTÓTELES, 1992, I,1097b, p. 23).

Em *Ética a Nicômacos*, Aristóteles conduz a investigação sobre a felicidade, levando em conta que o homem feliz vive bem e se conduz bem. No entanto, é importante explicitar que cada ser humano vai identificar o bem de diferentes maneiras. Segundo Aristóteles, esses bens podem estar divididos em exteriores, pertencentes à alma ou naqueles pertencentes ao corpo. (ARISTÓTELES, 1992, I, 1098b, p. 25). Recordar-se que Aristóteles revela a preocupação com a felicidade, no sentido de apontar caminhos para a aquisição de virtudes éticas, dando lugar ao mundo prático, cujas virtudes só podem ser adquiridas mediante educação, e aperfeiçoadas na prática.

Esse olhar para a dimensão da virtude aristotélica é um aspecto fundamental quando se pensa em uma educação norteada por princípios éticos, pois, se vivenciados desde a infância, certos valores podem contribuir para uma visão mais aprofundada sobre o modo de perceber o mundo e, conseqüentemente, sobre como agir em relação aos outros seres humanos. A educação ética surge em defesa do valor humano, cujas atitudes cotidianas se tornam alvo constante da avaliação subjetiva sobre a conduta das pessoas, independentemente do meio em que se encontram.

Entretanto, a pergunta: O que é ética e quais as atitudes que a englobam? nem sempre é fácil de responder. Nesse sentido, analisar o conceito de ética entre estudantes e professores do curso Licenciatura em Educação Física permitiu encontrar não apenas elementos do discurso social, mas estabelecer relações entre a riqueza de valores e critérios encontrados, que possibilitarão nortear várias dimensões relativas ao tema.

A importância da ética nas relações humanas foi consenso no discurso de ambos. Frequentemente, expressões como *a ética é a qualidade da relação, é tudo aquilo que nós fazemos no dia a dia* e *a ética acompanha a pessoa em todos os processos*, expostas no discurso dos professores P2, P5 e P6, respectivamente, demonstram que a ética está em tudo que diz respeito à vida humana, ou seja, na família, na escola, na universidade, no trabalho, etc.

A ética se apresenta como um elemento mediador nas relações entre as pessoas na medida em que assegura ao ser humano o direito à sua dignidade. Nesse sentido, é vista como algo natural e necessário nas situações dilemáticas da vida cotidiana.

E1: Ética são todas as atitudes que o profissional de Educação Física, não só como professor, e sim, como ser, tem em suas tarefas, tem em seu cotidiano, tem na sua vida.

P2: A ética então, resgata a dignidade do ser humano no momento em que ela dá vez e voz a todos.

Para P2, a ética se torna uma reflexão sobre os princípios que dão rumo a um agir que respeite a dignidade humana, sem humilhações ou discriminações de qualquer espécie. Embora cada sociedade seja portadora de uma ética, a professora a relaciona com os direitos fundamentais de todos os seres humanos, quando a ética surge em vista da constituição de uma sociedade mais justa. Assim, a ideia de ética para P2 transcende o conceito de ação, na medida em que a compreende como o princípio das ações, ou seja, como um processo dinâmico vinculado à reflexão e ao estabelecimento de uma sociedade justa nas relações, cujos valores éticos não sejam vistos apenas do ponto de vista econômico ou de poder, mas

implicados nas relações sociais mediante a ininterrupta defesa e promoção da dignidade humana.

No segundo capítulo, destacou-se a importância para Aristóteles da ciência política nas cidades. Segundo ele, a finalidade dessa ciência “é infundir um certo caráter nos cidadãos – por exemplo, torná-los bons e capazes de praticar boas ações. (ARISTÓTELES, 1992, I, 1099b, p. 28). Sendo a ética parte da ciência política, o objetivo da ética seria então determinar qual é o bem supremo para o ser humano e quais as finalidades contidas em suas ações, tornando explícita a preocupação de Aristóteles com as ações que as pessoas praticam. Nesse sentido, ao partir da ética prática de Aristóteles, foi possível perceber que as ideias sobre ética, para os estudantes do curso Licenciatura em Educação Física, estiveram vinculadas imediatamente à ação.

Para o estudante E3, a ética “*são todas as atitudes que tu toma perante o próximo*”, e enfatiza: *[...] é tudo aquilo que não vai prejudicar o próximo*”. Ao se preocupar com um modo de agir que não vá prejudicar as pessoas, o conceito de ética parece tocar, em alguma medida, na sensibilidade do estudante. Sua ideia se inclina ao cuidado, ao bem ou também à justiça com o outro, cuja virtude ética foi considerada por Aristóteles como a forma perfeita de excelência moral, na medida em que “somente ela entre todas as formas de excelência moral, é o bem dos outros”. (ARISTÓTELES, 1992, V, 1130a, p. 93).

A preocupação de E3 em não prejudicar o outro traz em seu bojo uma consciência em relação à forma de agir e as consequências de suas ações. O discurso do estudante remete à ideia de que preocupar-se com o outro, ou seja, cuidar da forma como age com as outras pessoas, significa definir-se em relação ao outro, pois, como lembra Delors (2004, p. 49), compreender os outros faz com que cada um conheça melhor a si mesmo. Como diz uma das professoras:

P5: Ética é tudo aquilo que nós fazemos no dia a dia e que me deixa tranqüilo comigo mesmo, eu acho que essa questão de padrões éticos, limites éticos, é muito pessoal e muito particular de cada um e eu penso também que tem muita relação com o outro que tá do meu lado.

Segundo Sá (2001, p. 57), no campo da ética, a consciência possui um aspecto peculiar para a filosofia, pois resulta da íntima relação do homem consigo mesmo. Para a professora P5, o modo de agir com os outros precisa estar de acordo com sua consciência, num estado em que possa se sentir tranquila ou, como Aristóteles já enfatizava, num estado em que se sinta feliz quanto aos critérios, às escolhas e às atitudes que toma, na medida em que suas ações parecem visar ao bem supremo de Aristóteles, que é a felicidade. Por esse

motivo, a ética precisa estar lastrada na prática do bem, pois, como lembra Sá (2001, p. 51), a formação ética depende de ambiência sadia, virtuosa, inspiradora, de uma consciência no sentido de não prejudicar quem se forma moralmente nem terceiros.

A professora P5 também salientou que a ética está estritamente relacionada com o outro que está ao nosso lado e que, inevitavelmente, pensa, age e se expressa a partir de outros contextos e modos de vida, tornando cada ser humano o próprio condutor de sua história, de seus critérios avaliativos, de suas escolhas e atitudes. O discurso de P5 reconhece no outro uma relação indissociável e determinante para atitudes éticas, pois como afirma Ody (2007, p.106), o homem, como ser social, não vive nem decide isoladamente em relação a questões éticas, motivo pelo qual a universalidade (considerar a pessoa do outro) deve ser o princípio orientador das ações.

Em meio aos atravessamentos culturais e sociais, cada um vai adquirindo conhecimentos e entendimentos de acordo com os fatos que emergem de cada experiência. Como diz Boff (2003, p. 9), cada ser humano carrega suas singularidades culturais, suas tradições, sua religião, seus modos de produção, suas formas políticas e seus códigos éticos. Cada um, ao assumir sua subjetividade, vai dar ênfase a determinados princípios éticos, a diferentes valores, a escolhas e adotar, nesse processo, um tipo de comportamento, pois, como expressou um dos professores, a ética *“é uma questão de comportamento das pessoas”*, cuja educação é um elemento essencial, visto que, para esse professor, *“o que engloba mesmo a ética é a educação, de todas formas, na família, do ambiente”*.(P7).

Como afirmam Kuiava e Sangalli (2008, p. 96), a ética é inseparável da prática educativa e, por isso, deve ser inserida como tema e presença viva nos processos de ensino e aprendizagem, contribuindo para a construção da autonomia intelectual e moral do ser humano. Cabe à educação uma parcela significativa de responsabilidade, uma vez que oportuniza a formação de valores e de um ser humano com espírito crítico. Todavia, sabe-se que tudo é condicionado pelo contexto em que cada um vive e cujas reações frente às situações são muito diferentes. Embora a educação voltada para ética esteja presente nas instituições de ensino, não se pode ignorar as outras esferas da experiência social.

Em seu sentido de maior amplitude, a ética tem sido entendida pela maioria dos estudantes de Licenciatura em Educação Física, como sinônimo de moral. Para E5, *“ética .é trabalhar dentro de regras estabelecidas”*, assim como para E9, *“ética é saber o que é a moral, valores que tu precisa ter dentro da sociedade”*, *“ética tá muito ligada à moral”*(E2).

Ocorre que, na maior parte dos casos, o conceito de ética se reduziu a um conjunto de normas a ser obrigatoriamente seguido na sociedade, um dever a ser cumprido, afinal, como

diz E6, “*ética são as atitudes que as pessoas devem tomar*”. Além disso, como assinalam E9 e E11, a ética “*é saber o que é a moral*” e que “*engloba diversos conceitos de moral, é seguir normas na sociedade*”. Cabe lembrar que esses conceitos de moral, por mais diversos, nascem, como diz Boff (2003, p. 28), de um transfundo comum, que é a ética.

Segundo Fávero (2007, p. 111), a ética aponta sempre para aspectos gerais, diz respeito ao campo da teoria, da ciência que estuda a questão moral e da qual derivam os princípios universais para o comportamento. Já a moral refere-se mais ao modo de comportar-se segundo os costumes de um grupo social a que se pertence e diz respeito a um universo mais restrito e prático. Essas constatações revelam que a ética está vinculada a princípios e normas de cada sociedade e vem ao encontro da fala de um dos professores quando diz que:

P9: A ética parte, a princípio, de conceitos que a própria sociedade acaba construindo e que dentre esses conceitos, sejam eles morais, filosóficos, enfim, tu acabas cumprindo ao longo do tempo.

Essa dimensão ética que emerge do discurso de P9 fundamenta-se a partir de percepções mais aprofundadas mediante a compreensão da complexidade dos fenômenos sociais e do sentido crítico adquirido com a experiência. Sua ideia parte do pressuposto de que a sociedade legitima determinados conceitos e regras morais tornando essas regras obrigatórias para uma vida em sociedade. Segundo Kuiava e Sangali (2008, p. 98), “as teorias éticas e as normas morais são frutos da capacidade humana de transcender (ultrapassar, ir além, superar) as leis da natureza”, pois a ação humana não é determinada naturalmente e, no mundo humano, o natural é a necessidade de regras e de princípios. Nesse sentido, sendo um dos objetivos da ética apontar caminhos para o enriquecimento e a qualidade das ações humanas, é natural que seja entendida como uma obrigação, pois é praticamente consenso entre as pessoas a necessidade de impor limites e estabelecer formas de organização na sociedade, de modo a garantir a mediação dos conflitos que emergem das relações pessoais.

De acordo com outro professor, P8, a “*ética é o desenvolvimento de valores*”, numa visão que aponta para o processo de formação que todo ser humano conquista ao longo da vida e que tem a oportunidade de aprofundar os valores inseridos à sua maneira de ser e agir. O ser humano precisa conquistar seu próprio ser e autonomia, por meio da reflexão e formação cultural, pois, ao criar princípios e normas para orientar sua conduta pessoal e social, o processo de humanização acaba dependendo apenas do próprio homem, do seu modo de pensar, refletir e agir no mundo vivido e historicamente configurado. (KUIAVA; SANGALLI, 2008, p. 99). Essa ideia entrelaça-se ao discurso do professor P9, pois o que o

próprio homem estabelece como regra, de alguma maneira, acaba cumprindo ao longo do tempo como forma de tornar a convivência humana mais civilizada.

De modo geral, estudantes e professores utilizam o termo *ética* para referir-se à ação, visto que em seus discursos é possível identificar o vínculo da ética com o comportamento cotidiano e com práticas morais. A ética atinge a dimensão de diferentes culturas, diferentes grupos e diferentes profissões, como observado na fala do professor P4, ao dizer que “*ética é tudo que venha ao encontro das regras que são colocadas pra aquela profissão*”. O modo de agir em relação aos outros remete ao entrelaçamento ético e moral existente, fruto de uma convenção social numa determinada época. Dentro dessa perspectiva, retomam-se as ideias de Aristóteles sobre a questão da ação, e apoia-se em Paviani para conduzir as observações de Aristóteles de maneira clara e objetiva.

Em primeiro lugar, Aristóteles distingue três classes de ciências: a) as ciências teóricas que buscam o conhecimento dedutivo, a verdade; b) as ciências práticas que investigam a ação; e c) as ciências poéticas que se ocupam com o estudo da produção de obras.[...]Aristóteles, ao investigar as virtudes como disposições da alma (1985, II 1106^a 11), afirma que as virtudes [...] são atos voluntários. Desse modo, as ações podem ser voluntárias ou involuntárias. As involuntárias são impostas por um agente exterior. Também podem ser boas ou viciadas. Aristóteles fala igualmente das ações ou virtudes intelectuais, fruto da educação e da experiência e das virtudes éticas que resultam do hábito. (PAVIANI, 2008, p. 25).

Esses aspectos contribuem para uma melhor compreensão sobre a ideia de Aristóteles em relação às ações. Na visão de Aristóteles (1992, II, 1103a, p. 35), a excelência intelectual ou virtude intelectual requer experiência e tempo para ser adquirida, e a virtude ética é produto do hábito, tendo em vista que somente a adquirimos se a praticamos efetivamente desde a infância por meio de ações que sejam consideradas boas. No entanto, admite ser difícil proporcionar uma preparação certa para a prática da excelência moral, visto que “viver moderada e resolutamente não é agradável para a maioria das pessoas, especialmente quando se trata de jovens”. (ARISTÓTELES, 1992, X, 1180a, p. 207).

Mesmo em época diferente das dos antepassados gregos, o homem contemporâneo necessita de um sistema de valores como processo hierárquico, no sentido de organizar regras e valores que possibilitem ações justas e adequadas a uma convivência social. Por esse motivo, a ética é entendida como moral entre a maioria das pessoas, pois o ser humano, desde a infância, se vê envolto à necessidade de adaptar-se a regras e leis. Como já apontou Aristóteles (1992, X, 1180a, p. 207), quando se tornarem adultas as crianças “terão de pôr em prática as lições recebidas e de estar habituadas a tais lições”.

Para estudantes e professores do curso Licenciatura em Educação Física, a ética parece se referir ao julgamento do que se pode ou do que não se pode nas relações humanas e se

constitui em um conceito intercambiável e articulado intrinsecamente com a moral. Os professores, devido ao conjunto de conhecimentos que possuem e da experiência adquirida ao longo do tempo, apresentam um discurso mais aprimorado sobre ética e sobre a dimensão que representa no espaço social em que cada ser humano está inserido.

Os estudantes, por sua vez, apresentam um discurso mais frágil, pois é preciso lembrar que não se pode interpretar a visão dos estudantes sem considerar o momento e o contexto em que vivem, tanto em nível de formação pessoal quanto profissional. Contudo, da mesma forma, ambos os grupos entrevistados mantêm a ideia da importância da ética nas relações sociais e dos valores morais contidos nas ações humanas, pois, como afirma o estudante E4, ética “*é respeito pelo outro, às pessoas, às diversas relações*”.

Ao admitir a importância da ética em todos os âmbitos de convivência e ao relacioná-la especialmente com a prática diária, estudantes e professores também ressaltaram algumas atitudes que consideram indispensáveis nas relações humanas. A questão do respeito mereceu destaque entre estudantes e professores pela acentuada ênfase em seus discursos. Para o estudante E4, “*ética é respeito pelo outro*”, assim como para E6: “*ética é saber respeitar a pessoa*”. Além disso, para o professor P2, a ética engloba “*atitudes de respeito pelo outro*”.

Recorda-se que, no segundo capítulo deste trabalho, ao falar sobre as implicações pedagógicas e éticas no trabalho docente com o corpo do outro, o respeito foi mencionado, mediante a visão de Jares (2008, p. 32), como uma qualidade básica e imprescindível que contém a ideia de dignidade humana e do reconhecimento de cada pessoa. O respeito exige tornar-se efetivo em relação aos demais seres vivos e, por extensão, ao planeta Terra, visto que o ser humano se relaciona e convive consigo mesmo, com os outros e com os elementos do mundo natural.

Sob essa ótica, ao pensar no respeito pelo outro como uma condição necessária à convivência humana, o discurso dos estudantes e professores do curso Licenciatura em Educação Física vem reforçar a ideia de Kuiava e Sangalli (2008, p. 101), quando afirmam que o objetivo primordial de toda iniciativa pedagógica deve ser a promoção do ser humano, o respeito ao outro ser, cuja ética vai além de um elemento qualquer, mas deve ser a base para a transformação e o surgimento de uma sociedade em que todos possam exercer sua cidadania. Segundo o estudante E7, ser ético é “*saber respeitar onde acaba o teu limite e onde começa o limite do outro*”, numa ideia de respeito mútuo e de reconhecimento do encontro com o outro.

Para o professor P2, a ideia de respeito tem um sentido ainda mais amplo quando diz que a ética engloba “*respeito pelo outro, convívio com o outro, diálogo*”, quando o discurso tende a explicitar a importância da relação de abertura ao outro. Como descreveu Guimarães

(2004, p. 52), por sermos pessoas somos diálogo, ou seja, o diálogo não é algo que se acrescenta ao ser humano, mas é sua dimensão constituinte e constituidora. Mais do que um traço racional, o diálogo constitui-se em um modo humano de estar no mundo concomitante ao ouvir. Como assinala um dos professores, P5, a ética engloba “*atitudes de respeito, atitudes de ouvir*”, cuja ideia baseia-se na condição de abertura ao outro, e somente é capaz de dialogar quem sabe ouvir o que o outro tem a dizer.

Outras atitudes éticas também são verificadas entre os discursos de estudantes e professores, como o cuidado pelo outro e o comprometimento. O cuidado pelo outro, como princípio ético fundamental na docência, foi destacado no segundo capítulo como uma atitude de preocupação, atenção e responsabilização com o outro. (BOFF, 1999, p. 33). Ao descrever o cuidado pelo outro como uma atitude de valor ético imprescindível, especialmente na profissão docente, imaginava-se que estudantes e professores pudessem perceber o quanto o cuidado pelo outro encontra-se vinculado ao comprometimento uns com os outros.

Nesse sentido, observou-se que expressões como “*cuidar da saúde daquela pessoa*”; “*preocupação com o outro*” e “*conhecimento dos sujeitos com os quais se trabalha*”, encontrado nos discursos dos professores P4, P8 e do estudante E8, respectivamente, quer dizer um modo de cuidar, ser responsável e estar comprometido com o outro. Como afirma Boff, o ser humano é fundamentalmente um ser de cuidado mais que um ser de razão e de vontade:

Cuidado é uma relação amorosa para com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para o seu desenvolvimento. Em tudo os humanos colocam e devem colocar cuidado: na vida, no corpo, no espírito, na natureza, na saúde, na pessoa amada, em quem sofre e na casa. Sem cuidado, a vida perece. (2003, p. 82).

Nessa esteira, é plausível supor que estudantes e professores reconheçam o cuidado como forma de se estar comprometido com a profissão. Como apontou Boff, em tudo o ser humano coloca cuidado e, no caso de estudantes e professores, parece clara a ideia do cuidado com o outro no momento da prática docente. Embora o termo *cuidado* não apareça explicitamente, os discursos apontam fundamentalmente para o comprometimento com o outro, mediante atitudes de cuidado e respeito, que fazem surgir o sentimento de responsabilidade. Como apontou o professor P3, ser ético “*é ser responsável*”, da mesma forma que Boff (2003, p. 91) aponta ao dizer que “a responsabilidade mostra o caráter ético da pessoa”.

A responsabilidade e o cuidado, como já exposto no segundo capítulo, são princípios éticos fundamentais na prática docente, na medida em que expressam a intenção pedagógica

de dar ênfase à preparação ética do aluno. Parece, pois, que estudantes e professores se utilizam também do respeito e do diálogo como atitudes que consideram éticas. O discurso de ambos parece se utilizar de uma via complementar capaz de explicar facilmente a aparição de tais termos em seus discursos: o reconhecimento do outro nas relações sociais, proveniente da reflexão acerca dos valores e das ações que avaliam serem adequadas ou não em sua vida.

4.2.2 A concepção de corpo e as atitudes éticas em relação ao corpo do outro

De modo geral, o Ocidente acabou avaliando o corpo a partir de pré-conceitos morais, ideológicos, filosóficos e estéticos de cada época, o que conseqüentemente comprometeu por muito tempo o enunciado da natureza inapreensível do corpo. A exemplo da Grécia, fonte determinante da cultura ocidental, o pensamento grego estabelecia uma explícita hierarquia entre valores materiais e espirituais e entre corpo e mente; o que devia ser feito não dependia do corpo, mas de decisões da mente e do espírito. Nas ideias de Platão, por exemplo, o ser humano vivia em conflito provocado pelas relações entre desejo, emoção e razão. (PAVIANI, 2008, p. 60).

Paviani (2008, p. 60) recorda que o dualismo alma e corpo e a divisão entre racionalidade e emotividade é acentuado por autores como Descartes, com conseqüências graves na história da educação. A teoria do homem-máquina, base de uma relação mais técnica do que ética com o corpo, também representa a concepção de homem de uma determinada época, mas que ainda se reflete nos discursos contemporâneos, como observado no discurso do estudante E6, ao dizer que o corpo humano é *“um aparelho tão complexo, uma máquina, é isso”*. Além disso, como lembra Santin (1987, p. 33), a biomecânica desenvolve e aprofunda a compreensão maquinal do movimento humano, cuja coordenação motora, as performances e os rendimentos são julgados dentro da ótica de uma funcionalidade mecânica, despidos de qualquer intencionalidade ou significação.

Nesse sentido, o risco que se corre ao dar ênfase à perspectiva do corpo-máquina, por exemplo, é exatamente furtar uma reflexão mais aprofundada a respeito da totalidade do ser humano em sua natureza individual, física, biológica, social e simbólica, especialmente numa perspectiva docente. Embora a influência do conhecimento a respeito da funcionalidade do corpo humano, mediante estudos anatômicos, fisiológicos e biológicos, ser imprescindível na formação do professor de Educação Física, é fundamental também o reconhecimento acerca da corporeidade humana como gesto, expressão, comunicação e presença.

No discurso dos estudantes do curso Licenciatura em Educação Física, a concepção de corpo, como uma unidade voltada para a totalidade humana, parece prevalecer sob outros discursos, mesmo que o uso do termo totalidade não tenha sido contemplado. Para isso, os estudantes utilizam o clichê *corpo e mente* e a máxima *Mens sana in corpore sano*, para explicitar que o corpo humano é visto como o conjunto dessas duas partes.

E1: *O corpo humano, ele tem que ser compreendido em um âmbito geral de mente né, e físico, é isso que entendo de corpo né, aquela frase: corpo são, mente sã, né!*

Para Medina (2002, p. 46), a ideia que prevalece, quando se fala em corpo, costuma ainda ser a de um corpo que se opõe ou se contrapõe a uma mente ou a uma alma, cuja visão recebe a influência de uma longa trajetória histórica, filosófica, mas também de correntes teóricas da Educação Física. No entanto, paralelo à fala de E1, expressões como a de E3, em que o corpo “*é a união entre mente e corpo*” e a de E12 quando diz que “*corpo ta ligado à mente, então não tem como separar*”, representam uma visão de corpo diferente daquela dos antepassados gregos e apresenta, em sua linguagem, a preocupação em destacar a eliminação do dualismo na atualidade.

Sabe-se que existe uma relação de influência recíproca entre a mente e o corpo, cujas emoções ou qualquer tipo de *stress* do cotidiano, seja ele trazido por tensões físicas, seja psíquicas, ficam, de certo modo, gravadas ou expressas no corpo. O estudante de Educação Física tem essa ideia muito clara, devido ao conhecimento que vai adquirindo ao longo da trajetória acadêmica, motivo pelo qual seu entendimento quanto às questões relacionadas ao corpo humano, se torna mais aprimorado à medida que entende o corpo humano como uma unidade que não se opõe à inteligência e a sentimentos, exatamente, como observado no discurso de dois estudantes:

E4: *A gente sempre aprende no curso que corpo é basicamente três coisas aglomeradas né: é mente né, que é a parte cognitiva, a parte física motora e a parte emocional, então eu acho que uma coisa não funciona sem a outra, o corpo é basicamente essas três coisas inter- relacionadas e caminhando em perfeita harmonia e se uma dessas coisas de repente não funciona, pode comprometer os outros aspectos.*

E5: *Corpo pra mim é um conjunto tanto de órgãos, da pele, do sistema nervoso, mas também de emoções, de lembranças, de sentimentos, de conhecimentos, tudo envolve o corpo pra mim!*

Recorda-se que Merleau-Ponty, como exposto no segundo capítulo, possibilita ao homem uma visão do corpo e do movimento, por meio do sentido do corpo na relação do homem com o mundo. Segundo ele, “considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o

mundo, como um dos objetos desse mundo”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 108). Nesse sentido, a concepção de corpo entre os estudantes de Licenciatura em Educação Física, destacada acima, demonstra a magnitude do tema corpo, especialmente por fazer parte de uma formação profissional que oferece as condições necessárias para a aquisição de conhecimentos sobre o corpo humano e que, vinculados à realidade de cada um e à realidade social, proporciona elementos múltiplos para a compreensão do mundo que os rodeia.

E10: *Sem ele a gente não é nada, a gente tem que cuidar dele, dar valor pra ele, respeitar o corpo, através dele a gente pode buscar o que a gente quer!*

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 202), o corpo não é apenas um espaço expressivo entre todos os outros, mas é o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações ao exterior, dando-lhes um lugar, fazendo com que elas comecem a existir sob nossos olhos, motivo pelo qual o corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Para a estudante E10, o corpo é tudo, e pelo fato de explicitar o quanto é importante cuidar desse corpo, sua ideia parece nascer da capacidade de mergulhar em si mesma e perceber a atenção que o corpo humano merece. Logo, se tem sensibilidade para entender a condição humana de seu próprio corpo, terá maior sensibilidade para entender o corpo do outro.

No entanto, alguns estudantes entrevistados não colocam o corpo humano em pé de igualdade como totalidade, mas tendem, num primeiro momento, percebê-lo em função de sua utilidade na prática profissional. De acordo com o estudante E11, “*o corpo seria o meu instrumento de trabalho*” e para o estudante E7 “*o corpo, no meu caso, é meu ganha pão né*”.

Ao admitir que os conhecimentos específicos da área da Educação Física não provêm de uma fonte única, mas de diversas disciplinas e experiências proporcionadas por diferentes professores e vinculadas a situações vivenciadas no cotidiano de cada estudante, essa concepção de corpo pode levantar a necessidade de esses estudantes repensarem alguns aspectos de sua formação como professores de Educação Física, no que diz respeito à sua futura intervenção pedagógica nas escolas.

Primeiramente, tanto para E11 como para E7, a ideia de corpo inclina-se à de um corpo-objeto ou instrumento de trabalho, cuja dimensão corporal abre espaço para uma concepção de corpo menos favorecida em relação ao outro e, ainda, individualista, na medida em que o direcionam para projetos pessoais, aliás, um dos aspectos inerentes à formação humana. Nesse caso, o corpo é reduzido ao aspecto puramente físico e representa o elemento básico para a sobrevivência na profissão, visto que, ao ocultar projetos individuais, a fala dos estudantes os conecta à lógica imediata do mercado de trabalho.

É preciso questionar a tendência gerada por esse conceito de corpo na atualidade, em que cada um só cuida de si mesmo e dos seus interesses ao se preparar para o mercado de trabalho na área da docência em Educação Física. Nesse sentido, o corpo passa a ser compreendido sob a ótica de referenciais teóricos das leis da Física e da Mecânica, cujo conhecimento técnico passa a ser perseguido como forma de garantia para uma carreira de sucesso.

Segundo Tojal (2004, p. 50), a sociedade de hoje passou a exigir profissionais melhor preparados e adequados às suas necessidades e expectativas, graças à quantidade de informações, aos novos conhecimentos e às tecnologias e, principalmente, pela incessante busca por um atendimento de qualidade com a exigência de profissionais mais qualificados e, conseqüentemente, éticos. Nesse sentido, sem menosprezar os motivos que determinam as formas pelas quais cada um conhece, pensa ou age, considera-se primordial aos estudantes estabelecer a relação entre o conhecimento adquirido na vida acadêmica e uma educação que valorize o lado humano.

Como exposto nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNS, 1997, p. 24), a Educação Física propicia uma experiência de aprendizagem peculiar, pois mobiliza de forma intensa e explícita os aspectos afetivos, sociais e éticos. O projeto aponta a importância em considerar, além de aspectos fisiológicos ou técnicos, as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo das pessoas. Nesse sentido, ao considerar as particularidades que cada estudante traz de seu cotidiano, uma visão mais ampla e sensível poderá contemplar as diferentes dimensões do ato educativo proposto pela Educação Física.

Quanto aos professores, é unânime a visão de corpo voltada para a totalidade do ser humano, pois, como aponta o professor P5, *“eu entendo como uma totalidade, esse corpo todo: pensamento, sentimento e físico é que acaba recebendo e transmitindo informações e definindo atitudes”*. Segundo Greiner (2006, p. 131), *“o corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo”*. O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa ou um lugar onde as informações são apenas abrigadas, mas é o resultado desses cruzamentos, pois toda informação que chega entra em negociação com as que aí já estão. Nessa perspectiva, no discurso de P5 identifica-se uma visão assumida de que o ser humano é um ser que se define pelas interações que estabelece com o outro e com o ambiente. O fato de perceber a magnitude existente entre as interações possíveis nas relações humanas, demonstra uma compreensão seguramente desenvolvida pelo conhecimento e pela experiência adquirida durante a prática docente.

Como lembra Kemp (2005, p. 19), compreender a visão de corpo e como respondemos a ela significa relacionar toda a rede de práticas a que o corpo é submetido. Logo, para o professor P5 é mais clara a ideia de que o corpo não expressa apenas o que pensamos e sentimos. Mais que isso, o corpo é visto como um sistema aberto que transmite e capta significados de sua experiência em relação aos outros seres humanos e em relação ao mundo, num processo construído e reconstruído constantemente e traduzido no comportamento de cada um, visto que se torna fonte de conhecimento de todas as dimensões do ser humano.

De acordo com outro professor, P2, “*a gente não é apenas um corpo biológico, a gente é um corpo com sentimento, com emoções, com razão, frustrações, com sonhos*”. Sentimentos que fazem parte da vida de todo ser humano, relacionados com todo tipo de experiência social, cujo corpo “*tem essa parte de conseguir falar muito uma coisa que às vezes a gente não consegue expressar com palavras*” (E8), pois como lembra Santin (1987, p. 34), o corpo é fala e expressão e, nele, o movimento humano pode ser compreendido como uma linguagem.

No mesmo sentido, para a professora P8, a visão de corpo aponta para o que ela chamou de “*totalidade, um corpo social*”. Kemp (2005, p. 27) apropriadamente coloca que o corpo determina nossa experiência social e de mundo, sendo por ela determinado, visto que somos seres gregários dependentes da participação em uma coletividade. Dessa forma, ao pensar nas experiências sociais que a área da Educação Física pode proporcionar aos alunos, a visão de corpo como totalidade, formada pelas experiências sociais, encontra no discurso de outro professor o esporte como um dos elementos fundamentais na formação do ser humano.

Para P5, “*o esporte é um elemento de sociabilização, de integração, e aqui, eu tô falando de corpo, né, de sentimentos*”; o discurso desconsidera a influência do esporte como forma de ascensão social ou quaisquer outras influências que possa gerar, mas o enxerga como espaço que oferece condições de trabalhar o corpo humano sob diversos aspectos, como: o cognitivo, o físico, o psicológico e o social, superando o modelo esportivo em que prevalece a exclusão e os modelos impostos pela mídia. O professor vê a questão do esporte na escola sob forma de jogo e o considera um momento ímpar para a difusão de valores; a visão de corpo encontra aí uma importante via de formação do homem como um todo, elemento fundamental à inclusão de uma Educação Física com qualidade.

Como já exposto no segundo capítulo, pelas ideias de Katz e Greiner (2005, p. 86), somos um verdadeiro produto determinado pela genética e pelo meio ambiente, visto que as informações do meio se instalam no corpo; afinal, como lembra uma das professoras, “*somos*

um corpo que está na sociedade, que sofre todas as influências dessa sociedade que está ali e que revela isso no seu dia a dia, no cotidiano” (P8).

A visão de corpo que cada um tem de seu próprio corpo e do corpo das outras pessoas se traduz no retrato da sociedade em que se vive. Por esse motivo, a Educação Física deve desenvolver a ideia de corpo como elemento básico humano, que deve ser desenvolvido, construído e respeitado no mesmo nível de todas as dimensões humanas. (SANTIN, 1987, p. 52).

P6: O corpo em si é o básico, como posso definir: é uma essência, o corpo pra mim é uma essência, ele não é um instrumento, mas ele é um todo né, eu acho assim, o corpo envolve todo o ser.

P7: O corpo é um todo, as pessoas, elas têm emoções, espiritualidade, elas tem um físico, tudo que envolve o corpo.

Como esclarece Merleau-Ponty (1999, p. 103), “nossa percepção chega a objetos, e o objeto, uma vez constituído, aparece como a razão de todas as experiências que dele tivemos ou que dele poderíamos ter”. Nesse caso, o corpo para os professores é excluído de qualquer intencionalidade instrumental e surge como uma representação sensível da compreensão que se tem de si mesmo, das experiências com seu corpo, com os outros e com o mundo.

Ao partir do pressuposto de que a visão de corpo pode influenciar consideravelmente as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física, num segundo momento os estudantes foram questionados sobre como os professores agem com questões de cunho ético, em relação ao trabalho docente com o corpo do outro, além de serem questionados posteriormente sobre as atitudes que mais evidenciavam o comprometimento do professor universitário em relação ao trabalho que os estudantes de Educação Física realizarão nas escolas. O objetivo foi relacionar o discurso dos estudantes aos dos professores universitários, tendo em vista que os professores foram questionados quanto aos princípios éticos que mais priorizam em relação ao trabalho com o corpo do outro.

Quanto à percepção dos estudantes em relação às atitudes dos professores no trabalho docente com o corpo do outro, é possível verificar nos discursos uma tendência voltada para questões referentes ao cuidado que o professor tem com os estudantes. Segundo o estudante E2 “*eles demonstram bastante preocupação quanto ao que tu fala, ao que tu faz!*”. Concomitante a essa ideia encontra-se a maior parte dos discursos dos estudantes.

E3: Eu acho que eles têm cuidado, eu acho que são muito mais preocupados com o cuidado do corpo, o que se torna ético.

E9: Eles têm essa questão ética de ajudar, de dar auxílio, de demonstrar.

Durante a formação acadêmica, muitos são os modelos e as referências para a adoção de atitudes e comportamento éticos. No processo de formação docente, é fundamental atentar aos modelos e às referências que representem uma Educação Física voltada para o que Santin (1987, p. 25) chamou de homem global, visto que o homem age sempre como um todo. Quando outro estudante, E5, diz que “*eles lidavam com a totalidade do ser humano, porque daí envolvia tanto o teu movimento, quanto as emoções*”, é possível estabelecer um elo sobre as considerações já expostas no segundo capítulo.

Em primeiro lugar, Tunes et al (2005, p.697) pontuam que a compreensão que o professor tem do aluno tem muitas implicações para o seu trabalho, o que realmente pode ser observado, pois outro estudante (E13), quando diz que “*eles não expõem o aluno, respeitam o limite do corpo de cada um*”, reconhece a compreensão do professor sobre as características da interação humana, ou seja, não apenas do conhecimento do professor, no que diz respeito às particularidades físicas, aos limites ou às possibilidades do corpo humano, mas na questão do envolvimento social com os estudantes; da relação entre o ensinar e o aprender; da influência dos referenciais que cada um tem sobre si mesmo, das relações que estabelece, dos sistemas de valores; dos critérios de julgamento, etc.

Em segundo lugar, é preciso recordar a importância da atenção do professor quanto às implicações pedagógicas durante a interação dos estudantes com a aprendizagem em situações de aula, o que vem ao encontro do exposto pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 37), sobre os riscos de segurança física, expectativa de prazer e satisfação, característica individuais, vivências anteriores, bem como a exposição num contexto social. Logo, essas implicações parecem ser efetivamente observadas pelos estudantes, por meio das atitudes dos professores em relação ao trabalho com o corpo dos próprios estudantes.

Após considerar como os professores agem em situações de aula, com questões de cunho ético, em relação ao trabalho com o corpo dos estudantes, questionaram-se os mesmos quanto às atitudes dos professores que mais evidenciavam a preocupação do professor com questões pertinentes à atuação dos estudantes nas escolas, ou seja, o objetivo era saber quais as recomendações e precauções que os professores enfatizavam aos estudantes quanto às atitudes que deveriam ter com os alunos nas escolas. Numa análise minuciosa do discurso dos estudantes, verificou-se que o termo *cuidado* foi utilizado para fazer referência à preocupação do professor universitário com uma questão relevante na atualidade: o assédio sexual. Essa questão foi comumente apontada pelos estudantes e, posteriormente, por professores.

E2: *Preocupação, com essa questão de perfil mesmo, da vestimenta, de não encostar no aluno sem necessidade né, tudo isso que hoje em dia tá bem complicado a situação se tu der um beijo no rosto do aluno tu vai ser acusado de assédio sexual.*

E7: *Eles falam pra não tocar no aluno, de repente o aluno leve isso para um outro lado.*

Vale a pena lembrar que, na revisão de literatura, esse aspecto foi exposto como uma das implicações pedagógicas e éticas na prática docente; argumentou-se sobre a importância da capacidade do professor em prever suas ações e consequências. O fato de as aulas de Educação Física mobilizarem aspectos éticos e de sexualidade exige cautela do professor, tendo em vista que a representação afetiva do aluno, em relação ao professor, pode encontrar uma pluralidade de significados. Além disso, a temática da corporeidade é trabalhada sob diversos discursos pela mídia, o que pode interferir no significado que o aluno atribui quanto ao que o professor fala, como se expressa ou como demonstra afeto pelo aluno.

Embora o professor não possa prever o comportamento do aluno nas escolas, pode se precaver quanto a situações inusitadas. Nessa perspectiva, precisa estar atento e procurar entender o processo que levou a julgar determinadas atitudes, como essa atitude foi apresentada ao aluno e como ele reagiu frente a isso. As representações também são elaboradas por nós como pessoas, mas a apropriação dessas representações vai depender da caminhada histórica de cada um, do discurso de cada um, motivo pelo qual não escapamos de um viés subjetivo do outro com quem interagimos.

Todavia, é possível encontrar diferenças nos discursos dos estudantes quanto à questão do toque. O estudante E3, quando diz que *“tem que saber se portar perante o aluno, porque um simples toque pode causar uma revolução”*, parece remeter também à ideia de um possível ato de violência, no sentido de que uma revolução pode ocorrer por diversos motivos. Mais uma vez, é possível constatar a magnitude existente entre o agir do professor e a subjetividade do aluno.

O discurso dos estudantes entrelaça-se ao dos professores, tendo em vista que também enfocam a questão do toque, quando questionados sobre os princípios éticos mais priorizados nas ações pedagógicas em relação ao trabalho com o corpo do outro.

P1: *Priorizo essa coisa mais do toque né, ter um pouco de cuidado hoje, o caso do corpo, em aula, principalmente né? Esse caso de assédio sexual!*

Para o professor P6, é fundamental *“respeitar as limitações da criança, como eu posso colocar, porque tem criança que não gosta de ser tocada, e muitas vezes, a forma como tu toca a pessoa, isso desvirtua para assédios!”*. O discurso dos professores vincula-se à

questão do cuidado e do respeito com o aluno. O professor universitário demonstra sensibilidade quanto às questões vividas no cotidiano de ensino e se preocupa em compartilhar com os estudantes de Educação Física o conhecimento e a experiência que fundamentam sua prática. Nesse sentido, professores e estudantes se colocam como corresponsáveis pelo desenvolvimento do cuidado e do respeito pelo outro nas ações pedagógicas.

A preocupação do professor universitário em obter conhecimentos específicos e necessários à docência em Educação Física é contemplada pelo professor P3 ao dizer que procura *“trabalhar o corpo como uma área global, mas sempre priorizando o conhecimento do corpo, pelos fenômenos, pela estrutura morfológica, pela funcionalidade, mas sempre prioritariamente conhecer o corpo”*. Preocupação também constatada no discurso da professora P8, quando diz: *“Eu me preocupo muito em discutir com eles qual a concepção que eles têm do corpo.”* Nesse sentido, a melhor maneira de conceber o corpo humano parece ser como Merleau-Ponty (1999, p. 269) nos lembra, quando diz que não há outro meio de conhecer o corpo humano, senão vivê-lo, confundir-se com ele. Além disso, a partir do momento que conhecemos melhor o próprio corpo, estamos mais aptos a perceber a presença do outro, exatamente como exposto por um professor:

P2: Eu sempre procuro passar em aula que eu não tenho um corpo, que eu sou esse corpo, e à medida que a corporeidade é vivida e sentida em todos os sentidos da minha vida, eu começo a enxergar o corpo do outro também assim. Esse corpo tem um rosto, uma identidade, tem um nome.

Buscar reflexões sobre a concepção de corpo e sobre as atitudes éticas em relação ao corpo do outro supõe pensar aspectos relevantes. Os professores são unânimes quanto à compreensão e ao entendimento do corpo como totalidade física, emocional e social, e suas atitudes de cuidado em relação a essa questão parecem ser observadas e percebidas pelos estudantes. No entanto, embora a maioria dos estudantes apresenta as mesmas considerações, chama a atenção o fato de que algumas fraturas podem ser encontradas nos discursos dos estudantes em relação ao sentido que atribuem ao corpo e, conseqüentemente, ao corpo do outro.

Isto posto, fundamenta-se, então, a importância do entendimento na área da Educação Física acerca da complexidade do ser humano, na medida em que através de práticas físicas dirigidas ao corpo dos alunos nas escolas, os professores precisam superar a prática pedagógica voltada à influência da tradição biologizante e técnica da área. Cabe ressaltar que não se exclui aqui a importância das características historicamente constituídas pela Educação

Física em suas dimensões biológicas e técnicas, visto que são extremamente importantes na área do movimento humano. O que se pretende é assinalar a importância das dimensões e possibilidades em torno do corpo humano, de modo que, na caracterização do significado da Educação Física, esteja implícito que sua ação educativa só adquire sentido prático por intermédio de atitudes que não percam a compreensão da totalidade do outro.

4.2.3 Princípios éticos mais vivenciados durante a trajetória acadêmica

Com o intuito de identificar o máximo possível as atitudes éticas vivenciadas durante a trajetória acadêmica, perguntou-se aos estudantes quais os princípios éticos mais percebidos durante as disciplinas teóricas e práticas do curso Licenciatura em Educação Física. Para os professores, uma das questões era verificar de que forma eles problematizam as questões de cunho ético durante as aulas, o que possibilitou estabelecer relação entre o discurso de ambos pela análise de um recorte da realidade da prática pedagógica dos professores universitários.

Para o estudante E1, *“em disciplinas práticas e teóricas há respeito com o aluno”*. Recorda-se que o respeito é tido por Jares (2008, p. 32) como uma qualidade básica, essencial para a convivência. Embora o estudante E1 não esclareça em que perspectiva o respeito mereceu a atenção de seu olhar, vale a pena lembrar que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, o respeito abrange a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, das ideias e das crenças. Logo, é fundamental que os estudantes de licenciatura em Educação Física estejam atentos a essas questões, especialmente, tendo em vista a abordagem de seus professores.

E10: Nas aulas teóricas e também práticas acho que os professores pedem pra gente ter respeito, ser coerente com a entrega dos trabalhos, ter responsabilidade.

Os professores, além de respeitar os estudantes, respeitam também sua condição de professor enquanto fundamental na contribuição de uma cultura docente voltada para o desenvolvimento das questões éticas. Nesse sentido, tornam-se responsáveis em transmitir pelo diálogo o que julgam ser necessário para a formação do estudante, tanto para sua vida profissional quanto pessoal. Como lembra Jares (2008, p. 32), junto com o respeito, o diálogo é essencial para a convivência, pois não há possibilidade de convivência sem diálogo.

No entanto, talvez por não perceberem a ética contida nas atitudes dos professores, alguns estudantes acabam tendo uma percepção negativa sobre a ética durante as aulas teóricas.

E3: *Nas disciplinas teóricas não é muito abordada, a não ser a disciplina de Ética, a palavra ética é muito pouco escutada.*

Além disso, expressões como “a ética é pouco abordada”, “acho que não é muito falado” e “nas teóricas e nas práticas muito pouco”, encontradas nos discursos dos estudantes E4, E7 e E13, respectivamente, tendem a uma percepção negativa, talvez por não apresentarem uma percepção aprimorada sobre as atitudes dos professores e também pelo fato de os estudantes acreditarem ser necessário que os professores cite o termo *ética* nas disciplinas mais teóricas. Um dos professores, P7, faz questão de esclarecer ao dizer que “*não chamo a atenção deles com a palavra ética*”.

Pressupondo a discussão feita anteriormente, sobre o conceito de ética, ao se analisar a concepção dos estudantes chegou-se à conclusão de que o conceito de ética se reduziu a um conjunto de normas a serem seguidas na sociedade. Além disso, a maioria dos entrevistados utilizou o termo *ética* para se referir à ação, visto que vinculam o termo *ética* com o comportamento das pessoas, cuja ética acaba então, representando a conduta do ser humano. Logo, isso é perfeitamente verificado no discurso dos estudantes quando questionados sobre as atitudes éticas dos professores nas aulas práticas, na medida em que percebem a presença da ética muito mais nas disciplinas práticas do que nas teóricas.

E5: *Eles têm cuidado com o aluno quanto à atividade, quanto ao exercício!*

E9: *Os professores têm respeito com os alunos, pois cada um tem um grau de dificuldade, isso tu percebe na prática, pois na teórica tu não percebe tanto.*

Ao que parece, fazer a mediação entre teoria e prática é extremamente difícil, pois os dois caminhos parecem se dividir. Desde a Antiguidade grega, que exaltava a atividade contemplativa ao conceber que o homem se aprimora quando investe na teoria, discute-se sobre teoria e prática. É preciso lembrar que Aristóteles foi um dos primeiros filósofos a fazer a divisão clássica entre teoria e prática, esta existindo por meio do agir e do fazer.

Sabe-se atualmente que os extremos podem ser perigosos na prática docente. O entrelaçamento entre teoria e prática ocorre com o aprimoramento do conhecimento mediante a experiência, motivo pelo qual alguns estudantes parecem não perceber o quanto as atitudes éticas nas aulas teóricas podem ser contempladas por meio de posturas de respeito, cuidado, responsabilidade, comprometimento, solidariedade, etc. No entanto, alguns discursos levam à

manifestação positiva quanto às atitudes dos professores, pois, como sinaliza uma das estudantes, a ética também pode ser percebida durante as disciplinas teóricas:

E5: Pela forma deles atenderem individualmente cada aluno, nos seus questionamentos ou na disponibilidade que eles têm de conversas fora da sala de aula, o comprometimento que eles têm com o aluno, de tá dando a informação mais correta e mais atual.

A capacidade interpretativa da estudante reconhece o comprometimento do professor como um dos princípios éticos fundamentais na prática docente numa tendência voltada ao agir e não apenas ao fazer técnico. Em síntese, parece ser assim que alguns estudantes aprendem a refletir sobre a ação, a refletir sobre atitudes éticas, como assinala um dos professores:

P8: Eu tenho discutido muito com os meus alunos o papel do professor de Educação Física, tanto do professor como da disciplina, essa questão de problematizar com eles o que é o papel da Educação Física, né, porque ela é uma disciplina que tem a sua importância, qual é o papel deles como professores naquela escola formando futuros cidadãos, então, essa discussão da dimensão ética é a forma como eu tenho problematizado com eles a questão ética, até para eles perceberem como essa dimensão está presente a todo momento!

Parece não importar a disciplina, pois a maioria dos professores reconhece o quanto procuram debater as questões éticas do cotidiano e trazê-las para o contexto do estudante, “do que é correto na postura do professor, no relacionamento professor e aluno, dentro da sala de aula, o que é permitido e o que não é permitido” (P5). O fato é que, entre teoria e prática, o estudante de Educação Física parece encontrar nas aulas teóricas apoio ao conhecimento e à reflexão e, na prática, caracterizada como prática física, a chave para aprimorar o conhecimento, intensificar a experiência e cultivar maneiras de se comportar em relação ao outro, ou seja, encontrar perspectivas que viabilizem novos caminhos para uma melhor compreensão sobre a complexidade existente no mundo da prática de ensino.

Recorde-se que para Pimenta (2002, p. 93) a prática não fala por si e exige com ela uma relação teórica. Além disso, ao lidar com pessoas, como aponta Paviani (2005, p.12), o professor precisa ter clareza sobre as possibilidades e os fins do ato de educar. Levando em consideração o momento de vida de cada um, alguns estudantes ainda não percebem as relações de complementaridade que se criam entre uma aula teórica e prática. O que se espera é que, futuramente, consigam explorar melhor as sinergias possíveis entre o conhecimento teórico e a capacidade de discernimento quanto às atitudes que se forjam no meio educacional. De acordo com um dos professores:

P7: Me posiciono sempre e às vezes eu não chamo a atenção deles com a palavra ética, mas no meu modelo, eu acredito que eu enfatizo isso seguidamente nas aulas, dando sempre prioridade à qualidade deles e não a conteúdos, isso aí está bem claro pra mim e eu cobro é mais a postura do que propriamente o conteúdo.

No discurso de P7 está contida a preocupação com a conduta ética, na medida em que parece auxiliar e oferecer oportunidades aos estudantes que buscam uma educação que valoriza a preparação da vida ativa, com ensinamentos para o enriquecimento pessoal, visto que toda ação pedagógica deve levar em conta o futuro de seu aluno em relação ao vir-a-ser. No mesmo sentido, o discurso do estudante E10 aponta o quanto é possível refletir sobre os princípios éticos através das atitudes dos professores universitários, embora persista a ideia de que a palavra *ética* deva ser explicitada.

E10: Pelas atitudes dos professores, tu analisa as condutas que o professor tem contigo, em dar aula pra ti e isso tu tenta passar pros teus alunos também, mas falar mesmo pro acadêmico, explicar o que é ética, é difícil nas disciplinas, só mesmo especificamente, na disciplina de ética profissional.

Ao analisar as atitudes, a conduta do professor nas aulas e, de certa forma, transferir isso para sua prática com os alunos no estágio escolar, o estudante E10 faz uma rica reflexão ética na medida em que, julgando as atitudes dos professores de acordo com seus critérios de aprovação, transfere as mesmas para a sua prática com os alunos. Um exemplo claro do que foi exposto por Freire (2006, p. 65), ao dizer que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que os alunos fazem dele ou dela, ou seja, todos deixam alguma marca no aluno, o que vem ao encontro do que um dos professores aponta:

P5: Talvez não se aborde ética além da disciplina ética profissional, mas eu acredito que todos os professores no curso de Educação Física, eles conversam muito sobre atitudes éticas, do que pode ou o que não pode, do que é ou não é permitido e a própria questão do professor como exemplo né, isso é característico, desde as idades menores, que têm o professor como ídolo, na graduação evidente que isso muda um pouco, o professor não é o ídolo, mas por exemplo, através da avaliação online que agente tem aí há alguns anos, muitos alunos escrevem nas suas mensagens o seguinte: quando eu me formar eu quero ser um profissional como você. Bom! tá espelhado que as atitudes que a gente tem, as boas e as ruins, elas aparecem pros alunos.

De um modo geral, os estudantes de Licenciatura em Educação Física parecem vivenciar uma diversidade de princípios éticos durante a trajetória acadêmica, mesmo que, para alguns, isso não esteja tão claro devido à dificuldade de identificar os princípios éticos durante as aulas teóricas. No entanto, quanto às atitudes éticas em relação ao trabalho com o corpo do outro durante as aulas práticas, os estudantes parecem constatar por meio da

percepção do respeito, da responsabilidade e do cuidado com o outro, que esses princípios éticos são vivenciados constantemente durante sua formação acadêmica.

E2: Nas aulas práticas, ter cuidado com o aluno quanto à atividade, quanto ao exercício.

E5: Na prática, o suporte que eles dão na individualidade de cada um, a cobrança diferente pra cada aluno, que eu acho que é nas aulas, é isso, é na questão individual.

Os professores conhecem bem o público-alvo para qual o trabalho é desenvolvido, sabendo os riscos de segurança física, inerentes ao próprio ato de se movimentar, e a atenção quanto às características pessoais que constituem a personalidade do estudante, podem ser traduzidos como uma questão de cuidado dos professores durante as aulas práticas. Todavia, é possível afirmar que em todas as disciplinas, teóricas e práticas, os estudantes de Licenciatura em Educação Física tem a oportunidade de vivenciar o comprometimento dos professores com a formação docente.

Ao analisarem a forma como os professores conduzem as questões éticas durante as disciplinas, é preciso lembrar Kuiuava (2006, p. 35) ao dizer que é à luz da ética que é possível avaliar o agir humano, sem que seja reduzida a uma questão meramente subjetiva, mas na relação com o outro. Nesse sentido, respeitando os critérios que cada estudante tenha escolhido para analisar as atitudes do professor universitário durante as aulas, retoma-se a questão de que tudo que o professor faz tem uma repercussão para o estudante, o que poderá influenciar significativamente as atitudes dos futuros professores de Educação Física.

4.2.4 A influência das atitudes dos professores universitários

A última questão levantada nesta pesquisa teve o objetivo de analisar a influência das atitudes dos professores para a formação ética dos estudantes, cujas percepções tendem a transpor uma imagem extremamente positiva para os professores. A tendência em reconhecer que os professores fomentam valores e atitudes éticas durante sua prática e o quanto os estudantes estão atentos a essa questão podem ser observados em vários discursos.

E2: Com certeza, a gente acaba se espelhando né, em alguns professores, aqueles que cativam mais, vamos dizer assim, na forma de trabalhar, de pensar, das atitudes.

E5: Eu acho que sempre vai ter um professor que vai servir de modelo, pelo comportamento, pelas atitudes, pela forma que ele te trata como ser humano.

Ao perceber a presença significativa do professor durante a formação docente, as ideias dos estudantes decorrem de uma consciência ética, visto que acabam efetivando seus próprios julgamentos, ao afirmarem que os professores se tornam exemplos. Uma das funções do professor universitário é transmitir, de fato, os primeiros conhecimentos específicos sobre a futura profissão aos estudantes do curso Licenciatura em Educação Física. No entanto, ao fazer parte dessa etapa tão importante da vida do estudante, o professor universitário se torna também um orientador de vida.

E1: Eu tinha uma vida noturna bastante forte, eu fumava, eu bebia diretamente né, saía em festas e no decorrer do tempo, com estudo aprofundado e se baseando sim, em alguns professores, eu mudei meus atos de vida, eu mudei não só a parte de alimentação, de regradar a atividade física, mas sim, deixei de fumar, de beber. Essas atitudes não tive mais em minha vida e pode ser dada assim, em alguns professores do nosso curso e acaba contribuindo sim para a responsabilidade também.

O trabalho docente, ao incluir responsabilidade, cuidado, comprometimento, cooperação, ajuda e diálogo, oportuniza uma melhor análise sobre como a prática educativa pode ser pensada, questionada, repensada e elaborada. Como lembra Pizzi (2008, p. 329), não se pode pensar a docência simplesmente como um trabalho relacionado a uma remuneração e a uma jornada de trabalho ou, então, à transformação que utiliza meios e técnicas para a geração de determinados produtos. É fundamental entender que quando se fala em docência se trata de uma relação entre seres humanos, cuja característica fundamental destaca a formação das pessoas, com uma dimensão vivencial e humana sem precedentes.

Participar da formação do futuro professor, que está sendo engendrado pelos fenômenos tão complexos da educação, implica considerar os diferentes valores e registros que marcam esse processo na memória dos estudantes. As atitudes do estudante podem ter seu dinamismo definido em algumas situações mediante o julgamento que faz a partir das atitudes dos professores, motivo pelo qual, o professor universitário muitas vezes acaba sendo um exemplo a ser seguido, como afirma um dos professores:

P9: O que contribui na realidade na vida do estudante, seja então, pegando o aspecto das questões éticas é justamente o referencial que cada um acaba construindo em termos de parâmetros em relação a seu professor até, e muitas vezes, eventualmente, até dos seus colegas né. Agora, a estrutura do curso ou o caminho do curso dentro do projeto pedagógico, de tentar transformar isso, eu não consigo enxergar os resultados, não sei até que ponto de repente isso pode, pode acontecer, porque realmente concordo na medida em que há uma dificuldade muito grande dentro da própria instituição, que tu eventualmente pegas um determinado discurso, não só no aspecto ético mas, também pedagógico, metodológico, enfim, e na realidade, os estudantes acabam se defrontando com uma outra realidade fora da instituição!

O professor P9 coloca em evidência uma questão desafiadora, tendo em vista que lembra o choque existente entre a formação acadêmica dos estudantes e a realidade que enfrentam fora da instituição. Por várias vezes, o professor P9 deixa clara sua posição ao dizer que “*a melhor forma de educar é pelo exemplo*”, seja em qualquer âmbito de socialização. Justamente por isso, a partir de suas concepções, procura

P9: falar com os alunos, comentar, ou seja, tentar ser um exemplo dentro daquilo que eu acredito que é o fato de que a educação, de repente, e a Educação Física tem essa função de tentar transformar a sociedade a partir disso, e estou até um pouco, pra não dizer assim, desmotivado, mas um pouco receoso até aonde a gente vai conseguir atingir isso né.

Segundo Paviani (2008, p. 21), devido à área de ambigüidades e de imprevisibilidade no trabalho docente é muito difícil descrever, analisar, interpretar e avaliar os resultados desse trabalho. A problemática do encontro com os problemas concretos do cotidiano liga-se estreitamente ao receio do professor P9 de que os estudantes de Licenciatura em Educação Física não percebam a magnitude existente quanto ao compromisso com a qualidade pedagógica do ensino da Educação Física, na medida em que assume não saber até que ponto é possível atingir o estudante com suas concepções de vida. No momento em que entende o porquê dos desânimos que atingem sua prática docente, o professor P9 reconhece que a vida cotidiana não é fácil e tem consciência de que o exemplo é um requisito educacional inerente à profissão docente.

Paviani (2008, p. 27) também recorda que a ação é mais do que um ato isolado, é um domínio, é um conjunto de elementos e pode-se afirmar, em síntese, que toda ação (conduta, comportamento) tem duas bases nucleares: de um lado encontram-se os motivos (interesses, emoções, razões) e, de outro lado, as regras (sociais, morais, jurídicas). São os motivos e as regras que permitem tomar as decisões que dão origem às ações. No caso do professor universitário, a intenção contida por meio de atitudes não escapa ao olhar dos estudantes, que ressaltam o quanto julgam corretas ou não as ações pedagógicas.

E13: Os professores influenciam em dois sentidos: o bom, aquele que tem um exemplo positivo, que tu vai seguir, tu vai lembrar do teu professor, tu vai dizer: bah! Essa atitude foi legal e o exemplo negativo né? Essa atitude eu jamais faria como professor. Então eu acho que contribuem positivamente e negativamente porque quando tu tá dando aula tu tá sendo analisado né? Então, por mais que a gente saiba que vai ser professor, a gente analisa já eles e a gente já tira muita coisa dali.

O estudante apresenta sensibilidade para perceber a importância das intervenções do professor no seu processo de formação docente. Segundo Bauman (1997, p. 25), o que nós e os outros fazemos tem efeitos colaterais que podem abafar bons propósitos e produzir

desastres que não queríamos ou vislumbrávamos. Dessa forma, fundamenta-se a importância da análise crítica que estudantes e professores apresentam sobre os hábitos pedagógicos que emergem do contexto acadêmico, pois como afirma outro estudante *“os professores influenciam nos dando a base, só direcionando e daí, a gente conduz da melhor forma”*. (E9).

Como já exposto no segundo capítulo desta pesquisa, todo processo de formação supõe troca, interações sociais, aprendizagens, visto que ninguém se forma sozinho. (NÓVOA, 2000, p.17). Todavia, é possível encontrar discursos desfavoráveis de alguns estudantes em relação a esse inevitável processo de interação e de vivência de valores com os professores. Por esse motivo, justificou-se, na revisão de literatura, o quanto as manifestações no campo educacional se encontram ligadas à experiência de vida de cada um, nas suas formas de se relacionar, interagir e refletir sobre si e os outros.

E4: Olha! Eu acho difícil sabe. No meu caso assim, eu trabalho já faz algum tempo com o esporte, então pra mim eu já tenho um estilo de trabalho, já tenho uma maneira de ver as coisas, de trabalhar, acho que o que eles me dizem assim, a maioria das coisas eu já sei, já sabia ou já tinha aprendido na prática, mas a princípio é pouca coisa que eles possam contribuir na minha maneira de dar aula.

É perfeitamente compreensível que cada pessoa desenvolva percepções a partir de suas experiências. Como apontou o professor P9, os professores podem pregar discursos éticos, pedagógicos e filosóficos, mas a realidade fora da instituição se constitui em uma importante via de acesso ao desenvolvimento de valores e de critérios de análise e julgamento. No entanto, em que pese as dificuldades no cotidiano de estudantes e professores, encontra-se no interior de seus discursos um espaço de intervenção e interação bastante fértil, o que não é percebido pelo estudante E4 ao apresentar uma visão desfavorável quanto às experiências com seus professores.

Quando ressalta que *“eu já tenho uma maneira de ver as coisas”*, o estudante E4 parece manter firme uma posição resistente a mudanças, visto que, nesse momento, apresenta pouca capacidade de enxergar as experiências que vivencia com os professores universitários e o quanto é possível integrar essas experiências a um processo de crescimento pessoal e global. Além disso, E4 ressalta que trabalha com o esporte e já tem um estilo predeterminado. Segundo Vaz et al. (2003, p. 90), um dos vetores mais fortes da Educação Física é a preparação para o mundo da competição, da performance, da velocidade, do véu tecnológico e da maquinização do corpo, e os esportes podem ensinar a dominar melhor o corpo e a potencializá-lo para as disputas. Porém, cabe lembrar que o esporte pode desenvolver atitudes de companheirismo, cooperação e responsabilidade, cabendo aos futuros professores saber

distinguir as experiências oportunizadas pelo esporte de alto rendimento e pelos jogos praticados na escola. Os jogos na escola, aliás, se constituem em importante espaço para a difusão de valores, elemento fundamental à inclusão de uma Educação Física voltada para o desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade.

Observa-se que os discursos se tornam frutos de histórias de vida, e para que o sentido mais profundo de cada fala fosse compreendido, seria necessário conhecer o processo percorrido pelos participantes. No entanto, como disse Freire (2006, p.112), “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”. Justamente por isso, a prática de ensino no curso Licenciatura em Educação Física se constitui em um momento de preparação, de intervenção pedagógica, quando o estudante de Educação Física poderá fazer o *link* entre as disciplinas teóricas e práticas, assim como a análise da prática educativa de cada professor. Entende-se que, a partir desses fatores, é possível que o estudante reflita criticamente a dimensão contida na prática pedagógica dos professores universitários, bem como a da futura prática pedagógica do próprio estudante nas escolas ou em qualquer outro âmbito de socialização.

Nessa discussão, cabe ainda dizer que é imprescindível o reconhecimento do outro nas relações que estabelecemos, independentemente do ambiente em que tais relações ocorram, pois ninguém se educa ou se forma sozinho, mas num constante movimento de abertura e também de fechamento entre as relações humanas. Mesmo assim, um dos estudantes acredita ser difícil mudar a maneira de ser de uma pessoa ao dizer que “*os professores contribuem, mas eu acho que a maior parte já tá dentro de cada um [...] eu acho que a gente já vem com uma base formada*”.(E8). Esse discurso vem ao encontro do que outro estudante aponta:

E11: *Eles passam a teoria, o teu jeito, a tua forma de ser pode alguém alterar alguma coisa ou te ajudar, dar alguma sugestão, a essência tu não muda, não tem como, alguma coisa tu pode ir lapidando, arrumando com o tempo, o teu jeito, tua forma de ser, a essência nunca muda, eu acho.*

Como aponta um dos professores, P4, “*é possível contribuir com uma pequena parcela, mas vai depender da percepção individual de cada aluno*”. Durante a trajetória acadêmica, o estudante desfruta de conhecimentos e informações. Há, nesse sentido, a participação ativa de todas as pessoas envolvidas nesse processo de formação, no qual professores e estudantes se constituem mutuamente mediante a comunicação e a expressão de várias formas. O estudante E11 reconhece a existência de troca de experiências entre estudantes e professores, mas acredita que a essência do ser humano não muda. Essa essência, da qual o estudante E11 faz referência, possivelmente diz respeito à educação obtida desde a

infância, por meio dos hábitos e valores que emergem das primeiras relações sociais, pois, como lembra Sá (2001, p. 52), a educação de origem é importantíssima e deve ser ministrada através de exemplos, sugestões, cobranças suaves e de vigilância permanente sobre o aprendizado.

Nesse sentido, o discurso de E11 parece apresentar uma forte internalização de valores que adquiriu da família a qual pertence, mas se rende à influência que outras pessoas têm em seu cotidiano, quando diz que *“alguma coisa tu pode ir lapidando, arrumando com o tempo”*; e, como lembra um dos professores,

P1: a todo momento a gente pode contribuir com alguma coisa, eu acho que todo momento a gente pode mudar, não tem idade para se aprender, não tem idade que não se possa aprender alguma coisa nova ou mudar os próprios conceitos.

A experiência de P1 lhe permite maior percepção e consciência sobre a permanente possibilidade que o ser humano tem de aprender, criar e transformar, ou seja, de que o ser humano inevitavelmente se encontra em um processo de formação contínua e inacabada, cujo sentido para mudança se encontra nas relações que as pessoas estabelecem entre si.

Na relação entre professor e estudante, os professores por meio da experiência, percebem as incertezas e as necessidades dos estudantes no desenvolvimento profissional e pessoal, procurando basear sua prática não apenas em conhecimentos teóricos e científicos, mas especialmente num conjunto de valores, visto que, ao terem um compromisso com a prática docente, podem contribuir significativamente para a formação ética dos estudantes, e como aponta uma das professoras:

P8: Acho que a gente tem um compromisso, porque eu penso assim: porque estaríamos aqui né, se nós não tivéssemos todo esse compromisso, eu acho que é fundamental, eu vejo que essa questão de mostrar, de discutir com eles, de refletir sobre as questões, das atitudes, de valores do próprio desenvolvimento, da reflexão constante disto com eles, como estou me comprometendo nesta aprendizagem, qual é minha responsabilidade, que tipo de atitude eu tenho frente a esse processo de formação, a aprendizagem da disciplina, a questão da entrega de trabalhos, da autonomia, de fazer as leituras necessárias, quer dizer, essas posturas.

De acordo com Sá (2001, p.52), a consciência ética é um estado de mente e espírito, por intermédio do qual aceitamos modelos para conduta e efetivamos julgamentos próprios, cuja consciência se forma com parcelas de informações, ensinamentos, observações, percepções, etc. Essa ideia vem ao encontro do discurso de P8, visto que a professora tem consciência de sua função docente, na medida em que acredita numa educação fundamentada no diálogo e na reflexão. A professora organiza os ensinamentos de acordo com uma visão que une os conhecimentos da disciplina aos valores que acredita ser fundamentais para o

exercício profissional. Sua prática pedagógica procura tornar os estudantes mais conscientes de suas responsabilidades e capazes de perceber o quanto os professores contribuem para a formação da conduta docente.

E6: Eles influenciam, com certeza. Mais o modo que eu me espelho é o modo de dar aula, da didática assim, do jeito de falar, de chamar a atenção, isso que eu tenho de espelho dos outros professores, tento fazer como eles.

Mesmo que a relação entre estudantes e professores universitários possa se dar via prática de ensino, a reflexão permanente durante esse processo de formação contribui para que o estudante incorpore a dimensão ética em sua formação e consiga, da melhor maneira possível, adequar esse conhecimento em diferentes contextos. A universidade se torna, então, um formidável campo de aprendizagem ou reforço de questões éticas; aliás, como lembra um dos professores, “*é muito difícil você não querer aprender ou mudar, pois tem o contexto, as relações*” (P6). Mesmo que muitos valores e ideias possam estar internalizados desde a infância, as pessoas se transformam de acordo com as necessidades e possibilidades que emergem das relações.

A fase acadêmica, quando formação profissional é guiada pela experiência dos professores e pelo convívio com os colegas, constitui-se como base inicial. Posteriormente, o convívio com outros colegas de profissão possibilitará uma evolução contínua, com novos conhecimentos, com evolução de saberes e hábitos. Contudo, durante a formação docente em Educação Física, um aspecto fundamental é lembrado por uma das professoras, ao dizer que “*ainda existe toda uma preocupação muito grande dos alunos com uma dimensão muito técnica; então, a dimensão ética acaba ficando num segundo plano*”. Essa problemática liga-se provavelmente à preocupação constante com uma boa colocação no mercado de trabalho, pois a ideia de que uma formação técnica e instrumental insuficiente pode comprometer esse aspecto, compromete da mesma forma a atenção dos estudantes quanto às questões éticas.

No discurso de estudantes e professores, encontram-se respostas quantitativas e qualitativas em relação à presença positiva do professor universitário, salvo poucas exceções. Entretanto, para poder responder ao conjunto de funções às quais o professor pode atender, não cabe fornecer apenas palavras, mas atitudes de exemplo. Sabe-se que, na realidade social, articulam-se desejos ambiciosos, comportamentos adversos e pessoas conseqüentemente mais desconfiadas e agressivas, fruto de uma sociedade em mudança cada vez mais rápida e na qual a ética, nesse sentido, parece se tornar uma utopia.

Cabe aos estudantes e professores acreditarem que a ética é um bem valioso, criada pelos homens como forma de manter relações condizentes entre as pessoas, de acordo com o

contexto em que convivem. Sob essa ótica, precisam estar abertos a mudanças e, embora um pouco óbvia, a expressão-chave parece ser a de criar o hábito de reconhecer o outro que está ao nosso lado como elemento fundamental pelas transformações que cada um passa e acreditar no quanto é possível contribuir para formação ética das pessoas, especialmente mediante a capacidade de colocar-se em seu lugar.

Segundo Pimenta (2002, p. 92), a atividade teórica possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas, para produzir tal transformação, não é suficiente atividade teórica; é preciso atuar praticamente:

P9: Possivelmente, essa transformação ocorra na medida em que professores, mais ou menos, mantêm dentro da sua vida acadêmica e também paralelamente dentro de sua vida pessoal, uma postura de vida, um conceito de moralidade, de princípios éticos, digamos assim, né, e que acabam de repente refletindo para o estudante como um exemplo a ser seguido.

No aspecto geral, os professores do curso Licenciatura em Educação Física apresentam discursos condizentes com seu atual nível intelectual, tendo em vista a evolução do conhecimento e dos saberes atribuídos à docência, mediante os dilemas da ação pedagógica. A ampla gama de conhecimentos que a experiência lhes permite causa uma série de efeitos de caráter positivo às suas percepções e, conseqüentemente, torna suas atitudes pedagógicas de certo modo mais eficientes, especialmente quando os estudantes encontram neles um exemplo a ser seguido. Se, por um lado, uma minoria de estudantes tende a desconsiderar a influência dos professores em sua formação ética, por outro lado, a maioria dos estudantes considera o quanto os professores deixam transparecer atitudes que julgam estar adequadas à docência.

Tendo em vista que o ser humano se constitui por meio das relações que estabelece no contexto histórico, social, econômico e cultural, cabe aos professores e futuros professores de Educação Física entender e aprofundar continuamente as questões referentes à formação ética. A partir disso, poderão adquirir princípios e valores que os ajudem a estabelecer uma prática pedagógica preocupada com a manutenção do outro por meio de comportamento baseado na prática do respeito, da responsabilidade, do cuidado, do diálogo e da solidariedade, ou seja, na prática do bem. Atitudes, aliás, que deveriam ser aprendidas e desenvolvidas desde a primeira infância, como base para a orientação de uma vida mais digna e feliz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que norteou esta pesquisa foi: Como o curso Licenciatura em Educação Física tem contribuído para a formação da atitude ética no trabalho docente com o corpo? Na tentativa de buscar uma resposta a essa pergunta, a pesquisa descreveu as percepções dos entrevistados quanto a questões referentes à ética e ao corpo na formação docente em Educação Física. Entretanto, é necessário observar que, às vezes, as percepções dos entrevistados podem não corresponder aos conceitos que sustentam todo o projeto de graduação do curso. Mesmo porque, os conceitos, conforme estudos de Bombassaro (1995), tendem a constantemente mudar e adquirir sentido a partir de um quadro teórico pressuposto.

Nesse sentido, a percepção sobre a formação de atitudes éticas corresponde ou devem corresponder a determinados conceitos éticos vigentes numa determinada comunidade ou organização, ou, ainda, à formação, pois parece que os entrevistados não têm dúvida sobre a relevância das normas éticas para um convívio harmonioso entre os seres humanos. Mas o conceito de ética põe o problema da distinção de outra questão, que é a da moral. Desse modo, observa-se que as percepções de atitudes éticas, invariavelmente confundidas com moral, precisam ser repensadas dentro da proposta das mudanças conceituais. (BOMBASSARO, 1995).

Foi possível perceber que os estudantes apresentaram maior dificuldade em definir ética, motivo pelo qual, na expressão linguística habitual dos estudantes, os termos *ética* e *moral* apresentaram o mesmo sentido e foram conduzidos à questão da conduta humana em todos os âmbitos de inserção.

Ao sobrevoar questão tão ampla, é preciso entender que a moral está mais relacionada às questões do cotidiano de cada um; já o saber ético parece precisar de um estudo mais aprofundado. No entanto, imersos em manifestações e expressões de toda espécie, estudantes e professores são o produto de um certo mundo temporal e cultural e, portanto, a maneira de pensar e agir é orientada por padrões éticos estabelecidos pelo contexto em que cada um se insere, embora, muitas vezes, muitos possam não perceber essas questões.

Durante a trajetória acadêmica, o conhecimento e o entendimento sobre ética podem ser desenvolvidos mediante relações entre o conhecimento, a aprendizagem e aquilo que é vivenciado diariamente. Diante da dificuldade em definir ética, especialmente por não possuírem um conhecimento filosófico mais aprofundado, a ética para os estudantes esteve sempre vinculada à ação, embora o ponto de partida para analisar os fundamentos das atitudes dos professores universitários, no que diz respeito à prática docente, tenha sido uma reflexão

mediada por princípios e valores que cada estudante mantém em sua vida e que também reflete em suas atitudes.

O comportamento distingue cada ser humano dos outros, de acordo com atitudes que, com o tempo, em função da repetição, acabam se tornando um hábito. Por esse motivo, as ideias da filosofia prática de Aristóteles, pilares da ética ocidental, estiveram presentes para fundamentar a importância da ética durante a formação docente, tendo em vista que professores habituados a valorizar uma educação voltada para princípios éticos podem tornar mais fácil o processo de entendimento do estudante quanto a essas questões.

As experiências vividas durante a trajetória acadêmica dos estudantes somam-se às anteriores e proporcionam o aprimoramento do sentido atribuído à palavra ética. A palavra *respeito* e a expressão *cuidado pelo outro* parecem ajustar-se para caracterizar a realidade vivida por esses estudantes durante sua formação acadêmica, e os termos *responsabilidade* e *comprometimento* com a profissão aparecem como princípios éticos ligados ao modo de agir pedagógico dos professores universitários, capazes de repercutir em todos os domínios da vida do estudante.

Os professores universitários, profissionais com conhecimentos técnicos e pedagógicos, vinculados à experiência de vida, são analisados pelos estudantes como responsáveis e comprometidos eticamente durante as aulas teóricas e práticas do curso Licenciatura em Educação Física. Todavia, os estudantes têm dificuldade para constatar a presença da ética durante as aulas teóricas, visto que vinculam o termo especialmente às aulas práticas, nas quais consideram serem mais perceptíveis as atitudes dos professores em relação ao respeito e ao cuidado com as implicações éticas no trabalho com o corpo do estudante, assim como a preocupação dos professores em relação à futura prática pedagógica dos estudantes nas escolas.

Por meio do discurso dos estudantes, foi possível constatar que a entrada para a vida acadêmica contribui para a formação de atitudes éticas, na medida em que suas escolhas, decisões e atitudes tornam-se mais amadurecidas mediante reflexão sobre a multiplicidade de fatores que envolvem a educação. A universidade, continuação do enriquecimento pessoal e profissional torna-se um espaço para novas perspectivas, projetos e valores, que assinalam um momento ímpar na formação dos estudantes de Licenciatura em Educação Física, mesmo que alguns possam ainda não estar preparados para perceber isso.

Cada estudante, a partir da observação dos seus professores durante as aulas, e de informações indiretas de outros professores e de outros estudantes, cria uma representação dos professores universitários, o que torna essa questão muito interessante, tendo em vista a

importância em reconhecer os processos que levam o estudante a selecioná-los e categorizá-los, de acordo com seus próprios critérios de julgamento e, a partir disso, considerá-los como exemplos de vida. Do resultado da interação entre ambos surge o “professor exemplo”, que emerge dos padrões estabelecidos e vinculados a certas características, como: responsabilidade, respeito, comprometimento, cuidado com o outro, solidariedade, motivação, interesse, afetividade, disponibilidade, dentre outros.

No entanto, embora essas características possam estar presentes entre a maioria dos professores, cabe lembrar que a disponibilidade do estudante em perceber isso vincula-se ao fato de que precisa entender o modo de ser do outro, para, a partir disso, entender o quanto essa relação se complementa. Os professores do curso de Licenciatura em Educação Física parecem ter isso bem-claro mediante seus discursos e a ética, para eles, durante essa fase de formação do estudante, estabelece-se por meio do diálogo, com a intenção de orientar os estudantes a descobrirem a validade de valores e princípios éticos, para uma adequada intervenção em contextos distintos, ou seja, a ética, para os professores universitários, vincula-se à reflexão.

Embora constatada a presença significativa do professor nos discursos dos estudantes, é preciso considerar que uma minoria deles não atribuiu uma participação efetiva ou positiva do professor em relação a princípios éticos, visto que, em seu discurso, parecem tornar explícita a questão de que, a partir do momento em que certos valores e princípios são interiorizados, dificilmente se pode mudar. Esses discursos demonstram que as formas de percepção são múltiplas, e que certos fenômenos naturais, como a inevitável troca de experiências entre estudantes e professores, não podem ser vistos se não estamos preparados para observá-los. Nesse caso, pode-se dizer que o valor ético do esforço do professor é, pois, variável, de acordo com seu alcance frente ao estudante.

Sobre a concepção de corpo, os resultados obtidos demonstram que todos os professores percebem o corpo humano como uma totalidade física, emocional e social. A maioria dos estudantes também apresenta as mesmas considerações e também tende a eliminar o dualismo entre corpo e mente de seus discursos. No entanto, para alguns estudantes, o corpo se apresenta como um instrumento, e a preocupação com a colocação no mercado de trabalho parece desconsiderar o outro nas relações que estabelecem, visto que levam primeiramente em conta seu interesse, que corresponde ao objetivo que cada um pretende alcançar, ao ter optado por ser professor de Educação Física. Embora compreensível que cada escolha tenha um objetivo a ser alcançado, os estudantes parecem não perceberem ainda que pela forma de expressão e comunicação do corpo de uma pessoa pode-se julgar seu

caráter, seu aspecto cultural, suas intenções, motivações, alegrias ou tristezas, motivo pelo qual, imagina-se que num primeiro momento, o termo *corpo* possa remeter à compreensão de tudo que se passa no corpo.

O diálogo com o corpo é significativo na sociedade, pondo em dúvida muitas vezes a identidade de cada um, e o fenômeno global aí oscila entre o corpo visual e o corpo funcional. Nesse sentido, muitas vezes não é fácil perceber o emaranhado da relação existente entre corpo e ética. O problema não está em discursar sobre a diferença entre tais termos, mas perceber nessa relação que o ser humano se completa por meio das dimensões da ética, do corpo, da alma, da sociedade, da natureza, enfim, e que isso retrata o que verdadeiramente somos.

A análise empreendida, sob o enfoque das concepções e percepções sobre ética e corpo entre estudantes e professores universitários, constitui uma forma de entender a formação e/ou o desenvolvimento dos valores e princípios éticos durante a formação docente em Educação Física. Nesse sentido, procurou-se estabelecer um parâmetro entre os dois protagonistas do âmbito acadêmico, como forma de verificar os princípios subjacentes às suas atitudes. A perspectiva foi lançar um olhar específico sobre as atitudes em relação ao corpo do outro, cujos valores atribuídos ao corpo humano podem apresentar uma relação direta com a formação ética de cada um.

O conhecimento, como atividade intelectual dá ao homem a possibilidade de procurar compreender e explicar o mundo em que vive, abrindo novos horizontes e procurando achar algum modo de melhorar, continuamente, conforme o contexto e a época em que vive. Sabe-se que hoje a competência técnico-científica não é mais suficiente para se estabelecer na área da saúde, especialmente, no caso do professor de Educação Física. Em termos de diferenciação, o que vai se sobressair é a competência ética, de valores, cujo professor deverá estar preparado para trabalhar essas questões.

Para formar professores de Educação Física, com entendimento de qualidade e competência necessária para intervir com responsabilidade e comprometimento, propõe-se reflexão sobre essas questões, como forma de reinterpretação da ética e do corpo sobre a complexidade humana. Ao abordar ética e corpo, não se pode esquecer os resquícios e os condicionantes trazidos do contexto histórico. Todavia, espera-se professores com adequada formação pedagógica, técnica, científica e ética e ressalta-se que não basta ter conhecimento, mas é preciso atender às necessidades do público-alvo a ser atendido, cuja questão da ética não supõe pensar apenas em ter atitudes éticas em relação ao outro, mas ser ético em relação a

si mesmo, reconhecendo a importância em reforçar essa dimensão durante a formação docente.

Desempenhar um papel preponderante na defesa da atitude ética vem ao encontro de uma Educação Física com qualidade, por meio de experiências e práticas bem-sucedidas, projetos e ações dinamizados nas instituições de ensino, tendo em vista que a escola complementa a educação que vem de casa, e a universidade complementa a educação que vem de casa e da escola.

Ao optar pela docência em Educação Física, opta-se por uma profissão complexa, sempre em meio a tensões e dilemas relacionados ao corpo e ao movimento do ser humano. Justamente por isso, o tema inquietou a pesquisadora e a instigou a enfrentar o desafio de abordar dois temas extremamente complexos como ética e corpo. Acredita-se que é preciso exercer a função de professores e batalhar incansavelmente pela melhoria da qualidade na formação docente, demonstrando interesse em dar prosseguimento à dimensão ética no âmbito acadêmico. Qualquer professor tem o dever ético e moral de exercer a responsabilidade, o respeito e o cuidado com o outro, desafios educativos necessários para encarar a vida e a própria função docente. Situar-nos sob essas perspectivas parece ser essencial para todos os professores, especialmente quando seus discursos não são vazios, mas acompanhados de atitudes éticas.

Enfatiza-se a importância de uma produção cultural da ética, entendendo a cultura das atitudes éticas como conjunto de valores baseados no respeito pelo outro, pelos professores, pelos colegas; compromisso com a docência; adesão aos princípios de justiça, tolerância, cooperação, solidariedade e diálogo. O que se propôs, portanto, foi um mapeamento sobre as implicações epistemológicas, filosóficas, pedagógicas e éticas envolvidas no ensino da Educação Física.

Em relação à validade das entrevistas, é oportuno lembrar o que Bauer e Gaskell (2002, p. 266) entendem sobre isso. Os autores sustentam que a validade não é uma mercadoria que pode ser comprada com técnicas, mas com integridade, caráter e qualidade. Nesse sentido, as manifestações dos participantes podem garantir a validade das descrições, mas expressam a compreensão e o entendimento acerca dos temas até aquele momento, visto que cada um só pode se expressar em relação às experiências de vida e em relação à realidade em que vive atualmente.

O estudo qualitativo, por tentar captar as perspectivas dos participantes sobre o tema em questão, exigiu um esforço máximo da pesquisadora em ler, descrever e interpretar a linguagem dos participantes sobre dois temas extremamente complexos. As palavras e o

discurso apresentado, a partir da linguagem descrita, provavelmente não retrata com fidelidade toda a realidade envolvida, e o que fica é a interpretação possível desenvolvida em um determinado momento, sob uma certa ótica; motivações, inquietações e a certeza de que muito ainda há para ser dito por meio de outras questões e novas interpretações a partir de outros diferentes olhares.

No término deste estudo, constata-se que há dois anos atrás o tema era visto sob uma certa ótica. Hoje, entende-se com maior clareza o que há por trás de cada atitude, cuja capacidade em se colocar no lugar do outro assume um caráter mais aprofundado, mais consciente, mais ético. Nesse sentido, entende-se que o trabalho apresentado se constitui em uma tentativa de leitura de uma das perspectivas possíveis de se focar a ética e o corpo na Educação Física, embora muito ainda há para ser focado.

Por não se ter critérios éticos universais, toda vez que temos um dilema ético temos que ser coerentes, temos que nos colocar no lugar do outro, o que não é fácil, visto que a maioria das nossas atitudes são induzidas pela emoção e pelos instintos. A tarefa da ética, nesse sentido, envolve a reflexão e a análise de tentar sempre renovar o que não é justo ou pode não estar adequado às situações que vivenciamos, no caso do professor, uma reflexão contínua pela busca da identidade de um professor responsável, competente e preocupado com o outro, ou seja, um professor com atitude ética.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2 ed. São Paulo: Thompson, 1999.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Trad. de Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília: UnB, 1992.
- _____. *Política*. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1985.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Ética pós-moderna*. Trad. de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- BERTHERAT, Thérèse; BERSTEIN, Carol. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*. 19 ed. São Paulo: Fontes, 2001.
- BLEGER, José. *Psicologia da conduta*. Trad. de Emília de Oliveira Diehl. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- _____. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos. *Ciência e mudança conceitual: notas sobre epistemologia e história da ciência*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRUHNS, H. T. *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 2003.
- CARDOSO, Lílian A. de Maciel. Formação de professores: mapeando alguns modos de ser professor ensinados por meio do discurso científico-pedagógico. In: PAIVA, Edil V. de. *Pesquisando a formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COMDICA. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Estatuto da criança e do adolescente*. Caxias do Sul: Gráfica Murialdo, 2003.
- CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emílio. Trad. de Silvana Cobucci Leite. *Ética*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CRESPO, J. *A história do corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: Unesco, 2006.
- DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado. 2 ed. São Paulo: Fontes, 2005.
- DESLANDES, Suely F. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.
- DORON, Roland; PAROT, Françoise. *Dicionário de psicologia*. Trad. de Odilon Soares Leme. São Paulo: Ática, 2001.
- FÁVERO, Altair A. A responsabilidade ética na produção do conhecimento. In: PILCHER, Nadir A.; TESTA, Edimárcio (Org.). *Ética e educação*. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2007.
- FREIRE, João B.; SCAGLIA, Alcides J. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GARDNER, Howard (Org). *Responsabilidade no trabalho*. Trad.de Ayresnede Casarin da Rocha. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. 7 ed. Campinas: Papirus, 2004.
- GREINER, C. *O corpo*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- GUIMARÃES, Marcelo R. *Um novo mundo é possível: dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- HANS, Jonas. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. de Marijne Lisboa e Luis Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- HERMANN, Nadja. *Pluralidade e ética em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOURDAKIS, Antonie. *Aristóteles e a educação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- JARES, Xesús R. *Pedagogia da convivência*. Trad. de Elisabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- KATZ, H. T. *Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo*. Belo Horizonte: Helena Katz, 2005.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. A natureza cultural do corpo. In: SOTER, Sílvia; PEREIRA, Roberto. *Lições de dança 3*. Rio de Janeiro: Lidador, 2005.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Edusc, 2001.

KEMP, Kênia. *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus, 2005.

KUIAVA, Evaldo A.; SANGALI, Idalgo. Formação ética e valores morais no processo de ensino e aprendizagem. In: KUIAVA et al. *Filosofia, formação docente e cidadania*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

_____. Ética e filosofia política. In: KUIAVA, Evaldo A.; WAISMANN, Moisés. *Aspectos filosóficos e econômicos*. Caxias do Sul: UCS/Nead, 2006.

_____. A responsabilidade como princípio ético em H. Jonas e E. Levinas: uma aproximação. *VERITAS*, Porto Alegre, v. 51, n.2, p. 55-60, jun. 2006.

_____. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Levinas*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

_____. Ciência e ética. In: LAZZAROTTO, Valentim (Org.). *Teoria da ciência: diálogo com cientistas*. Caxias do Sul: Educs, 1996.

LA TAILLE, Yves de. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEAL, O.F. *Corpo e significado*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIMA, Mônica Annes de. O mal-estar docente e o trabalho do professor: algumas contribuições da psicanálise. In: PAIVA, Edil V. de. (Org.) *Pesquisando a formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIBÂNEO, José C. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARINHO, I. P. *História geral da Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Cia. Brasil, 1980.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: GIANNOTTI, José A. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da percepção*. 2.ed. São Paulo: Fontes, 1999.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Trad. de Roberto Leal Ferreira, Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Fontes, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

MIZUKAMI, Maria da Graça N.; REALI, Aline M. R. *Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

NEIRA, Marcos G. *Educação Física: desenvolvendo competências*. São Paulo: Phorte, 2003.

NÓVOA, António (Org.) *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Ltda, 2000.

_____. *Profissão professor*. 2. ed. Portugal: Porto, 1995.

ODY, Leandro Carlos. Educar para os valores morais: a busca da educação por um agir ético. In: PILCHER, Nadir A.; TESTA, Edimárcio (Org.). *Ética e educação*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2007.

OLIVEIRA, Vitor. M. de O. *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAVIANI, Jayme. *Platão & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. O agir formativo do professor. In: KUIAVA et al (Org.). *Filosofia, formação docente e cidadania*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2008.

_____. O corpo humano: objeto e sujeito. *Rev. Húmus*. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

_____. *Problemas de filosofia da educação*. 7. ed. Caxias do Sul: Educus, 2005.

_____. *Formas do dizer: questões de método, conhecimento e linguagem*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

PAQUAY et al. *Formando professores profissionais: quais estratégias?quais competências?* Trad. de Fátima Murad e Eunice Gruman. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIMENTA, Selma G. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PICHLER, Nadir A.; TESTA, Edimárcio. *Ética e educação*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2007.

PIZZI, Jovino. Ética e docência: profissionalismo e cidadania. In: Evaldo; SANGALLI, Idalgo J; CARBONARA, Vanderlei. (Org.). *Filosofia, formação docente e cidadania*. Ijuí: Unijuí, 2008.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. *Diálogos*. Trad.de José C. de Souza, Jorge Paleikat e João C.da Costa. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Trad. de Marcelo Perine. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Trad. de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Fontes, 1999.

SÁ, Antonio L. de. *Ética profissional*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. *Ética*. Trad. de João Dell'Anna. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 1987.

SEVERINO, Antônio J.; FAZENDA, Ivani C.A. *Formação docente: rupturas e possibilidades*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SOARES, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 1994.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOJAL, João B. et al. *Ética profissional na Educação Física*. Rio de Janeiro: Shape: Confef, 2004.

TOJAL, João B. *Da Educação Física à motricidade humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

TRIVINÕS, Augusto. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUNES et al. O professor e o ato de ensinar. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n.126, p. 689-698, set./dez. 2005.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física*. Caxias do Sul, 2007.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. *Projeto Pedagógico UCS licenciatura/Formação Comum. Pró-Reitoria de Graduação*. Org. Márcia Maria C.dos Santos; Siloe Pereira; Tânia M de Azevedo. Caxias do Sul: Educs, 2004.

VAZ, Alexandre, et al. *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

ANEXOS

ANEXO A



Declaração

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: ***Ética e Corpo na Formação Docente em Educação Física*** e como esta Instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Caxias do Sul, 24 de março de 2009.

Prof. Ms. Paulo Eugênio Gedoz de Carvalho
Diretor do Centro de Ciências da Saúde

ANEXO B



Declaração

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: ***Ética e Corpo na Formação Docente em Educação Física***, e como esta Instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Caxias do Sul, 24 de março de 2009.

Prof^ª. Ms. Maria Teresinha Mandelli Grasselli
Coordenadora do curso de Licenciatura em
Educação Física

ANEXO C

Data: Entrevista
Egresso: Sexo: Idade:
Local:
Horário: Início: Término:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Professores de Educação Física)

1. Qual sua concepção sobre Ética e quais as atitudes que a englobam?
2. De que forma você problematiza questões de cunho ético em suas aulas?
3. É possível contribuir para a formação de atitudes éticas dos estudantes de Educação Física, se estas, aparentemente, já estão moldadas conforme as experiências individuais?
4. Qual sua concepção sobre Corpo e como isso se reflete em suas atitudes durante as aulas, tanto teóricas quanto práticas?
5. Quais os princípios éticos que você prioriza em suas ações pedagógicas, em relação ao trabalho docente com o corpo do outro?

ANEXO D

Data:
Egresso:
Local: Vila Olímpica
Horário: Início:

Entrevista:
Sexo: Idade:
Término:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Estudantes de Educação Física)

1. Qual sua concepção sobre Ética e quais as atitudes que a englobam?
2. Como você percebe o ensino da Ética no curso de Licenciatura em Educação Física durante as disciplinas teóricas?
3. Quais atitudes éticas dos professores são mais percebidas durante as aulas práticas?
4. Qual sua concepção sobre Corpo?
5. Como os professores lidam (agem) em situações de aula com as questões de cunho ético em relação ao trabalho docente com o corpo do outro?
6. Quais atitudes dos professores que você percebe durante as aulas teóricas e práticas que mais evidenciam a preocupação do professor em relação ao trabalho que os estudantes de Educação Física realizarão nas escolas?
7. As atitudes dos professores influenciam as atitudes dos estudantes?

ANEXO E

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA											
Título do Projeto: Ética e Corpo na Formação Docente em Educação Física											
Área do conhecimento: Educação					Número de participantes:			Total:			
Curso: Licenciatura em Educação Física											
Projeto: multicêntrico		Si	x	Não	x	Nacio	Internacio	Cooperação	Sim	x	Não
		m			nal	nal	Estrangeira				
Instituição onde será realizado: Curso de Educação Física da Universidade de Caxias do Sul											
Nome do pesquisador: Lisiane Reis Brum											
<p>Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa. A sua participação no estudo é de extrema importância, mas se você resolver desistir do estudo a qualquer momento, tal decisão não lhe causará nenhum prejuízo. Para que você participe do estudo, é necessária sua assinatura no final deste documento. Leia com atenção todos os itens.</p>											
2. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA											
Nome:						Data de Nasc:			Sexo:		
Nacionalidade:				Estado civil:			Profissão:				
RG:		CPF/MF:			Telefone:			E-mail:			
Endereço:											
3. IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL											
Nome: Lisiane Reis Brum						Telefone:					
Profissão: Professora			Registro no Conselho N°:				E-mail:				
Endereço:											
<p>Eu, após receber informações e esclarecimentos sobre este projeto de pesquisa, autorizo, de livre e espontânea vontade minha participação como voluntário(a) e estou ciente:</p>											

Da justificativa e dos objetivos para realização desta pesquisa

A Educação Física, como prática pedagógica, que tem tematizado os elementos que fazem parte da cultura corporal e do movimento do ser humano, encontra, em seu percurso histórico, uma multiplicidade de reflexões e debates acerca da formação de seus professores. O interesse por uma formação de professores voltada para as questões relativas à dimensão da atitude ética, que o professor de Educação Física apresenta com seus alunos, tem início a partir do momento em que se percebe a importância de pensar em uma Educação Física com referencial teórico e prático norteados pela ética. Diante da importância das atitudes do professor universitário e da influência que exerce na vida de seus alunos, durante a trajetória acadêmica, a presente pesquisa tem como objetivo examinar como o curso de Licenciatura em Educação Física tem contribuído para a formação da atitude ética de seus alunos em relação ao trabalho com o corpo. Este estudo possivelmente contribuirá para a produção de conhecimentos e reflexões na formação acadêmica; onde futuras pesquisas em torno das práticas pedagógicas de professores de Educação Física poderão ser repensadas e realizadas.

Do procedimento para coleta de informações

Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas entre professores e alunos do curso de Licenciatura em Educação Física. As entrevistas serão realizadas pela própria autora do estudo. Serão estabelecidos horários para entrevista de acordo com a disponibilidade do participante, além de assegurados seu anonimato e sigilo quanto às informações. As entrevistas terão duração de 60 minutos e serão realizadas na sala 202 da Vila Olímpica da Universidade.

Dos desconfortos e dos riscos

Trata-se de uma pesquisa sem riscos e a participação é voluntária.

Dos benefícios

Após a análise das entrevistas, os resultados serão fornecidos para todos os participantes da pesquisa. O estudo pretende examinar a contribuição do curso de Educação Física na formação da atitude ética no trabalho docente com o corpo, visto que as atividades físicas, como expressão de valorização genuinamente humana, desperta também a atenção de pesquisadores de diferentes áreas.

Da isenção e do ressarcimento de despesas

A participação é isenta de despesas e ressarcimento porque nenhum entrevistado terá despesas na realização do estudo. O sujeito da pesquisa não receberá nenhuma remuneração.

Da liberdade de recusar, desistir ou retirar meu consentimento

Qualquer participante da pesquisa tem a liberdade de recusar, desistir ou de interromper a colaboração nesta pesquisa, no momento em que desejar, mediante comunicação à pesquisadora. A desistência não causará nenhum prejuízo ao sujeito. As informações obtidas não serão utilizadas para outros estudos e, caso a pesquisa se encerre ou o sujeito desista de participar, as entrevistas serão devolvidas aos participantes.

Da garantia de sigilo e de privacidade

A identidade dos participantes do estudo será mantida em sigilo preservando sua integridade. Os resultados obtidos nas entrevistas, possivelmente serão divulgados em publicações científicas.

Garantia de acesso e esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa

Você tem a garantia de tomar conhecimento e obter informações, a qualquer tempo, dos procedimentos e métodos utilizados neste estudo, bem como dos resultados obtidos. Para tanto, poderá consultar a pesquisadora responsável (Lisiane Reis Brum, acima identificada), ou o Comitê de Ética em Pesquisa da UCS – Caxias do Sul (RS), com endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Sala 302, Bloco A, Bairro Petrópolis Caxias do Sul, CEP: 95070-560 Tel: 3218 2100 ramal 2289 (manhã) 2229 (tarde).

Declaro que obtive todas as informações necessárias e os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por estar de acordo, assino o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

_____ (), _____ de _____ de _____.

Sujeito da pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Prof. Dr. Evaldo Antônio Kuiava

Prof. Dr. Jayme Paviani

Orientador da pesquisa

Coorientador da pesquisa

Fone:

Fone:

Testemunhas

Nome:

Nome:

RG:

RG:

CPF:

CPF:

Telefone:

Telefone:

ANEXO F

Data: 16/4/2009
Egresso: 2004
Local: Vila Olímpica
Horário: início: 8h 35min

Entrevista: Estudante nº 1
Sexo: M Idade: 24
Término: 8h 53min

ENTREVISTA

(Estudantes de Educação Física)

1. Qual sua concepção sobre Ética e quais as atitudes que a englobam?

Aluno: a minha concepção de ética são todas as atitudes que o profissional de Educação Física, não só como professor, e sim, como ser, tem em suas tarefas, tem em seu cotidiano, tem na sua vida.

2. Como você percebe o ensino da Ética no curso de Licenciatura em Educação Física durante as disciplinas teóricas?

Aluno: acontece pelos profissionais, pelos professores que realizam essas atividades juntamente com a postura deles, eles apresentam uma postura ética e um relacionamento de ensino e aprendizagem agradável a todos os alunos e a ele mesmo, né! Aprende sim, percebo nas disciplinas práticas.

3. Quais atitudes éticas dos professores são mais percebidas durante as aulas práticas?

Aluno: como nosso curso abrange vários professores né, a gente percebe tanto nos professores da prática como nos professores das teóricas que personalidades são diferentes, então, são professores que têm personalidades éticas, eles têm respeito com o aluno, tem respeito com o ensino e com a aprendizagem e são professores que de repente não estão tão comprometidos com a atividade, isso seria para mim falta de ética, essa falta de comprometimento deles com o ensino do aluno.

4. Qual sua concepção sobre Corpo?

Aluno: corpo humano, ele tem que ser compreendido pra mim em um âmbito geral de mente né...e físico, é isso que entendo de corpo né, aquela frase: corpo san, mente san, né!

5. Como os professores lidam (agem) em situações de aula com as questões de cunho ético em relação ao trabalho docente com o corpo do outro?

Aluno: tanto em aulas teóricas quanto práticas, sempre presenciei professores muito éticos em relação ao corpo, nunca nenhum professor do curso de Educação Física teve uma atitude que desrespeitava o corpo do outro, e sim, todos respeitando os acadêmicos.

6. Quais atitudes dos professores que você percebe durante as aulas teóricas e práticas que mais evidenciam a preocupação do professor em relação ao trabalho que os estudantes de Educação Física realizarão nas escolas?

Aluno: eles procuravam, é claro que não todos, alguns procuravam de acordo com as características físicas e de acordo com as características individuais de cada um, fazer os

trabalhos práticos direcionados a sua disciplina, e alguns outros não se importavam com as individualidades dos acadêmicos e sim simplesmente davam um trabalho independente, independente se a pessoa ser alta, magra, baixa, independente da individualidade de cada um.

7. As atitudes dos professores influenciam as atitudes dos estudantes?

Aluno: em partes influenciam, porque no início do meu curso acadêmico, quando eu ingressei na UCS, eu era uma pessoa que de repente em minhas atitudes não presenciavam tanto a ética, eu tinha uma vida noturna bastante forte, eu fumava, eu bebia diretamente né, saía em festas e no decorrer do tempo, com estudo aprofundado e se baseando sim em alguns professores eu mudei meus atos de vida, eu mudei não só a parte de alimentação, de regrar a atividade física, mas sim, deixei de fumar, de beber. Essas atitudes não tive mais em minha vida e pode ser dada assim em alguns professores do nosso curso e acaba contribuindo sim para a responsabilidade também. Todos professores que eu procuro me basear são os bons, acho que na nossa vida a gente tenta se basear no melhor. Dentro de nosso curso existe o melhor e alguns que não são tão bons, mas a gente procura se basear no melhor. E isso depende da característica de cada um, também como indivíduo.

ANEXO G

Data: 9/4/2009

Egresso:

Local: Sala 102, Vila Olímpica

Horário: Início: 10h 16min

Entrevista: Professor nº 5

Sexo: M Idade: 42

Término: 10h 33min

ENTREVISTA

(Professores de Educação Física)

1. Qual sua concepção sobre Ética e quais as atitudes que a englobam?

Professor: eu penso que a ética é tudo aquilo que nós fazemos no dia a dia, certo? e que me deixa tranquilo comigo mesmo; eu acho que essa questão de padrões éticos, limites éticos, é muito pessoal e muito particular de cada um e eu penso também que tem muita relação com o outro que tá do meu lado, eu acho que tem muita apreensão do outro, a minha concepção de ética...ela passa por aí..o que é ético e o que não é ético com relação a mim mesmo e com relação a quem tá do meu lado né, então, basicamente, a minha concepção é essa, em relação as pessoas né. A ética, ela passa pelas atitudes de respeito, pelas atitudes de ouvir, pelas atitudes de procurar entender o outro. Eu tenho um exercício, que eu poderia até chamar ele de ético, que é sempre tentar me colocar no lugar do outro que tá conversando comigo, na posição dele, pra tentar entender por um outro foco, enfim, e aí poder tomar decisões éticas, então é um pouco diferente de moral né, porque a moral é um pouco mais padronizada, um pouco mais social, existem limites morais, por exemplo eu não posso sair sem roupa na rua, porque isso é antiético? Não, mas porque isso é uma regra, ela é imoral, enfim, mas pra mim pode ser altamente ético sair sem roupa.

2. De que forma você problematiza questões de cunho ético em suas aulas?

Professor: olha! Nas questões do dia a dia, problematização de ética, eu vou te dizer assim ó, eu não me lembro de ter feito abordagens específicas sobre isso nas minhas aulas certo? Olha! Éticamente vocês devem agir desta forma, vamos discutir a ética, porque me parece que isso perpassa por todo um processo, não tem como a gente trabalhar sem ter uns preceitos éticos, sem ter convicção das coisas, sem ter esse olhar do que eu falei antes né, o que é ético pra ti, o que é ético pro meu aluno, o que eu posso ou o que não posso fazer com ele que vai auxiliá-lo ou quem sabe prejudica-lo, então em sala de aula, eu não lembro de ter feito abordagens específicas sobre ética, eu lembro de ter discutido muito sobre ética né, o que é correto na postura do professor, no relacionamento professor aluno, né dentro de sala de aula, principalmente, o que é permitido e o que não é permitido, isso não é regra, porque essa regra não existe, não existe uma regra que diga, por exemplo, que é proibido o professor ter um relacionamento com o aluno, isso não existe, é um padrão social que foi estabelecido que algumas pessoas chamariam de imoral até, entendeu, então, por exemplo, conheço muitos relacionamentos que iniciaram na sala de aula, relacionamentos sérios, isso é imoral? Não, eles foram anti éticos? Não. Então depende muito da situação.

3. É possível contribuir para a formação de atitudes éticas dos estudantes de Educação Física, se estas, aparentemente, já estão moldadas conforme as experiências individuais?

Professor: tenho certeza que sim, por alguns aspectos, primeiro, conhecendo um pouco o trabalho dos outros professores também e falando do meu, como eu te disse, talvez não se aborde além da disciplina ética profissional que ela vai bem, toca o dedo na ferida, digamos assim, da ética, mas eu acredito que todos os professores no curso de Educação Física, eles conversam muito sobre atitudes éticas, do que pode ou o que não pode, do que é ou não é permitido, de posturas que eles acreditam sem ser doutrinário. Então eu acho que nesse sentido sim, e no segundo, é a própria questão do professor como exemplo né...isso é característico, desde as idades menores que tem o professor como ídolo, na graduação evidente que isso muda um pouco, o professor não é o ídolo, mas por exemplo, através da avaliação *online* que agente tem aí a alguns anos, muitos alunos escrevem nas suas mensagens o seguinte: quando eu me formar eu quero ser um profissional como você. Bom! Tá espelhado que as atitudes que a gente tem, as boas e as ruins, elas aparecem pros alunos, e eu vou te dizer inclusive o seguinte, já vi muitas situações aqui no curso que no momento em que houve uma atitude questionável por parte de algum professor na questão ética, isso se discute e se espalha entre os alunos. Então a discussão é muito efervescente, ah! Tu viu? aconteceu tal coisa, olha o professor, olha a atitude que ele tomou!

4. Qual sua concepção sobre Corpo e como isso se reflete em suas atitudes durante as aulas, tanto teóricas quanto práticas?

Professor: o corpo pra mim é muito mais do que falam, que é a casa da nossa alma né, existe uma linha que trabalha com isso. Eu acho que o corpo é tudo em relação ao que a gente recebe e transmite, por exemplo, em termos de informações externas e internas, então o nosso corpo, eu vejo alguma coisa e imediatamente o meu corpo reage, imediatamente o meu corpo pensa, porque pensar faz parte do meu corpo. Imediatamente o meu corpo sente, e isso é interno, às vezes eu tomo atitudes e o meu corpo responde, então ele é... além de ser casa da nossa alma, mas o corpo...ele é tudo e por isso ele deve ser respeitado, porque eu não entendo o corpo só como essa parte física, que eu to te vendo e tu ta me vendo e agente sabe que internamente a gente tem órgãos internos, eu não entendo o corpo assim, eu entendo o corpo como uma junção do que o que a gente pensa, do que a gente sente, com essa carne toda, eu entendo como uma totalidade, esse corpo todo: pensamento, sentimento e físico é que acaba recebendo e transmitindo informações e definindo atitudes.

5. Quais os princípios éticos que você prioriza em suas ações pedagógicas em relação ao trabalho docente com o corpo do outro?

Professor: vou te responder com um exemplo: falando de licenciatura, certo? Sempre que trabalhei (nome do esporte) na licenciatura eu acho que não deixei só a questão técnica em evidência, porque que eu acredito muito nisso, porque eu acredito que o esporte, que a atividade física, enfim, então ela não é atividade pela atividade, infelizmente a gente tem hoje a Educação Física com um período onde esse transporte fica muito mais difícil né? Quando a gente tinha dois ou três períodos, a gente tava indo de ônibus, agora a gente tá indo de bicicleta e demora mais, mas enfim, eu acredito que ela é veículo, veículo do que? Ok, eu vou ensinar (nome do esporte) na escola pra que as crianças aprendam esse esporte também e que tenham domínio, um pouco, de um dos elementos sociais da área do esporte e que ele é um elemento de sociabilização, de integração, e aqui eu tô falando de corpo, né, de sentimentos, de não rejeição talvez, uma criança que joga direitinho, ela vai pra uma quadrinha na praia brincar, ela vai ser bem-aceita, né? Existe toda essa situação, mas principalmente ela vê o esporte como um todo, e não só o esporte pelo esporte, mas qualquer coisa que eu vá aplicar no esporte pra que ela possa brincar, ela tem que ter o sentido de educar, e educar passa pelo corpo, passa por eu não empurrar meu colega porque eu sei que vai machucar, mas vai machucar em que esfera, vai machuca-lo talvez fisicamente porque

pode cair mas talvez vai machucá-lo muito mais internamente e aí passa por um preceito ético, cai na minha primeira resposta, o que é ético pra mim e o que é ético em relação ao outro. Então isso tudo, eu acredito que dentro das aulas de Educação Física aqui do curso é um aspecto que eu procuro transmitir; então, gente: vamos construir uma atividade com os alunos, regra: todos deverão participar de alguma forma e a habilidade não pode ser o elemento principal, construam algum exercício onde todo mundo participe. E tem algumas vertentes da própria Educação Física que eu acho que elas são muito fortes nesse quesito né, por exemplo, a vertente dos jogos cooperativos que tu conhece bem, ela trabalha com isso, então eu tive experiências não só na graduação, mas no Ensino Médio, de implantar algumas possibilidades de jogos cooperativos em que os alunos deram uma resposta assim altíssima, exemplo: duas alunas que estavam de atestado, uma com o joelho machucado, a outra com o tornozelo, as duas não podiam fazer a aula então a tarefa era: construam um jogo de basquete aonde toda turma deverá participar, inclusive as duas meninas que estão de atestado. E aí acabaram criando um jogo onde as duas ficavam sentadas dentro do garrafão em uma cadeira e a equipe pra fazer a cesta, obrigatoriamente, tinha que passar a bola pra elas. Então, nesse sentido eu acho que a Educação Física contribui muito para as questões éticas.

Ok, muito obrigada professor!